

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LAILA MARIA MEDEIROS TAVARES

**TEATRO E FORMAÇÃO HUMANA NA VELHICE: O TEATRO DO OPRIMIDO
NO PROGRAMA AFRID**

UBERLÂNDIA

2018

LAILA MARIA MEDEIROS TAVARES

**TEATRO E FORMAÇÃO HUMANA NA VELHICE: O TEATRO DO OPRIMIDO
NO PROGRAMA AFRID**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Bosco de Lima

UBERLÂNDIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

T231t Tavares, Laila Maria Medeiros, 1987-
2018 Teatro e formação humana na velhice : o teatro do oprimido no
Programa AFRID / Laila Maria Medeiros Tavares. - 2018.
117 f. : il.

Orientador: Antonio Bosco de Lima.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.547>
Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Teatro do oprimido - Teses. 3. Idosos -
Qualidade de vida - Teses. 4. Idosos - Condições sociais - Teses. I. Lima,
Antonio Bosco de, 1961-. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

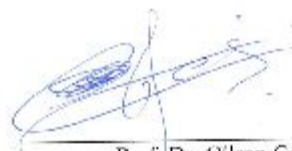
CDU: 37

Glória Aparecida – CRB-6/2047

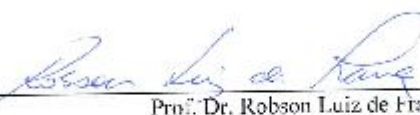
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antonio Bosco de Lima
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Prof. Dr. Cilson César Fagiani
Universidade de Uberaba - UNIUBE



Prof. Dr. Robson Luiz de França
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Dedico este trabalho a todos que contribuíram,
direta ou indiretamente, com a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos:

À FAPEMIG, que oportunizou a realização de um sonho, apoiando a viabilização desta pesquisa.

À UFU, que por meio da educação pública e de qualidade, transformou minha vida e possibilitou minha compreensão de mim mesma e do mundo.

A todos os meus professores da graduação em Pedagogia e da pós-graduação em Educação, por todo o conhecimento compartilhado.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Bosco de Lima, pelas orientações sempre assertivas, pelas sementes de inquietação lançadas a cada encontro e por me incentivar no resgate do meu olhar poético.

À minha mãe Eliene, por ser meu exemplo maior de amor, coragem e sensibilidade, ao me alfabetizar pelo método de Paulo Freire ainda que desconhecesse, naquela época, a teoria freiriana. Obrigada também por me inspirar enquanto professora, mostrando-me, com seus exemplos, seu amor pela Educação.

Ao meu irmão Gilmar Júnior (Ju), por ser meu herói e meu exemplo de caráter.

À minha família por ser minha raiz, minha base e meu acolhimento durante esse percurso.

Ao meu amor Henrique, por sempre me apoiar, acreditar em mim e ser um dos meus maiores incentivadores.

Aos meus amigos, por serem meu conforto nos momentos de angústia.

Às minhas parceiras de mestrado, pela amizade e pelo constante incentivo.

À Professora Geni, que com seu olhar generoso e sensível ao tema da velhice, permitiu meu encontro com o programa AFRID.

À Izaura, pela disponibilidade e pelas palavras sempre amigas.

À Escola Livre do Grupontapé de Teatro, por abrir suas portas e seu coração, possibilitando a realização desta pesquisa. Muito obrigada Juliana Nazar, Cássio Machado, Katia Bizinotto, Kátia Lou, Renan dos Reis, Rubem dos Reis, Juliano Rodrigues (*in memoriam*), Imanol Tolaretxipi e todos que não foram aqui mencionados.

"A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...

Quando se vê, já é sexta-feira...

Quando se vê, passaram 60 anos...

Agora, é tarde demais para ser reprovado...

E se me dessem — um dia — uma outra oportunidade,

eu nem olhava o relógio.

Seguia sempre, sempre em frente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas."

(Mário Quintana)

RESUMO

Este trabalho de mestrado foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, na Linha de Pesquisa "Trabalho, Sociedade e Educação", tendo como objetivo geral investigar os impactos do Teatro do Oprimido, considerando-o uma potente ferramenta pedagógica, na terceira idade. Para isso, dedicou-se alguns apontamentos visando elucidar a trajetória metodológica trilhada no decorrer deste trabalho, identificando a natureza metodológica desta dissertação e elencando os instrumentos de pesquisa utilizados. Apresentou-se também os principais aspectos teóricos abordados pelo pensamento de Karl Marx a partir de seu método materialista histórico dialético, buscando compreender o lugar destinado ao corpo velho sob a égide do capitalismo. Nesse contexto, procurou-se esclarecer os principais aspectos que abrangem a velhice, utilizando como principal referência teórica a obra "A Velhice", de Simone de Beauvoir, sinalizando também para o fenômeno do envelhecimento populacional. Teceu-se, ainda, algumas reflexões acerca das aproximações entre as teorias de Augusto Boal e de Paulo Freire, tendo em vista que o fio condutor desta pesquisa - o Teatro do Oprimido - foi inspirado na Pedagogia do Oprimido. Em face dos princípios teóricos de Karl Marx, Augusto Boal e Paulo Freire, abordados neste trabalho, propôs-se pensar a sociedade capitalista como uma peça teatral, analisando o papel do aparelhamento ideológico do Estado, especificamente do AIE escolar, na determinação das máscaras sociais. Além disso, intentou-se elucidar o *locus* desta pesquisa, de forma a contemplar o programa AFRID e o grupo AFRIDança, que constituem o público-alvo desta dissertação, tecendo-se, também, algumas compreensões relevantes, suscitadas a partir da análise das informações e dos dados captados com o auxílio dos instrumentos metodológicos. Por último, verificou-se a hipótese inicialmente levantada por esta pesquisa, com destaque para os benefícios proporcionados pelo Teatro do Oprimido na terceira idade, abordando a necessidade de se trazer à tona a questão da velhice e de despi-la dos estereótipos a ela associados, fazendo do fenômeno do envelhecimento não um problema social, e sim uma conquista.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido; Pedagogia do Oprimido; Velhice.

ABSTRACT

This master's work was developed in the Graduate Program in Education of the Federal University of Uberlândia, in the Research Line "Work, Society and Education", with the general objective to investigate the impacts of the Theater of the Oppressed, considering it a powerful tool pedagogical, in the third age. For this, we devoted some notes to elucidate the methodological trajectory traced in the course of this work, identifying the methodological nature of this dissertation and listing the research instruments used. It was also presented the main theoretical aspects approached by the thought of Karl Marx from his dialectical historical materialist method, seeking to understand the place destined to the old body under the aegis of capitalism. In this context, we sought to clarify the main aspects that cover old age, using as main theoretical reference the work "Old Age", by Simone de Beauvoir, also signaling to the phenomenon of population aging. Some reflections were also made on the approximations between the theories of Augusto Boal and Paulo Freire, considering that the guiding thread of this research - the Theater of the Oppressed - was inspired by the Pedagogy of the Oppressed. In the face of the theoretical principles of Karl Marx, Augusto Boal and Paulo Freire, discussed in this paper, it was proposed to think of capitalist society as a theater, analyzing the role of ideological rigging of the State, specifically the school IEA, in determining social masks. In addition, we attempted to elucidate the locus of this research, in order to contemplate the AFRID program and the AFRIDança group, which constitute the target audience of this dissertation, also weaving some relevant understandings, arising from the analysis of the information and the data obtained with the aid of methodological instruments. Finally, we verified the hypothesis initially raised by this research, highlighting the benefits provided by the Theater of the Oppressed in the third age, addressing the need to raise the old age's question and to remove the stereotypes associated with it, making the phenomenon of aging not a social problem, but an achievement.

Keywords: Theater of the Oppressed; Pedagogy of the Oppressed; Old Age.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AFRID - Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade.

AIE - Aparelhos Ideológicos do Estado.

EDH - Educação em Direitos Humanos.

FAEFI - Faculdade de Educação Física.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ICIRA - Instituto Chileno para a Reforma Agrária.

ILPI - Instituições de Longa Permanência para Idosos.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MBL - Movimento Brasil Livre.

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização.

ONU - Organização das Nações Unidas.

PEA - População Economicamente Ativa.

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira.

PT - Partido dos Trabalhadores.

RENCA - Reserva Nacional de Cobre e Associados.

SIS - Síntese de Indicadores Sociais.

UFU - Universidade Federal de Uberlândia.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURA 1 - exercício teatral com o grupo da peça "A Aurora da Minha Vida"	20
FIGURA 2 - Aquecimento para a estreia da peça "A Aurora da Minha Vida"	20
FIGURA 3 - Exercício Cênico "Superpoderes"	21
FIGURA 4 - Tipos de Pesquisa Científica	23
FIGURA 5 - Pirâmides Etárias Absolutas	44
FIGURA 6 - Augusto Boal, Juca de Oliveira, Flávio Império e Gianfrancesco Guarnieri ...	48
FIGURA 7 - entrevista de Augusto Boal	50
FIGURA 8 - apresentação do grupo AFRIDança	68
FIGURA 9 - sequência de alongamentos	71
FIGURA 10 - sequência de movimentos de rotação	72
FIGURA 11 - corrida em câmara lenta (BOAL, 1980, p. 134)	74
FIGURA 12 - roda de ritmo e movimento (BOAL, 1982, p. 70)	75
FIGURA 13 - teatro-imagem	77
FIGURA 14 - teatro-debate (ou teatro-fórum)	80
FIGURA 15 - teatro-jornal	81
TABELA 1 - Idade	90
TABELA 2 - Escolaridade	91
TABELA 3 - Tipo de trabalho mais exercido durante a vida	92
TABELA 4 - Ser chamada de "velha" ou "idosa"	93
TABELA 5 - Contato com o teatro	94
TABELA 6 - Dificuldade de se expor	95
TABELA 7 - Expectativas com relação às aulas de teatro	96

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Delineamento da Proposta	18
1.2 Trajetória Metodológica	18
1.2.1 A Educação encontra o Teatro	19
1.2.2 Natureza metodológica da pesquisa	22
1.3 Estrutura da Dissertação	26
1.4 Instrumentos de Pesquisa	27
1.4.1 As intervenções	27
1.4.2 A observação	28
1.4.3 As entrevistas	28
2. CAPITALISMO: O DRAMA DO VELHO CORPO REJEITADO	30
2.1 Marx e o materialismo histórico dialético	31
2.2 Velhice e Envelhecimento	36
2.2.1 A Velhice	36
2.2.2 O Fenômeno do Envelhecimento Populacional	43
3. TEATRO DO OPRIMIDO E PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: APROXIMAÇÕES ENTRE AS TEORIAS DE AUGUSTO BOAL E DE PAULO FREIRE	46
3.1 Contexto Histórico	47
3.2 A sociedade capitalista como peça teatral: reflexões sobre as máscaras sociais	53
3.3 As máscaras sociais	56
3.4 Máscaras humanizadoras x máscaras coisificadoras	57
3.5 O Aparentamento Ideológico do Estado	57
3.6 O AIE escolar	60
3.7 O AIE escolar na disseminação da violência	61
4. CONSTATAÇÕES DA PESQUISA E DISCUSSÃO	64
4.1 O programa AFRID e o grupo AFRIDança	64
4.2 Constatações das Intervenções	68
4.2.1 Primeiro encontro: conhecimento do corpo	69
4.2.2 Segundo encontro: tornando o corpo expressivo	72

4.2.3 Terceiro encontro: o teatro-imagem	76
4.2.4 Quarto encontro: o teatro-debate (ou teatro-fórum)	78
4.2.5 Quinto encontro: o teatro-jornal	81
4.3 Constatações da Observação	82
4.4 Constatações das entrevistas	85
4.4.1 Transcrição das entrevistas	85
4.4.2 Análise das entrevistas	90
4.4.2.1 Idade	90
4.4.2.2 Escolaridade	91
4.4.2.3 Tipo de trabalho mais exercido durante a vida	92
4.4.2.4 Ser chamada de "velha" ou "idosa"	93
4.4.2.5 Contato com o teatro	94
4.4.2.6 Dificuldade de se expor	95
4.4.2.7 Expectativas com relação às aulas de teatro	96
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
6. REFERÊNCIAS	102
7. APÊNDICES	109
7.1 Memorial	110
7.2 Roteiro para Entrevista	117

1. INTRODUÇÃO

*"Fiz de mim o que não soube,
 E o que podia fazer de mim não o fiz.
 O dominó que vesti era errado.
 Conheceram-me logo por quem não era
 E não desmenti, e perdi-me.
 Quando quis tirar a máscara,
 Estava pegada à cara.
 Quando a tirei e me vi ao espelho,
 Já tinha envelhecido.
 Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó
 Que não tinha tirado.
 Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
 Como um cão tolerado pela gerência
 Por ser inofensivo
 E vou escrever esta história
 Para provar que sou sublime." ¹*

Esta pesquisa de mestrado foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia e insere-se na Linha de Pesquisa "Trabalho, Sociedade e Educação". Procurou-se, por meio desta, investigar os possíveis benefícios do teatro, mais especificamente do Teatro do Oprimido, na velhice. Para isso, enxergou-se na metodologia teatral uma potente ferramenta pedagógica, capaz de promover não só o despertar da consciência acerca das opressões experimentadas pelo público senil na sociedade capitalista - estruturada, de acordo com as teses marxianas², em torno da luta de classes - como também da reflexão crítica sobre esta realidade opressora, buscando, sobretudo, propor alternativas que instrumentalizassem os indivíduos pesquisados na transformação desta realidade.

¹ PESSOA, Fernando. Tabacaria. In: **Poemas**. Seleção e Introdução de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 135-136.

² O termo *marxiano* é utilizado para designar as teses oriundas do próprio Karl Marx (1818-1883), enquanto o termo *marxista* diz respeito às teses provenientes dos estudiosos do referido pensador.

Para isso, a pesquisa teve como público-alvo um grupo de mulheres³ da terceira idade⁴ que integram o programa AFRID⁵ e com as quais foram desenvolvidas técnicas metodológicas oriundas do Teatro do Oprimido⁶, visando investigar os impactos dessa metodologia teatral enquanto uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de promover a conscientização dessas mulheres acerca das situações de opressão por elas experimentadas e capacitando-as, sobretudo, a transformarem a realidade por meio de uma proposta dialógica entre educação e teatro.

Enquanto o teatro burguês funciona como uma espécie de espelho que reflete intencionalmente imagens moldadas pela classe dominante com o intuito de disseminar a sua ideologia à classe dominada, o Teatro do Oprimido possibilita à classe proletária, uma vez consciente de sua opressão, penetrar nesse espelho e transformar as imagens por ele refletidas.

Ademais, sabe-se que, na sociedade capitalista, a educação formal - esta que se dá nos espaços escolares - coloca-se a serviço do Estado no que diz respeito à disseminação da ideologia dominante, formando um homem alienado para o trabalho e contribuindo para a manutenção do *status quo*. Nesse contexto, seria inclusive ingênuo restringir o processo educativo ao ambiente escolar. A própria Lei nº 9.394/96, a LDB, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, traz em seu primeiro artigo que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino

³ O fato do grupo pesquisado ser constituído apenas por mulheres está ligado ao fenômeno da *feminização* ou *feminilização* da velhice, que será discutido devidamente no capítulo pertinente.

⁴ Observa-se discrepâncias acerca da idade cronológica estabelecida para designar os indivíduos pertencentes à terceira idade. Isso ocorre devido ao abismo que separa os países desenvolvidos dos subdesenvolvidos, no tocante às condições econômicas e sociais que incidem diretamente nas condições materiais de existência da classe idosa. Tanto a ONU quanto o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003) estipulam a idade cronológica de 60 anos para situar a população idosa. Nos países desenvolvidos, determina-se como marco da velhice os 65 anos de idade. (Informações disponíveis, respectivamente, em: <<<https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>>> e em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>>. Acessos em: 28 ago. 2017 e 04 mar. 2017).

⁵ O AFRID corresponde a um programa de extensão vinculado institucionalmente à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU) e cuja sigla indica a abreviação de **Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade**. Visando obedecer a dinâmica deste trabalho, retomar-se-á este tema posteriormente com os devidos apontamentos.

⁶ Criado por Augusto Boal, o Teatro do Oprimido é inspirado pela Pedagogia do Oprimido, do educador Paulo Freire, e constitui-se num conjunto de técnicas teatrais que munem a classe oprimida dos meios de produção teatral que, na sociedade capitalista, pertencem tão somente à burguesia, que utiliza o teatro como instrumento de disseminação da ideologia dominante. Dessa forma, o Teatro do Oprimido possibilita à classe trabalhadora a ruptura da quarta parede (aquela que, na linguagem teatral, separa os atores dos espectadores), de modo que ela possa também ter o direito de subir ao palco e de assumir uma postura ativa frente às situações de opressão experimentadas, refletindo criticamente sobre estas e, sobretudo, transformando-as, abandonando assim a posição fatalista, passiva e observadora inerente aos espectadores).

e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.⁷

Diante disso, percebe-se o quão significativa e transformadora pode ser uma experiência educacional fora do ambiente escolar, que possibilite voz, vez e possibilidades de reflexão ao indivíduo, colocando-o como protagonista do processo educativo.

É importante destacar ainda que, nesta pesquisa, procurou-se considerar o ser humano em sua totalidade, ou seja, em seus aspectos físicos, espirituais⁸ e sociais sendo, desta forma, impossível não rememorar as próprias experiências pessoais da pesquisadora enquanto parte de uma classe que viveu inconscientemente desde a mais tenra idade sob o peso da opressão⁹. Diante disso, coloca-se como dilema *objetividade x subjetividade* da pesquisadora frente à pesquisa em ciências humanas. Recorre-se, então, às palavras de Paulo Freire (1981), que respalda a pesquisa nesse sentido. Segundo ele:

Parece-nos muito claro [...] que, ao apresentarmos esta radical exigência - a da transformação objetiva da situação opressora - combatendo um imobilismo subjetivista que transformasse o ter consciência da opressão numa espécie de espera paciente de que um dia a opressão desapareceria por si mesma, não estamos negando o papel da subjetividade na luta pela modificação das estruturas. Não se pode pensar em objetividade sem subjetividade. Não há uma sem a outra, que não podem ser dicotomizadas (FREIRE, 1981, p. 38).

Freire (1981) corrobora com a ideia de que a consciência é fruto da permanente dialeticidade entre subjetividade e objetividade, defendendo que a práxis autêntica só é possível nesta unidade dialética constituída pelo subjetivo com o objetivo, sendo esta unidade dialética um permanente movimento de distanciamento e imersão na realidade, de ação e reflexão contínuas dos homens sobre o mundo para transformá-lo. O autor afirma ainda que:

A objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sobre ela, é *objetivismo*. Da mesma forma, a negação da objetividade, na análise como na ação, conduzindo ao subjetivismo que se alonga em posições solipsistas, nega a ação em si mesma, por negar a realidade objetiva, desde que esta passa a ser criação da consciência. Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade (FREIRE, 1981, p. 38-39).

⁷ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

⁸ Este termo é usado pelo próprio Karl Marx para se referir às faculdades intelectuais do indivíduo.

⁹ A respeito disso, consultar Memorial (Apêndices).

Paulo Freire defende, portanto, não a dicotomização entre objetividade e subjetividade, mas sim a sua unidade dialética, complementando que:

Confundir subjetividade com subjetivismo, com psicologismo, e negar-lhe a importância que tem no processo de transformação do mundo, da história, é cair num simplismo ingênuo. É admitir o impossível: um mundo sem homens, tal qual a outra ingenuidade, a do subjetivismo, que implica em homens sem mundo. Não há um sem os outros, mas ambos em permanente integração (FREIRE, 1981, p. 39).

Assim, ainda que houvesse o mundo mas não houvesse o homem para dizer que o mundo é mundo, não existiriam nem homem, nem mundo.

Ainda acerca da questão da objetividade e subjetividade do pesquisador na pesquisa científica, aponta-se as considerações de Laville e Dionne (1999), segundo os quais:

Em ciências humanas, o pesquisador é mais que um observador objetivo: é um ator aí envolvido. [...] O fato de o pesquisador em ciências humanas ser um ator que influencia seu objeto de pesquisa, e do objeto de pesquisa, por sua vez, ser capaz de um comportamento voluntário e consciente, conduz a uma construção do saber cuja medida do verdadeiro difere da obtida em ciências naturais. (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 34-35).

Em consonância com as ideias marxianas, não se pode conceber o trabalho científico desatrelando sua dimensão manual da intelectual, corroborando, assim, com a lógica do modo de produção capitalista. Na verdade, o que se pretende aqui é justamente o contrário: a pesquisa científica deve ser considerada como a unidade entre o pensar e o fazer, sendo o pesquisador aquele que domina a totalidade do processo de produção científica, desde o seu planejamento até a sua execução.

Ademais, é preciso ter em mente que a produção de conhecimento científico em ciências humanas não se aplica tal qual às ciências naturais, uma vez que a natureza humana é carregada de imprevisibilidade, no que diz respeito à compreensão e interpretação dos fenômenos e das experiências vivenciadas, que são muito particulares a cada indivíduo. Isso significa que cada pessoa tende a interpretar o mundo tendo em vista suas próprias experiências pessoais, sua história de vida. Laville e Dionne propõem, então, que "o verdadeiro, em ciências humanas, apenas pode ser um verdadeiro relativo e provisório", já que é impossível "quantificar com exatidão inclinações, percepções, preferências, visões de mundo." (LAVILLE E DIONNE, 1999, p. 35).

1.1 Delineamento da Proposta

A pesquisa desenvolvida traz como título “Teatro e Formação Humana na Velhice: o Teatro do Oprimido no Programa AFRID” e consiste, fundamentalmente, na aplicação de técnicas e jogos do Teatro do Oprimido junto a um grupo de idosas que integram o programa AFRID/UFU, visando avaliar os benefícios de uma metodologia teatral, aliada à educação, na tentativa de capacitá-las a transformarem a realidade por meio de uma proposta dialógica entre educação e teatro.

Para isso, buscou-se apoio na metodologia do Teatro do Oprimido (desenvolvida por Augusto Boal e inspirada pela Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire), que traz em seu cerne a transformação da realidade a partir de jogos e técnicas que permitem, num primeiro momento, a desalienação corporal e a recuperação da expressividade e, posteriormente, a tomada de consciência de situações de opressão a partir da encenação de situações reais vivenciadas por essas pessoas, que assumem, nesse contexto, a posição de protagonistas, estimulando, assim, a troca de experiências, a análise e a compreensão da estrutura representada bem como a busca de meios concretos para ações de transformação efetivas.

Observa-se, assim, a relevância da proposta apresentada, tanto em nível social, quanto em nível científico. Socialmente, tendo em vista a promoção da visibilidade da questão da velhice e dos principais aspectos que ela abarca, além de possibilitar a formação de sujeitos atuantes, autônomos e ativos, protagonistas de sua existência e transformadores da realidade; cientificamente, por considerar viável uma nova metodologia de ensino firmada numa perspectiva dialógica entre educação e teatro.

1.2 Trajetória Metodológica

Esse tópico trata dos caminhos metodológicos trilhados para a execução deste trabalho, tendo em vista que o conhecimento científico não vislumbra apenas o resultado final da pesquisa, quando da refutação ou confirmação de hipóteses. Mais do que isso, constitui-se num "processo sistemático de coleta, organização, análise, interpretação e sistematização desse conhecimento." (HEERDT; LEONEL, 2007, p. 14).

Faz-se necessário, primeiramente, esclarecer como se deu o encontro da pesquisadora com o teatro, visto ser esse processo um fator crucial para a realização desta pesquisa. Em seguida, abordar-se-á a natureza metodológica deste trabalho.

1.2.1 A Educação encontra o Teatro

Após definidas as questões norteadoras deste trabalho, a pesquisadora buscou auxílio junto às redes sociais, em um grupo denominado "Educadores de Teatro Uberlândia", onde obteve uma única e determinante resposta da Prof. Ms. Juliana Nazar¹⁰. Ela revelou estar coordenando a oficina de montagem da peça "A Aurora da Minha Vida", de Naum Alves de Souza, utilizando como base desse processo a metodologia do Teatro do Oprimido.

A pesquisadora foi, então, convidada a conhecer a Escola Livre do Grupontapé de Teatro¹¹, onde passou a acompanhar essa turma às sextas-feiras como assistente pedagógica, processo que se estendeu de agosto/2016 a fevereiro/2017, quando ocorreu a estreia da peça que levou o mesmo nome do título da obra.

¹⁰ Juliana Nazar possui mestrado em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia e atua como professora e coordenadora pedagógica na Escola Livre do Grupontapé de Teatro há 15 anos.

¹¹ A Escola Livre do Grupontapé de Teatro foi fundada em 1994 e constitui um centro de referência profissional das Artes Cênicas na cidade de Uberlândia/MG e região. Distingue-se pela linguagem acessível com qualidade artística e possui uma estrutura profissional fixa continuamente requalificada, mantendo uma equipe comprometida com a missão de promover o desenvolvimento humano por meio do teatro. Dessa forma, o grupo promove projetos de grande relevância para as comunidades das cidades visitadas com seus espetáculos, cursos, treinamentos, ações de formação e sensibilização comportamental e artística para adultos e jovens.

FIGURA 1 - exercício teatral com o grupo da peça "A Aurora da Minha Vida"



Fonte: Ninguém dos Campos.

A figura 1 mostra a pesquisadora acompanhando a execução de um exercício teatral na Escola Livre do Grupontapé de Teatro, com o grupo que participou da montagem da peça teatral "A Aurora da Minha Vida".

FIGURA 2 - Aquecimento para a estreia da peça "A Aurora da Minha Vida"



Fonte: Ninguém dos Campos.

A imagem 2 mostra um momento do aquecimento para a estreia da peça teatral "A Aurora da Minha Vida", que ocorreu em fevereiro de 2017, na Escola Livre do Grupontapé de Teatro, e cuja montagem teve como base a metodologia do Teatro do Oprimido.

A pesquisadora iniciou, também, um processo de formação teatral com o Professor Cássio Machado¹², no período de agosto/2016 a julho/2017, que resultou na apresentação de dois exercícios cênicos: "Superpoderes" (dezembro/2016) e "Neves Mandaqui" (julho/2017).

FIGURA 3 - Exercício Cênico "Superpoderes"



Fonte: Thaneressa Lima.

A figura 3 retrata a apresentação do exercício cênico "Superpoderes", cuja apresentação ocorreu na Escola Livre do Grupontapé de Teatro, em dezembro de 2016.

Tanto o acompanhamento da oficina de montagem da peça de teatral "A Aurora da Minha Vida", coordenada por Juliana Nazar, quanto a participação nas aulas de módulo I e II ministradas pelo Prof. Cássio Machado, constituíram um período essencial no tocante à formação teatral da pesquisadora. Durante o processo de montagem da peça, foi possível reviver e refletir criticamente sobre diversas situações de opressão naturalizadas pelo sistema tradicional de educação, a partir de personagens que funcionavam, conforme Heloisa Prieto traz na apresentação do texto de Naum Alves de Souza:

¹² Cássio Machado é graduado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia e atual como professor na Escola Livre do Grupontapé de Teatro há 15 anos.

[...] como arquétipos cuja interação em cena nos faz rir, chorar e, principalmente, pensar. Sim, porque se trata da escola retratada ainda nos tempos em que os professores reprimiam e humilhavam seus alunos abertamente, sem permitir uma interação entre velhos e jovens. Educação seria algo mais semelhante a um treinamento do que uma maneira de desenvolver a capacidade de refletir (PRIETO, 2003, p. 5).

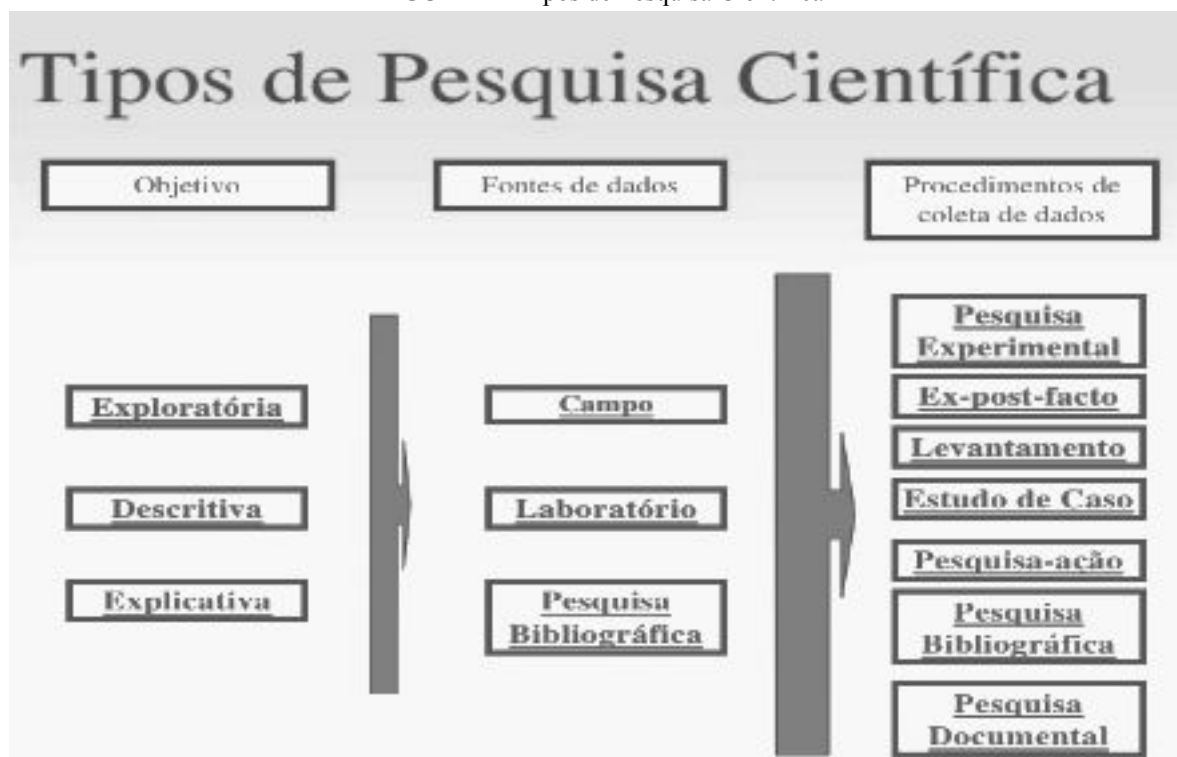
A peça "A Aurora da Minha Vida" revela como a escola foi estruturada historicamente em relações de poder, autoridade e arbitrariedade, fato que se torna evidente com a presença de figuras religiosas ocupando a posição de professores autoritários, arbitrários, munidos de palmatória e de discursos violentos, considerando os alunos como depósitos de informações desencontradas e dessintonizadas com a realidade discente.

Por meio dessa experiência, a pesquisadora pôde reconhecer na prática elementos fornecidos pela teoria, estabelecendo, a partir do confronto desses aspectos, um processo dialético de permanente construção do conhecimento. Além disso, foi possível perceber o corpo humano como principal instrumento do teatro e sem o qual a ação teatral não seria possível. Constatou-se, ainda no decorrer desse percurso, que o corpo humano constitui uma peça-chave no sistema capitalista, atuando como uma mera ferramenta a serviço do capital, um apêndice da máquina, um repetidor de movimentos executados alheiamente à dimensão intelectual humana e em favor da produção cada vez mais eficiente, aniquilado dia após dia no que diz respeito à sua expressividade, à autenticidade de movimentos e à consciência-de-si e do outro.

1.2.2 Natureza metodológica da pesquisa

Acerca da natureza metodológica desta pesquisa científica, é possível identificá-la tendo em vista três aspectos fundamentais, que dizem respeito aos seus objetivos, aos procedimentos de coleta de dados e às fontes utilizadas nesta coleta (SANTOS, 2007, p. 25). Tais aspectos estão apontados na figura a seguir, elaborado a partir da teoria do referido autor.

FIGURA 4 - Tipos de Pesquisa Científica



Fonte: elaborado a partir de SANTOS (2007, p. 26-32).

Em consonância com a proposta apresentada, é possível definir esta dissertação, tendo em vista seus objetivos, como uma pesquisa exploratória. Seu caráter empírico permitiu à pesquisadora aprofundar-se no tema proposto, trazendo à luz informações, dados, conceitos e impressões que colaboraram para a melhor compreensão do assunto investigado.

De acordo com Gil (2002, p. 41) as pesquisas exploratórias

[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições (GIL, 2002, p. 41).

Ainda sobre a pesquisa exploratória, Santos (2007) mostra uma clara visão panorâmica, destacando que trata-se de:

Explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno. Quase sempre busca-se essa familiaridade pela prospecção de materiais que possam informar ao pesquisador a real importância do problema, o estágio em que se

encontram as informações já disponíveis a respeito do assunto, e até mesmo, revelar ao pesquisador novas fontes de informação. (SANTOS, 2007, p. 26).

Tendo em vista as fontes de dados, este trabalho se situa tanto como pesquisa de campo quanto como pesquisa bibliográfica. A pesquisa de campo, nas palavras de Gil (2002):

[...] focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. (GIL, 2002, p. 53).

Já a respeito da pesquisa bibliográfica, cabe destacar a definição de Marconi e Lakatos (2003), segundo as quais:

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 158).

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, este trabalho pode ser compreendido como pesquisa-ação e também como pesquisa bibliográfica. Santos (2007, p. 29) considera como fontes bibliográficas:

[...] os livros (de leitura corrente ou de referência, tais como dicionários, enciclopédias, anuários etc.), as publicações periódicas (jornais, revistas, panfletos etc.), fitas gravadas de áudio e vídeo, páginas de *web sites*, relatórios de simpósios/seminários, anais de congressos etc. A utilização total ou parcial de quaisquer destas fontes é o que caracteriza uma pesquisa como bibliográfica. (SANTOS, 2007, p. 29).

A pesquisa-ação é determinada por Thiollent (1986) como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Uma vez definida a natureza desta pesquisa, é possível estabelecer as etapas metodológicas percorridas para a realização da mesma, conforme demonstrado a seguir.

Para compreender o lugar destinado ao corpo velho sob a égide do capitalismo, realizou-se um estudo bibliográfico, pontuando os principais aspectos que abrangem a teoria de Karl Marx e de seu método materialista histórico dialético, abordando, nesse contexto, a questão da velhice à luz do pensamento de Simone de Beauvoir, com destaque para o fenômeno do envelhecimento populacional.

Buscando analisar as aproximações entre as teorias de Augusto Boal e de Paulo Freire, investigou-se as obras "Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas" e "Pedagogia do Oprimido", munindo-se também de outras fontes bibliográficas, como vídeo documentários e letras de músicas, visando situar em que contexto histórico se deu a origem gênese de tais obras. Nesse contexto, à luz das teorias de Karl Marx, Augusto Boal e Paulo Freire, propôs-se também pensar a sociedade capitalista como uma peça teatral, analisando o papel do aparelhamento ideológico do Estado, especificamente do AIE escolar, no estabelecimento de máscaras sociais.

Para discorrer sobre as constatações da pesquisa, promoveu-se uma análise das informações e dos dados coletados por meio dos instrumentos metodológicos (intervenções, observação e entrevistas), elucidando-se, nesse contexto, o *locus* onde esta pesquisa foi desenvolvida, por meio da apresentação do programa AFRID e do grupo AFRIDança.

Em face disso, as intervenções intentaram propor ações diretas com o público-alvo, com vistas a torná-los sujeitos conscientes das opressões vivenciadas e capazes de transformar essas situações. Para isso, promoveu-se uma sequência de cinco intervenções pedagógico-teatrais, obedecendo as seguintes etapas previstas por Boal (1980):

1. PRIMEIRA ETAPA - Conhecimento do Corpo: sequência de exercícios em que se começa a conhecer o próprio corpo, suas limitações e suas possibilidades, suas deformações sociais e suas possibilidades de recuperação;

2. SEGUNDA ETAPA – Tornar o Corpo Expressivo: sequência de jogos em que cada pessoa começa a se expressar unicamente através do corpo, abandonando outras formas de expressão mais usuais e cotidianas;

3. TERCEIRA ETAPA - O Teatro como Linguagem: aqui se começa a praticar o teatro como linguagem viva e presente, e não como produto acabado que mostra imagens do passado:

3.1 Dramaturgia Simultânea: os espectadores ‘escrevem’, simultaneamente com os outros atores que representam;

3.2 Teatro-Imagem: os espectadores intervêm diretamente, ‘falando’ através de imagens feitas com os corpos dos demais atores ou participantes;

3.3 Teatro-Debate: os espectadores intervêm diretamente na ação dramática, substituem os atores e representam, atuam!

4. QUARTA ETAPA – Teatro como Discurso: Formas simples em que o espectador-ator apresenta o espetáculo segundo suas necessidades de discutir certos temas ou de ensaiar certas ações. Exemplo: 1) teatro jornal; 2) teatro invisível; 3) teatro fotonovela; 4) quebra de repressão; 5) teatro mito; 6) teatro julgamento; 7) rituais e máscaras (BOAL, 1980, p. 131-132).

Já as entrevistas semi-estruturadas foram aplicadas com o objetivo de traçar o perfil dos sujeitos que constituem o público-alvo desta pesquisa, a partir de informações referentes à idade, nível de escolaridade, tipo de trabalho mais exercido durante a vida, grau de dificuldade em situações de exposição, nível de contato com o teatro e expectativas sobre as aulas de teatro.

1.3 Estrutura da Dissertação

Esta dissertação apresenta como objetivo principal investigar os impactos do Teatro do Oprimido, considerando-o uma potente ferramenta pedagógica, na terceira idade.

Com base nas teses do Teatro do Oprimido, buscou-se criar mecanismos que estimulassem a consciência crítica de idosas oriundas da classe trabalhadora acerca das opressões por elas experimentadas, sob a égide da sociedade capitalista, capacitando-as a transformarem a realidade opressora, vislumbrando na metodologia teatral um eficaz instrumento de formação humana. Daí, serão desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- compreender o lugar destinado ao corpo velho sob a égide do capitalismo, bem como os principais aspectos que abrangem a velhice, trazendo à tona o fenômeno do envelhecimento populacional;

- analisar as aproximações entre as teorias de Augusto Boal e de Paulo Freire, propondo também, à luz das teorias de Karl Marx, Augusto Boal e Paulo Freire, tecer reflexões da sociedade capitalista enquanto uma peça teatral, examinando o papel do

aparelhamento ideológico do Estado, especificamente do AIE escolar, no estabelecimento de máscaras sociais;

- situar o *locus* onde esta pesquisa foi desenvolvida, apresentando o programa AFRID e o grupo AFRIDança, investigando também as informações e os dados coletados a partir dos instrumentos de pesquisa, de forma a elucidar os principais aspectos que tangem as constatações deste trabalho;

- avaliar os impactos do Teatro do Oprimido, enquanto uma potente ferramenta pedagógica, na terceira idade.

Tais objetivos serão contemplados nos capítulos 2, 3, 4 e 5, que compõem esta dissertação.

1.4 Instrumentos de Pesquisa

Para assegurar a execução deste trabalho junto ao programa AFRID e, mais especificamente, ao grupo AFRIDança, foram utilizados alguns instrumentos que possibilitaram a coleta de dados e informações, a saber: a) as intervenções; b) a observação; c) as entrevistas.

1.4.1 As intervenções

A intervenção constitui o momento em que a pesquisadora, de fato, interfere diretamente no cenário pesquisado, confrontando prática e teoria, mundo concreto e mundo ideal, saber científico e senso comum, objetividade e subjetividade, aparência e essência, universidade e sociedade. É nessa ocasião que se consolida a práxis autêntica, cuja base se pauta num movimento contínuo de ação e reflexão.

Assim, as intervenções¹³ ocorreram no Campus Educação Física da UFU, onde o programa AFRID funciona há quase 30 anos. Fizeram parte desse processo - que culminou em cinco encontros - doze mulheres que participam do grupo de dança AFRIDança¹⁴, com idades entre 61 e 83 anos.

¹³ Para assegurar uma melhor compreensão das intervenções, optou-se por descrevê-las no tópico "Constatações das Intervenções", tecendo as reflexões pertinentes junto ao relato apresentado.

¹⁴ O programa AFRID, bem como o grupo AFRIDança, serão apresentados no capítulo 4 deste trabalho.

1.4.2 A observação

A partir da delimitação da proposta desta pesquisa, foi possível lançar, *in loco*, um olhar atento, crítico e reflexivo, buscando, à luz do método materialista histórico dialético, constatar as contradições que permeiam o estudo em questão, a partir de um confronto permanente entre teoria e prática.

Nesse sentido, a observação constitui um instrumento de pesquisa muito rico e eficaz, auxiliando na coleta de dados e informações importantes, que nem sempre, se apresentam de maneira objetiva à pesquisadora. Isso significa dizer que muitas apreensões e compreensões foram captadas considerando a linguagem corporal, a linguagem oral e a linguagem escrita, ressaltando que, na terceira idade, a subjetividade do indivíduo não pode ser dissociada da objetividade do mundo concreto, já que tais dimensões estão interligadas.

1.4.3 As entrevistas

Para traçar o perfil das alunas que participaram desta pesquisa, utilizou-se como instrumento metodológico a entrevista semi-estruturada, que proporciona uma maior flexibilidade e maleabilidade na coleta dos dados e informações. Por não se tratar de um questionário fechado, a entrevista semi-estruturada permite a exploração de questões que não fiquem, num primeiro momento, tão claras ao pesquisador, bem como a elucidação de outros pontos que possam surgir no decorrer da entrevista.

Assim, as entrevistas foram realizadas na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, no Campus Educação Física da UFU e contaram com a participação de doze voluntárias, com idades entre 61 e 83 anos, que integram o grupo de dança do programa AFRID/UFU, o AFRIDança.

Vale ressaltar que houve, *a priori*, um encontro destinado à apresentação da proposta de trabalho às participantes, bem como à elucidação acerca do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi devidamente assinado por todas as participantes.

As entrevistas ocorreram na área superior à academia de musculação, onde acontecem semanalmente as aulas de dança do AFRIDança. Para assegurar a privacidade e o bem-estar

das pesquisadas, cuidou-se previamente na escolha de um espaço silencioso e tranquilo, que garantisse a fluidez das entrevistas.

Para a coleta dos dados, utilizou-se um gravador de voz, além de um roteiro, que continha questões referentes à idade, nível de escolaridade, tipo de trabalho mais exercido durante a vida, se a pesquisada se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa e por quê, se a pesquisada já teve algum tipo de contato com o teatro, se a pesquisada sentia algum tipo de desconforto ou dificuldade de se expor e quais as expectativas da pesquisada em relação às aulas de teatro¹⁵.

¹⁵ Ver Apêndices.

2. CAPITALISMO: O DRAMA DO VELHO CORPO REJEITADO

"- Depressa, depressa! - gritou. - Venham depressa! Estão levando Sansão! - Sem esperar ordens do porco, largaram o trabalho e correram de volta para as casas. Realmente, lá estava um carroção fechado, puxado por dois cavalos, com um letreiro no lado e um homem de chapéu-coco sentado na boleia. A baia de Sansão estava vazia. Os bichos se apinharam ao redor do carroção. - Até breve, Sansão! gritaram. - Até breve! - Idiotas! Idiotas! - exclamou Benjamim corcoveando em volta deles e ferindo o chão com os cascos pequeninos. - Imbecis! Não vêem o que está escrito ali ao lado? Isso fez calar os animais e ouviu-se um pss. Maricota começou a soletrar as palavras, mas Benjamim empurrou-a para um lado e leu em meio a grande silêncio: - 'Alfred Simmonds, Matadouro de Cavalos, Fabricante de Cola, Willingdon. Peles e Farinha de Ossos. Fornece para Canis.' Será que vocês não percebem? Vão levar Sansão para o carnicheiro! Houve um grito de horror dos bichos. Nesse momento o homem da boleia estalou o chicote e os cavalos saíram a trote vivo, abandonando o pátio. [...] Ele tentava livrar-se de qualquer maneira. Tempo houve em que com alguns coices Sansão transformaria aquela carroça num monte de lenha. Mas, ai! sua força o abandonara; em poucos instantes, o som das batidas diminuiu e morreu. Desesperados, os animais suplicaram aos dois cavalos que puxavam o carroção para que se detivessem. - Camaradas! Camaradas! - gritavam eles. Não levem um irmão de vocês para essa morte! - Porém os brutos estúpidos, ignorantes demais para entenderem o que acontecia, limitaram-se a murchar as orelhas e apertar o passo. A cara de Sansão não reapareceu mais na janela. Alguém pensou em correr à frente e fechar a porteira das cinco barras, mas era tarde demais, pois logo o carroção atravessava a porteira e desaparecia rapidamente na estrada. Sansão nunca mais foi visto." ¹⁶

¹⁶ ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos*. Edição Ridendo Castigat Mores. EbooksBrasil.com, 2000, p. 122-125. Disponível em: <<<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/animaisf.pdf>>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

2.1 Marx e o materialismo histórico dialético

Esta pesquisa, cujo caráter qualitativo visa complementar as análises que surgem no desvelar das contradições da realidade do mundo material e das condições materiais de existência dos homens sob a égide da sociedade capitalista, traz em sua base epistemológica o método materialista histórico dialético, cuja noção do perpétuo movimento da coisa-em-si¹⁷, surge com Heráclito, que viveu há mais de 2.500 anos (540 a.C. - 480 a.C.), partindo da premissa de que nenhum homem se banharia no mesmo rio duas vezes, já que na segunda vez nem o homem e nem o rio já não seriam mais os mesmos.

Marx toma de Hegel a ideia de dialética, mas inverte a posição idealista hegeliana, confrontando-a com sua teoria materialista, que propõe pensar o mundo a partir das condições materiais de existência, tendo como tripé central a luta de classes. O trecho abaixo explicita o pensamento marxiano (1983):

A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção, que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência. (MARX, 1983, p. 24-25).

Seguindo esse raciocínio, Marx coloca, inclusive, que os filósofos se dedicaram apenas a pensar o mundo, enfatizando que era necessário, sobretudo, transformá-lo.

Visando garantir uma compreensão efetiva acerca do pensamento de Marx, pensa-se ser relevante resgatar, aqui, os principais conceitos apresentados pela teoria marxiana, dentre eles a fetichização (ou fetichismo) da mercadoria, como um produto oriundo do trabalho vivo, ou seja, de parte da vida e do dispêndio de forças produtivas humanas, materializadas,

¹⁷ Segundo Karel Kosik, "A dialética trata da 'coisa em si'. Mas a 'coisa em si' não é uma coisa qualquer, e, na verdade, não é nem mesmo uma coisa: 'a coisa em si', de que trata a filosofia, é o homem e seu lugar no universo, ou (o que em outras palavras exprime a mesma coisa): a totalidade do mundo revelada pelo homem na história e o homem que existe na totalidade do mundo"(KOSIK, 1976, p. 230).

então, sob a forma de mercadorias, objetos que passam a possuir algo de humano, sendo possível, inclusive, estabelecer, de acordo com Marx:

[...] uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias. (MARX, 2013, p.122-123).

O trabalho, que representa uma das categorias centrais do pensamento de Marx, constitui uma atividade humana que tem início a partir do momento em que o homem, movido por suas necessidades, modifica a natureza e transforma-a. Ao transformá-la, transforma a si mesmo, num movimento que vem se perpetuando ao longo da história. Dessa forma, é possível inferir que o homem produz o mundo que re-produz o homem, numa circularidade indefinida. Portanto, o homem é, ao mesmo tempo, produtor e produto de si mesmo, mediado pelo mundo.

O período marcado pela superação do modo de produção feudal e pela ascensão do modo de produção capitalista é determinado, do ponto de vista do trabalho, por uma série de transformações no que diz respeito à sua divisão social, que se acentua a partir da manufatura, período no qual há uma efetiva e rígida separação entre trabalho manual e trabalho intelectual. Isso significa que o trabalhador, que antes detinha o conhecimento da totalidade do processo de produção, passa a dominar uma parte muito pequena desse processo, a partir da execução de movimentos tão simples, repetitivos e enfadonhos que minam quaisquer resquícios intelectuais oriundos do processo de criação.

Além disso, a expansão da urbanização somada aos avanços tecnológicos e científicos que culminaram na grande maquinaria, promovem uma reconfiguração demográfica, já que há uma intensa migração das populações do campo para as cidades em busca de melhores condições de vida, alterando o cenário laboral da época.

É importante ressaltar que essas relações sociais entre mercadorias só acontecem enquanto essas são concebidas como valores de troca. Isso significa dizer que, ao contrário do valor de uso, que se dá entre mercadoria e homem - no tocante à satisfação das necessidades

humanas -, o valor de troca se dá entre mercadorias. Pode-se concluir que há, portanto, uma inversão de papéis entre mercadorias e homens que, no sistema capitalista, são concebidos como meras extensões das máquinas.

A respeito disso, Marx aponta ainda que "a estes últimos [os produtores], as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como aquilo que elas são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas entre pessoas e relações sociais entre coisas" (MARX, 2013, p. 123). Eis aí uma das grandes contradições do sistema capitalista.

No poema "Eu, etiqueta"¹⁸ Carlos Drummond de Andrade descreve, com maestria, esse processo de inversão de papéis do homem em relação à mercadoria, concretizado de maneira inconsciente numa sociedade guiada pelo consumo desenfreado, cujas necessidades

¹⁸ "Em minha calça está grudado um nome/ Que não é meu de batismo ou de cartório/ Um nome... estranho/
Meu blusão traz lembrete de bebida/ Que jamais pus na boca, nessa vida,/ Em minha camiseta, a marca de cigarro/
Que não fumo, até hoje não fumei./ Minhas meias falam de produtos/ Que nunca experimentei/ Mas são comunicados a meus pés./ Meu tênis é proclama colorido/ De alguma coisa não provada/ Por este provador de longa idade./
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,/ Minha gravata e cinto e escova e pente./ Meu copo, minha xícara,/ Minha toalha de banho e sabonete,/ Meu isso, meu aquilo./ Desde a cabeça ao bico dos sapatos./ São mensagens,/ Letras falantes,/ Gritos visuais,/ Ordens de uso, abuso, reincidências./ Costume, hábito, premência./ Indispensabilidade./
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,/ Escravo da matéria anunciada./ Estou, estou na moda./ É doce estar na moda, ainda que a moda/ Seja negar minha identidade,/ Trocá-lo por mil, açambarcando/
Todas as marcas registradas,/ Todos os logotipos do mercado./ Com que inocência demito-me de ser/ Eu que antes era e me sabia/ Tão diverso de outros, tão mim mesmo,/ Ser pensante, sentinte e solitário/ Com outros seres diversos e conscientes/
De sua humana, invencível condição./ Agora sou anúncio/ Ora vulgar ora bizarro./ Em língua nacional ou em qualquer língua/ (Qualquer, principalmente.)/ E nisto me comprazo, tiro glória/
De minha anulação./ Não sou - vê lá - anúncio contratado./ Eu é que mimosamente pago/ Para anunciar, para vender/
Em bares festas praias pérgulas piscinas,/ E bem à vista exibo esta etiqueta/ Global no corpo que desiste/ De ser veste e sandália de uma essência/
Tão viva, independente,/ Que moda ou suborno algum a compromete./ Onde terei jogado fora/ meu gosto e capacidade de escolher,/ Minhas idiossincrasias tão pessoais/
Tão minhas que no rosto se espelhavam/ E cada gesto, cada olhar,/ Cada vinco da roupa/ resumia uma estética?/
Hoje sou costurado, sou tecido, Sou gravado de forma universal,/ Saio da estamparia, não de casa,/ Da vitrine me tiram, recolocam,/ Objeto pulsante mas objeto/
Que se oferece como signo de outros/ Objetos estáticos, tarifados./ Por me ostentar assim, tão orgulhoso/ De ser não eu, mas artigo industrial,/ Peço que meu nome retifiquem./
Já não me convém o título de homem./ Meu nome novo é Coisa./ Eu sou a Coisa, coisamente." (Disponível em: <<<https://feminismoquestoesdeesquerda.com/2017/05/10/eu-etiqueta/>>>. Acesso em: 12 set. 2017).

humanas são forjadas por um sistema interessado sempre no lucro e nunca na dimensão humana do trabalhador.

Para melhor entender a representação do corpo humano no modo de produção capitalista, faz-se indispensável resgatar a obra "Princípios de Administração Científica", por meio da qual Taylor (2012) descreve minuciosos e detalhados estudos sobre métodos que visavam o aumento da produtividade num período cada vez menor de tempo, a partir da definição de movimentos corporais que propiciavam a produção cada vez mais elevada do número de mercadorias, num período de tempo cada vez menor, num movimento orquestrado pela linha de montagem, objetivando tão somente o lucro e a acumulação de capital. A respeito desse estudo que relaciona tempo e movimentos corporais, Taylor (2012) aponta as etapas que deveriam ser executadas:

Primeira - Encontrar, digamos, 10 ou 15 trabalhadores (preferentemente de várias empresas e de diferentes regiões do país) particularmente hábeis em fazer o trabalho que vai ser analisado. Segunda - Estudar o ciclo exato das operações elementares ou movimentos que cada um destes homens emprega, ao executar o trabalho que está sendo investigado, como também os instrumentos usados. Terceira - Estudar, com o cronômetro de parada automática, o tempo exigido para cada um destes movimentos elementares e então escolher os meios mais rápidos de realizar as fases do trabalho. Quarta - Eliminar todos os movimentos falhos, lentos e inúteis. Quinta - Depois de afastar todos os movimentos desnecessários, reunir em um ciclo todos os movimentos melhores e mais rápidos, assim como os melhores instrumentos (TAYLOR, 2012, p. 86).

Nesse contexto, o homem, no modo de produção capitalista, não representa mais do que mero apêndice da máquina, estando condicionado ao seu ritmo e aos seus movimentos por longas e desgastantes jornadas de trabalho. Como não rememorar, aqui, as famosas cenas de "Tempos Modernos" (1936), em que o personagem de Charlie Chaplin, após passar horas a fio executando os mesmos movimentos numa máquina no chão da fábrica, continua a reproduzi-los indefinidamente nas demais situações que permeiam seu cotidiano?

Na sociedade capitalista, o corpo humano, sujeitado aos movimentos da máquina, torna-se também uma mercadoria a serviço do capital. Marx já sinalizava em seus escritos passagens que indicavam a deformação física e espiritual do trabalhador decorrente da divisão do trabalho, que se intensificou ainda mais com a manufatura. A respeito disso, o autor destaca que:

Certa deformação física e espiritual é inseparável mesmo da divisão do trabalho em geral na sociedade. Mas como o período manufatureiro leva

muito mais longe essa divisão social dos ramos de trabalho e, por outro lado, apenas com a sua divisão peculiar alcança o indivíduo em suas raízes vitais, é ele o primeiro a fornecer o material e dar o impulso para a patologia industrial. Subdividir um homem significa executá-lo, se merece a pena de morte, assassiná-lo, se ele não a merece. A subdivisão do trabalho é o assassinato de um povo. (MARX, 1996, p. 477).

Considerando o sistema capitalista como um potente enrijecedor e engessador do corpo e da consciência humana, que vislumbra no trabalho o principal mecanismo de alienação do trabalhador, o Teatro do Oprimido revela-se, em contrapartida, um potente instrumento de desalienação nesses dois âmbitos, já que promove a retomada da consciência do corpo em sua totalidade, ao considerar suas dimensões físicas e intelectuais.

Sabe-se que, no modo capitalista de produção, não há compromisso com a vida, saúde, dignidade, bem-estar ou formação humana do trabalhador, mas sim com um corpo cuja energia vital em ação esteja comprometida apenas com a produtividade cada vez mais acelerada, em períodos de tempo cada vez menores, com vistas à acumulação de capital.

Do ponto de vista desse sistema de exploração econômica, os idosos, que experimentam a perda de certas habilidades motoras, físicas e mentais, decorrentes do processo de envelhecimento, deixam de ser vistos como um corpo produtivo, ou seja, um corpo capaz de manter um ritmo de produção que propicie a produção de mais-valia, o que não ocorre com um corpo não velho e em plena capacidade de trabalho. Conforme relata Teixeira (2009):

É a classe trabalhadora a protagonista da tragédia no envelhecimento, considerando-se a impossibilidade de reprodução social e de uma vida cheia de sentido e valor, na ordem do capital, principalmente, quando perde o *valor de uso* para o capital, em função da expropriação dos meios de produção e do tempo de vida. (TEIXEIRA, 2009, p. 64).

Assim, uma vez chegada a velhice, a classe trabalhadora é implacavelmente descartada do mundo do trabalho, mesmo após toda uma vida a ele dedicada, ao passo que não são previstos novos papéis sociais para essa categoria, que se vê, dessa forma, duplamente excluída da sociedade.

2.2 Velhice e Envelhecimento

*"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
 Tempo de absoluta depuração.
 Tempo em que não se diz mais: meu amor.
 Porque o amor resultou inútil.
 E os olhos não choram.
 E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
 E o coração está seco.
 Em vão mulheres batem à porta, não abrem.
 Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
 mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
 És todo certeza, já não sabes sofrer.
 E nada esperas de teus amigos.
 Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
 Teus ombros suportam o mundo
 e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
 As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
 provam apenas que a vida prossegue
 e nem todos se libertaram ainda.
 Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
 prefeririam (os delicados) morrer.
 Chegou um tempo em que não adianta morrer.
 Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
 A vida apenas, sem mistificação." ¹⁹*

2.2.1 A Velhice

A velhice representa uma das principais conquistas da humanidade na contemporaneidade. No entanto, as pessoas temem em discuti-la e, mais ainda, em se chegar a ela. Pensam sobre a morte, mas não sobre tornar-se velho. Simone de Beauvoir (1990) observa, citando Proust, que "de todas as realidades, a velhice é, talvez, aquela de que

¹⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Os Ombros Suportam o Mundo. In: **Nova Reunião**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 78.

conservamos por mais tempo, ao longo da vida, uma noção puramente abstrata" (PROUST *apud* BEAUVOIR, 1990, p. 11).

Assim como a infância, a juventude e a adultez, a velhice pode ser definida como uma categoria etária. Mas como caracterizar a pessoa idosa? A literatura costuma defini-la como sendo aquela que acumulou muitos anos vividos, que possui muita idade. Tal grupo se une, portanto, pela idade cronológica, característica que, na terceira idade, parece se sobrepôr a quaisquer outras questões, sejam elas étnicas, raciais, de classe, de gênero, entre outras.

Muitas são as expressões que tentam amenizar, ou melhor, dourar a pílula, quando se trata da terceira idade. Dentre as mais utilizadas, a expressão "melhor idade" parece ir na contramão da realidade, por se tratar de um momento da vida em que todos ambicionam chegar, e, no entanto, se recusam a imaginar, quanto mais planejar. Mas o que é a velhice? Será ela um fenômeno determinado tão somente pela idade cronológica? Na verdade, "[...] não se sabe em que idade começa a velhice, como não se sabe onde começa a riqueza. De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades", observou Bordieu (1983, p. 112).

Na verdade, múltiplos fatores perpassam a compreensão do que é o envelhecimento, podendo ser eles culturais, econômicos, históricos, étnicos, raciais, de gênero, educacionais, entre outros.

Na sociedade capitalista, a idade cronológica é, evidentemente, determinada pelo grupo dominante, detentor do capital. Tal definição traz em sua gênese uma imposição ideológica, carregada de atribuições morais que devem ser seguidas.

Nos anos 1970, Simone de Beauvoir (1908-1986) já sinalizava para a questão da velhice, em cujo entorno ela revelava existir uma conspiração do silêncio, que precisava e deveria ser quebrada. De acordo com o pensamento beauvoriano:

A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança é uma mudança contínua. Caberia concluir, daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Um tal paradoxo desconhece a essencial verdade da vida: esta é um sistema instável no qual, a cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo de morte. Mudar é a lei da vida. É um certo tipo de mudança que caracteriza o envelhecimento: irreversível e desfavorável - um declínio (BEAUVOIR, 1990, p. 17).

Com essas palavras, a autora compartilha, dialeticamente, da ideia do devir dialético e do movimento perpétuo, ao se tratar da velhice. Revela, ainda, que os declínios próprios da terceira idade são irremediáveis, dizendo não ser mais possível desprezar as deficiências oriundas da fase senil que, em outras etapas da vida, poderiam ser fáceis e naturalmente restabelecidas.

Beauvoir (1990, p. 15) destaca, também, que a velhice perpassa aspectos de cunho biológico, psicológico e existencial, sendo impossível considerá-los separadamente, haja vista a existência de uma interconexão entre tais dimensões, remetendo à uma ideia de circularidade. Abordar-se-á, assim, os principais pontos que permeiam tais aspectos, ressaltando que, para compreender a senectude, é preciso considerá-la sempre em face da totalidade desses fatores, sob um olhar multidimensional.

No plano biológico, por exemplo, verifica-se uma série de perdas decorrentes do avanço da idade, que estão relacionadas principalmente à degradação visual, auditiva, muscular, dentária, motora, óssea e reprodutora²⁰. Além de culminarem numa diminuição expressiva - e quase sempre irreversível - das capacidades funcionais do público senil, tais perdas geram, também, grande impacto numa sociedade como a nossa, onde o corpo é categorizado como um capital, a partir de discursos ideológicos que cultuam a juventude, associando-a à ideia de beleza, ao passo que desprezam a velhice, vinculando-a à ideia de feiúra e atribuindo-lhe um sentido pejorativo.

O cenário brasileiro, mais especificamente, revela a dimensão de tal fato, ao apontar que os brasileiros investem mais em beleza do que em educação e, até mesmo, em alimentação²¹. Segundo dados fornecidos pela reportagem referenciada em rodapé, são R\$ 20,3 bilhões investidos anualmente em serviços de beleza contra R\$ 17,24 bilhões destinados a cursos regulares de educação. Em relação à alimentação, esse montante corresponde a R\$ 19,86 bilhões. A respeito disso, cabe resgatar o pensamento de Goldenberg (2011, p. 78), quando afirma que:

²⁰ A perda da capacidade reprodutora com o avanço da idade não implica na perda da sexualidade. Na verdade, o que ocorre é a desgenitalização dos corpos, ou seja, a desassociação do ato sexual ao coito propriamente dito, passando a haver uma exploração de novas áreas corporais de prazer, tornando a sexualidade mais complexa e difusa. Dessa forma, percebe-se uma resignificação da sexualidade, bem como das formas de experimentar o amor, que adquire novos contornos. É importante destacar, ainda, que a sexualidade na terceira idade é uma atividade benéfica para o envelhecimento bem-sucedido, constituindo um dos pilares do envelhecimento ativo. (A respeito disso, ver DEBERT & BRIGEIRO, 2012, p. 37-38).

²¹ Brasileiros gastam mais com salão de beleza do que com educação, diz estudo. Disponível em: <<<http://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2015/08/brasileiros-gastam-mais-com-salao-de-beleza-que-com-educacao-diz-estudo.html>>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

[...] no Brasil, o corpo é um verdadeiro capital. Determinado modelo de corpo na cultura brasileira contemporânea é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias urbanas, e também das camadas mais pobres, que percebem seu corpo como um importante veículo de ascensão social e, também, um importante capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado sexual. [...] No entanto, é preciso ressaltar que este corpo capital não é um corpo qualquer. É um corpo que deve ser magro, jovem, em boa forma, sexy. Um corpo conquistado por meio de um enorme investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício. (GOLDENBERG, 2011, p. 78).

Vale ressaltar, ainda de acordo com a reportagem, que a classe C lidera o *ranking* dos consumidores de serviços estéticos, totalizando um investimento anual de R\$ 11,8 bilhões, sendo o segundo maior gasto (R\$ 3 bilhões) correspondente à classe A, seguida pela B, que desembolsa R\$ 2,9 bilhões por ano. A partir dos dados apresentados, pode-se inferir que, no tocante à classe trabalhadora, existe uma relação inversamente proporcional entre educação e estética, já que quanto menor o acesso ao conhecimento, maior a necessidade de se investir no corpo.

Além disso, o Brasil é líder mundial em cirurgias plásticas, totalizando 1,5 milhão de operações por ano, sendo que 88% das operações estéticas realizadas no país são feitas por mulheres²².

Nesse contexto, é possível constatar que a condição de gênero suscita diferentes experiências e percepções acerca do envelhecimento entre os públicos masculino e feminino. Enquanto as mulheres demonstram uma maior cobrança com relação à aparência - tendo em vista a ideia de corpo como capital - e ao comportamento - seja por meio de críticas quanto ao uso de determinados tipos de roupas que a sociedade julga inadequadas para tal idade ou, ainda, no que diz respeito à repreensão social quanto a possibilidade de novos relacionamentos, sofrendo ainda mais rejeição quando o companheiro em questão é mais jovem, fato que não se observa em relação a homens idosos com companheiras mais jovens.

Verifica-se também que, de modo geral, enquanto o público feminino aponta discursos que privilegiam a liberdade, tendo em vista que o casamento, bem como o cuidado com a família, com os filhos e com os serviços domésticos, além das obrigações associadas ao mundo do trabalho, representam, de certa forma, uma espécie de prisão para essas

²² Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas ao ano. Disponível em: <<<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2015/06/brasil-e-recordista-mundial-com-15-milhao-de-cirurgias-plasticas-ao-ano.html>>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

mulheres, que enxergam no avanço da idade a possibilidade de fazerem suas próprias escolhas, como se tal período simbolizasse também a chance de novas formas de experimentar a vida, realizando desejos e sonhos que em outras fases da vida eram inviáveis. Já os homens revelam, em contrapartida, o desejo de permanecerem mais próximos da família, além de demonstrarem maior resistência quanto à ruptura com o mundo do trabalho²³.

Além disso, identifica-se, também, o fenômeno da feminização (ou feminilização) da velhice, que indica uma sobreposição do número de mulheres idosas em relação ao número homens idosos. A respeito dessa questão, Salgado (2002, p. 8) explica que:

Como resultado de uma desigualdade de gênero na expectativa de vida, existe essa proporção maior de mulheres do que de homens [...]. As mulheres vivem, em média, sete anos mais do que os homens e estão vivendo mais do que nunca. Outra característica deste grupo populacional é que existe uma maior proporção de viúvas do que em qualquer outra faixa etária. Uma razão que poderia explicar essa situação é que, por tradição, a mulher tende a se casar com homens mais velhos do que ela, o que, associado a uma mortalidade masculina maior do que a feminina, aumenta a probabilidade de sobrevivência da mulher em relação ao seu cônjuge. Outra explicação do fenômeno de um maior número de mulheres viúvas nessa faixa etária é o fato de que os viúvos voltam, mais do que as viúvas, a se casar depois de enviudar. (SALGADO, 2002, p. 8).

Retomando o raciocínio beauvoriano, é importante salientar que, embora seja inerente ao processo da vida, a senescência não é vivida em seu estado natural, visto que seu estatuto é imposto pela sociedade à qual pertence (BEAUVOIR, 1990, p. 15). Sob a égide da sociedade capitalista, pode-se inferir que tal estatuto é imposto pela classe dominante à classe dominada, considerando a velhice como sendo igual para todos e desprezando, assim, as múltiplas dimensões envolvidas nessa questão, a partir da determinação de um marco cronológico que passa a ditar os direitos e deveres das pessoas idosas. Ao mesmo tempo, tal sociedade não estabelece novas atividades e novos papéis sociais para esse público, quando de sua ruptura com o mundo do trabalho. Dessa forma, pode-se concluir que, na sociedade capitalista, a velhice é opressora, uma vez que representa tão somente os interesses de uma classe - a burguesia - em detrimento de outra - o proletariado.

Já no plano psicológico, Simone de Beauvoir aponta que a velhice é, por excelência, o domínio do psicossomático (BEAUVOIR, 1990, p. 38), ou seja, nessa etapa da vida, as

²³ A respeito disso, ver GOLDENBERG, Miriam. **A Bela Velhice**. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=O3-7d0zQ0zU>>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

doenças orgânicas estão intimamente ligadas aos fatores psicológicos, não sendo possível dissociá-los. Nesse contexto, a autora destaca que as doenças mentais são mais frequentes em idosos do que em jovens (BEAUVOIR, 1990, p. 45), fato relacionado, muitas vezes, ao abandono, ao isolamento social, às restrições financeiras, à perda da autonomia e dos papéis sociais, além da morte de pessoas próximas.

No plano existencial, a autora enfatiza que “como todas as situações humanas, ela [a velhice] tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história” (BEAUVOIR, 1990, p. 15). Assim, com o avanço da idade, transforma-se também a percepção do tempo pelo sujeito idoso.

Nesse contexto, é importante ressaltar que o tempo é um fator preponderante na questão da senilidade. Mas como definir o tempo? Seria viável explicá-lo por meio da ideia de passado, presente e futuro? Onde situar tais limites? Em face dessa questão, a teoria beauvoiriana (1990) sublinha que estamos afastados de nossa velhice por um longo período de tempo, e que a percepção deste se altera com a chegada daquela.

[...] quando jovens, ou na força da idade, não pensamos [...] que já somos habitados pela nossa futura velhice: ela está separada de nós por um período tão longo que, aos nossos olhos, confunde-se com a eternidade; este futuro longínquo nos parece irreal. (BEAUVOIR, 1990, p. 11).

Dessa forma, é possível inferir que, mesmo ainda na juventude, já estaríamos gerando nossa velhice, pois essa nada mais é do que o resultado de como vivemos aquela.

Correa (2009) traz uma reflexão muito pertinente sobre a ressignificação do tempo no modo de produção capitalista:

Com o advento do capitalismo, o tempo foi ressignificado como bem e mercadoria, subscrito pelo lema “tempo é dinheiro”. Para tanto, a produção de mais-valia perpassava pelos ponteiros do relógio, em que cada segundo batido representava um lucro a mais. Todo esse processo mercantilizou a relação do homem com o tempo e, inclusive, do homem com seus semelhantes. Fazer tempo é fazer dinheiro. Ao que parece, isso foi levado às últimas consequências na contemporaneidade, como se pode observar na grande bandeira da produtividade ou do produtivismo, que pode ser traduzida como uma maximização do tempo na produção e no consumo. (CORREA, 2009, p. 88).

Michel Foucault (2003)²⁴ destaca seu interesse por estudar os lugares onde prevalecem as contestações míticas e reais do espaço em que vivemos, destinados às margens que envolvem a sociedade, ou seja, aqueles lugares reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante em relação à média ou norma exigida, tais como casas de repouso, clínicas psiquiátricas, prisões e asilos. Foucault afirma que, numa sociedade tão atarefada quanto a nossa, o ócio é considerado um desvio, aliás um desvio biológico quando está ligado à velhice.

É preciso considerar também que a senescência é uma construção cultural, visto que os papéis sociais atribuídos à população senil variam de acordo com cada cultura.

Também é possível pensar a velhice como uma construção histórica: na Roma antiga os anciãos eram detentores da riqueza e da autoridade, além de responderem pelas decisões políticas, participando ativamente do senado romano²⁵.

Além disso, o público senil padece dos mesmos anseios suscitados pela exclusão social no que se refere à desvinculação do mundo do trabalho, quando da aposentadoria.

Cabe resgatar aqui um excerto do texto "Oficialmente Velho", escrito por Leonardo Boff (2013), no qual ele contempla importantes reflexões sobre a velhice. Diz ele:

[A velhice] é pessoalíssima e se esconde atrás de muitas máscaras que a vida nos impõe. Pois a vida é um teatro no qual desempenhamos muitos papéis. Eu, por exemplo, fui franciscano, padre, agora leigo, teólogo, filósofo, professor, conferencista, escritor, editor, redator de algumas revistas, inquirido pelas autoridades doutrinárias do Vaticano, submetido ao "silêncio obsequioso" e outros papéis mais. Mas há um momento em que tudo isso é relativizado e vira pura palha. Então deixamos o palco, tiramos as máscaras e nos perguntamos: Afinal, quem sou eu? Que sonhos me movem? Que anjos que habitam? Que demônios me atormentam? Qual é o meu lugar no desígnio do Mistério? Na medida em que tentamos, com temor e tremor, responder a estas indagações vem à lume o homem interior. A resposta nunca é conclusiva; perde-se para dentro do Inefável. Este é o desafio para a etapa da velhice." (BOFF, 2013).

²⁴ CALDERON, Philippe ; EWALD, François. **Michel Foucault par lui-même** (legendado). Produzido por BFC Productions e Arte France. 2003. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=Xkn31sjh4To&t=713s>>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

²⁵ O senado romano é a mais remota assembleia política da Roma antiga, representando o mais alto conselho de Estado naquela época. Surgiu após o ano 4000 a.C. com os "conselhos de anciãos" da Antiguidade Oriental. O termo "senado" vem do latim *senatus*, que deriva de *senex*, termo que significa velho. Disponível em: <<<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508682/001030611.pdf?sequence=1>>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Assim, Boff (2013) enxerga na velhice uma oportunidade de se desprender das máscaras sociais construídas ao longo da vida e de promover o reencontro com o verdadeiro "eu", possibilitando o resgate de nossa essência.

2.2.2 O Fenômeno do Envelhecimento Populacional

O mundo experimenta, atualmente, uma das maiores transições demográficas nunca antes observadas na história da humanidade. O envelhecimento populacional, fenômeno relativamente recente, vem ganhando notoriedade e um tímido espaço nas agendas políticas - tanto em âmbito nacional quanto em âmbito mundial - no sentido de discutir a implementação de políticas públicas que garantam uma velhice saudável, com dignidade e qualidade de vida, tendo em vista esta nova configuração demográfico-social. Segundo Carvalho e Garcia (2003):

O envelhecimento populacional não se refere nem a indivíduos, nem a cada geração, mas, sim, à mudança na estrutura etária da população, o que produz um aumento do peso relativo das pessoas acima de determinada idade, considerada como definidora do início da velhice. Este limite inferior varia de sociedade para sociedade e depende não somente de fatores biológicos, mas, também, econômicos, ambientais, científicos e culturais (CARVALHO & GARCIA, 2003, p. 726-727).

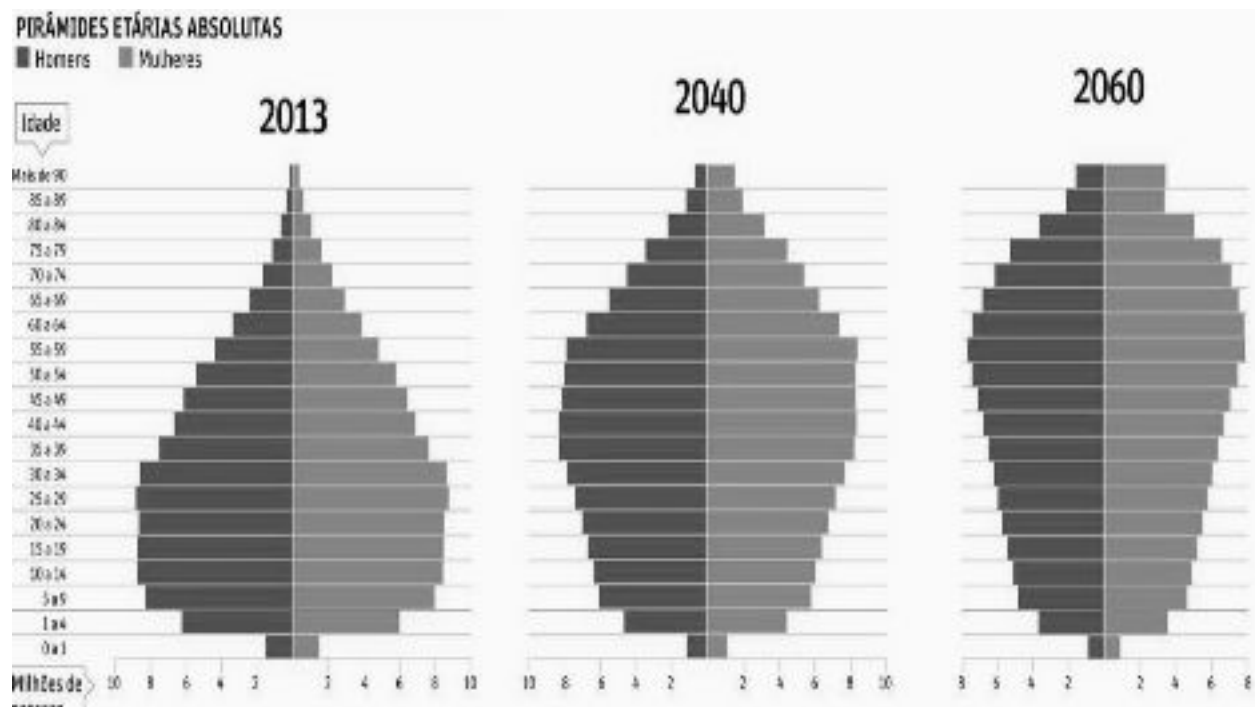
Dessa forma, percebe-se que a estrutura demográfica brasileira tem sofrido significativas transformações, principalmente a partir dos anos 1960, resultando na inversão da pirâmide etária²⁶ (instrumento que traduz a estrutura populacional do Brasil de acordo com a idade). Segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, em 1970 o Brasil contava com 4,7 milhões de pessoas com mais de 60 anos, representando 5,05% da população total; em 1980, esse número subiu para 7,2 milhões de idosos, ou seja, 6,6% da população. Em 1991, a população idosa brasileira representava 10,7 milhões de pessoas, contabilizando 7,3% da população total. Em 2011 os idosos somavam 23,5 milhões dos brasileiros, mais que o dobro do registrado em 1991, totalizando 12,1% da população²⁷. A projeção é que, para 2050, a população mundial acima de 60 anos suba de 600

²⁶ Vide figura 5.

²⁷ Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção da Defesa dos Direitos Humanos. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. Disponível em: <<<http://www.mdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhecimentoonoBrasil.pdf>>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

milhões a quase 2 bilhões de pessoas. Isso significa que em 30 anos, uma em cada quatro pessoas será idosa²⁸.

FIGURA 5 - Pirâmides Etárias Absolutas



Fonte: IBGE.²⁹

O aumento da expectativa de vida constitui atualmente uma das principais conquistas da humanidade da segunda metade do século XX. No início do século XIX, tal número, que não ultrapassava a marca dos 33 anos, deu um salto significativo em pouco mais de 11 décadas, atingindo 62,5 anos em 1980 e 74,9 anos em 2013.

Dentre os principais fatores atrelados a este fenômeno, é possível destacar a redução da mortalidade em todas as idades, influenciada por melhores políticas econômicas e sociais, que promoveram avanços na saúde pública e na medicina (descoberta de vacinas, medicamentos e novas tecnologias), bem como saneamento básico, alimentação, educação, entre outros, bem como a queda da taxa de fecundidade, que deveu-se principalmente à expansão da urbanização, ao desenvolvimento de métodos contraceptivos e à inserção da

²⁸ ONU BR. Nações Unidas do Brasil. **Mundo terá 2 bilhões de idosos em 2050; OMS diz que envelhecer bem deve ser prioridade global.** Disponível em: <<<https://nacoesunidas.org/mundo-tera-2-bilhoes-de-idosos-em-2050-oms-diz-que-envelhecer-bem-deve-ser-prioridade-global/>>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

²⁹ Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Projeção da População por Sexo e Idade para o Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. 2013.

mulher no mercado de trabalho. Além disso, a adoção de políticas públicas de saneamento básico, bem como de saúde pública e a evolução da medicina com a descoberta de vacinas e medicamentos propiciaram a melhoria das condições de vida e seu consequente prolongamento.

Segundo Camarano e Pasinato (2007), paralelamente à queda da mortalidade, presencia-se também, desde o final dos anos 1960, a uma redução acentuada nos níveis de fecundidade. O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial que ganha visibilidade ao passo que o crescimento elevado da população idosa ascende em relação aos demais grupos etários.

Segundo o IBGE³⁰, o número de idosos com 80 anos ou mais pode passar de 19 milhões em 2060, um crescimento de mais de 27 vezes em relação a 1980, quando o Brasil tinha menos de 1 milhão de pessoas nessa faixa etária (cerca de 684.789 pessoas). Na projeção para 2016, o país contabiliza 3.458.279 idosos com mais de 80 anos.

Os principais marcos legais de proteção social ao idoso estão contemplados pela Constituição Federal (1988), pela Política Nacional do Idoso (1994) e pelo Estatuto do Idoso (2003).

Em face de uma sociedade em que a idade cronológica dita direitos e deveres, é preciso ter claro que o fenômeno do envelhecimento populacional repercutirá diretamente na criação e implementação de políticas sociais voltadas para a terceira idade, bem como na reconfiguração do mundo do trabalho. Resta saber de que modo países como o Brasil, onde a desigualdade social ainda é um imperativo, lidará com a reconfiguração do cenário demográfico, bem como com a implementação de políticas públicas que abranjam as demandas sociais resultantes desse fenômeno.

³⁰ PORTAL BRASIL. **Em 2060, Brasil terá 19 milhões com mais de 80 anos**. Disponível em: <<<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/10/em-2060-brasil-tera-19-milhoes-com-mais-de-80-anos>>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

3. TEATRO DO OPRIMIDO E PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: APROXIMAÇÕES ENTRE AS TEORIAS DE AUGUSTO BOAL E DE PAULO FREIRE

*"E sem dúvida o nosso tempo...
prefere a imagem à coisa,
a cópia ao original,
a representação à realidade,
a aparência ao ser...
Ele considera que a ilusão é sagrada,
a verdade é profana.
E mais: a seus olhos o sagrado aumenta
à medida que a verdade decresce
e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele,
o acúmulo da ilusão
fica sendo o acúmulo do sagrado."*³¹

A história da educação brasileira confunde-se com o próprio processo de colonização do nosso país. Com a invasão das terras dos índios, o Brasil passou a ter sua auto-imagem definida a partir de um outro olhar, no caso um olhar estrangeiro, que impôs, desde o início, sua "civildade", seus comportamentos, seus costumes e sua moral religiosa como padrão a ser seguido e sobreposto à selvageria, à barbaridade e à suposta inadequação dos povos que aqui já habitavam. Em razão disso, pode-se inferir que espírito colonialista se mostra intrínseco ao modo de estruturação e organização da sociedade brasileira, ressoando ainda hoje na contemporaneidade.

A busca incessante pelo poder culminou numa espécie de polarização da sociedade, estabelecendo como alicerce as desigualdades sociais. De um lado, os donos do capital procuram freneticamente fortalecer seu poderio, desenvolvendo artimanhas que moldam o comportamento da massa trabalhadora, extirpando-lhes qualquer resquício de autonomia, consciência, criticidade e ação frente às injustiças sofridas. Na contramão, os oprimidos assumem inconscientemente essa postura arquitetada ao bel-prazer da burguesia, transformando-se em marionetes da elite.

³¹ FEUERBACH, Ludwig. Prefácio da segunda edição de "A essência do Cristianismo". In: DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Nesse sentido, é importante trazer à tona as contribuições de Paulo Freire (1921-1997) e de Augusto Boal (1931-2009) no tocante à inculcação da ideologia dominante sobre as classes oprimidas, a fim de mantê-las sob uma postura de obediência, conformismo e passividade. As obras "Pedagogia do Oprimido" (1981), do primeiro autor, e "Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas" (1980), do último, são fundamentais na viabilização dessa discussão.

Considerando que o fio condutor desta pesquisa se apoia na metodologia do Teatro do Oprimido, cujas ideias foram inspiradas pela Pedagogia do Oprimido, acredita-se ser indispensável tecer algumas reflexões referentes às aproximações entre o pensamento de Augusto Boal e Paulo Freire, buscando situar o contexto histórico quando do surgimento de tais obras, apresentando também as compreensões mais relevantes fomentadas por cada um desses autores.

Além disso, tendo em vista as discussões suscitadas a partir das teorias de Karl Marx, Augusto Boal e Paulo Freire, propor-se-á uma analogia da sociedade capitalista enquanto peça teatral, atentando-se para o papel do aparelhamento ideológico do Estado - especificamente do AIE escolar - na determinação das máscaras sociais.

3.1 Contexto Histórico

Historicamente, o embrião do Teatro do Oprimido deu-se com um dos grupos mais atuantes de São Paulo na décadas de 1950 e 1960. O diretor teatral José Renato comenta sobre a chegada de Augusto Boal ao grupo:

O Boal começou a trabalhar no [Teatro de] Arena em 1956, indicado pelo Sábato Magaldi pra dividir comigo as direções dos espetáculos. Foram, no princípio, oito anos de convívio muito fecundos, somente interrompidos pelo golpe de 64. Nos tornamos, nesse tempo todo, amigos, compadres, cúmplices no compromisso do desenvolvimento do teatro brasileiro. (José Renato, diretor teatral)³².

³²AUGUSTO BOAL. Postado por Instituto Augusto Boal. Disponível em <<<https://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw>>> Acesso em: 08 ago. 2017.

FIGURA 6 - Augusto Boal, Juca de Oliveira, Flávio Império e Gianfrancesco Guarnieri.



Fonte: Documentário *Augusto Boal*³³.

A figura 6 mostra Augusto Boal, ainda jovem, na época do Teatro de Arena, companhia que revolucionou a forma de pensar teatro no Brasil. Ali ocorreu, entre os anos de 1958 e 1961, o Seminário de Dramaturgia do Teatro de Arena, formando uma geração de artistas que consolidou a modernização do teatro brasileiro no campo da dramaturgia, imprimindo-lhe um rumo politizado (RIBEIRO, 2012, p. 11).

Dos anos 1950 aos 1970, o Teatro de Arena foi palco de fecundas experimentações e de célebres espetáculos, de nomes como José Renato, Milton Gonçalves, Gianfrancesco Guarnieri e o próprio Augusto Boal. Nesse período, surgiram importantes espetáculos dirigidos por Augusto Boal³⁴.

³³ Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw>>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

³⁴ 1956: *Ratos e Homens*. De John Steinbeck. Direção: Augusto Boal; 1957: *Juno e o Pavão*. De Sean O'Casey. Direção: Augusto Boal; 1957: *Marido Magro, Mulher Chata*. Texto e direção: Augusto Boal; 1958: *A Mulher do Outro*. De Sidney Howard. Direção: Augusto Boal; 1959: *Chapetuba Futebol Clube*. De Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Augusto Boal; 1959: *A Farsa da Esposa Perfeita*. De Edy Lima. Direção: Augusto Boal; 1959: *Gente como a Gente*. De Roberto Freire. Direção: Augusto Boal; 1960: *A Engrenagem*. De Jean Paul Sartre. Direção: Augusto Boal; 1960: *Revolução na América do Sul*. De Augusto Boal. Direção: José Renato; 1960: *Fogo Frio*. De Benedito Ruy Barbosa. Direção: Augusto Boal; 1961: *Pintado de Alegre*. De Flavio Migliaccio. Direção: Augusto Boal; 1961: *O Testamento do Cangaceiro*. De Chico de Assis. Direção: Augusto Boal; 1962: *A Mandrágora*. De Maquiavel. Direção: Augusto Boal; 1962: *Um Bonde Chamado Desejo*. De Tennessee Williams. Direção: Augusto Boal; 1963: *O Melhor Juiz, o Rei*. De Lope de Vega. Direção: Augusto Boal; 1963: *O Noviço*. De Martins Pena. Direção: Augusto Boal; 1964: *Opinião*. De Armando Costa, Oduvaldo Vianna Filho e Paulo Pontes. Direção: Augusto Boal; 1964: *Tartufo*. De Molière. Direção: Augusto Boal; 1965: *Arena Conta Zumbi*. De Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri. Direção: Augusto Boal; 1965: *Arena Canta Bahia*. De Augusto Boal. Direção: Augusto Boal; 1965: *Tempo de Guerra*. De Bertolt Brecht. Direção: Augusto Boal; 1966: *O Inspetor Geral*. De Nikolai Gogol. Direção: Augusto Boal; 1966: *A Criação do Mundo Segundo Ary*

Considerando a gênese do Teatro do Oprimido, Augusto Boal revela, em entrevista concedida a Dina Sfat, que:

[O Teatro do Oprimido] nasceu no Brasil e se desenvolveu na Argentina, no Peru, no México, Colômbia e em outros países, mas sempre como uma resposta a uma situação social e política concreta. Quer dizer, o Teatro do Oprimido não foi inventado, quer dizer, o Teatro do Oprimido não saiu da minha cabeça, mas saiu do oprimido. Se ele tivesse saído da minha cabeça ele não seria o Teatro do Oprimido mas seria o teatro de um oprimido, que seria eu. E esse eu também faço, mas são as minhas peças e são as coisas que eu quero escrever e quero dizer. Então, como é que [o Teatro do Oprimido] nasceu? Nasceu em 1968, lá em São Paulo, num momento em que as circunstâncias não permitiam que nós fizéssemos um teatro diretamente pro povo. Então nós começamos, dentro do [Teatro de] Arena, um grupo que se chamava Núcleo, nós começamos a tentar elaborar formas de teatro.³⁵

É importante destacar também as palavras de Augusto Boal no que tange às aproximações de sua teoria com o pensamento freiriano. Segundo Boal:

Quando veio a ditadura, a primeira coisa que fez foi um projeto que, se não me engano, chamava MOBREAL e que tinha como lema o seguinte: é preciso ensinar as pessoas a ler para que elas possam ler as ordens que vêm por escrito, que era exatamente o contrário do processo dialogal do Paulo Freire, que tem tudo a ver com o Teatro do Oprimido e com Sócrates, que também usava esse processo do diálogo para que se chegasse a uma descoberta. Agora, para que você atinja o conhecimento, não basta ter a informação. É necessário juntar a informação que você recebe com aquela que você já tinha e, daí, poder concluir com uma decisão ética, com uma ação ética. São esses os momentos do conhecimento real. E o ensinar, se a gente não recebe daquele a quem ensina nada, nós vamos estar pondo na cabeça dele algumas informações que podem ser verdadeiras mas que não vão servir para nada e na nossa cabeça nós vamos apenas estar despejando alguma coisa que temos sem nada receber em troca.³⁶

Toledo. De Augusto Boal e Guarnieri. Direção: Augusto Boal; 1967: *Arena Conta Tiradentes*. De Augusto Boal e Guarnieri. Direção: Augusto Boal; 1967: *O Círculo de Giz Caucasiense*. De Brecht. Direção: Augusto Boal; 1968: *Mac Bird*. De Bárbara Garson. Direção: Augusto Boal; 1968: *Primeira Feira Paulista de Opinião*. Vários autores. Direção: Augusto Boal; 1968: *Sérgio Ricardo na Praça do Povo*. Texto e direção: Augusto Boal; 1969: *Chiclete com Banana*. Texto e direção: Augusto Boal; 1969: *O Comportamento Sexual Segundo Ary Toledo*. Direção: Augusto Boal; 1970: *Arena Conta Bolívar*. Texto e direção: Augusto Boal; 1970: *A Resistível Ascensão de Arturo Ui*. De Brecht. Direção: Augusto Boal; 1970: *Teatro Jornal Primeira Edição*. Vários autores. Direção: Augusto Boal. (INSTITUTO Augusto Boal. Disponível em <<<http://www.institutoaugustoboal.com.br/acervo-encenacoes.html>>>. Acesso em: 03 out. 2017).

³⁵ AUGUSTO BOAL. Postado por Instituto Augusto Boal. Disponível em <<<https://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw>>> Acesso em: 08 ago. 2017.

³⁶ Fala de Augusto Boal em entrevista ao documentário Paulo Freire Contemporâneo [HD]. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=5y9KMq6G8l8>>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

FIGURA 7 - entrevista de Augusto Boal.



Fonte: Documentário "Paulo Freire Contemporâneo [HD]"³⁷.

Na figura 7, Augusto Boal, já idoso, relembra o golpe militar ocorrido no Brasil e um de seus principais desdobramentos no campo educacional, o MOBRAL, cuja proposta pedagógica contrapunha-se à proposta freiriana. Além disso, ele ressalta a íntima ligação entre o Teatro do Oprimido e a Pedagogia do Oprimido, que vislumbram no diálogo as bases da construção do conhecimento.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi um movimento de alfabetização instituído na conjuntura da ditadura militar (1964-1985) que, embora buscasse seus fundamentos nas ideias freirianas, estava carregado de uma intencionalidade econômica, indo na contramão da proposta apresentada por Paulo Freire. Conforme apontado por Santos & Pessoa (2016, p.3-4):

[...] o MOBRAL visava atingir um grande contingente popular, tratava-se de uma campanha de massa que se dizia a solução contra o analfabetismo que predominava na época. Erradicar o analfabetismo e elevar o desenvolvimento econômico do país foram as propostas desse movimento educacional e do governo em questão. Tal proposta pregava o fim da “praga” do analfabetismo para que o Brasil atingisse o desenvolvimento econômico tão almejado, isto é, por trás de toda proposta, havia interesses econômicos e políticos, que se distanciavam completamente de uma

³⁷ Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=5y9KMq6G8l8>>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

educação em direitos humanos (EDH) conforme se compreende hoje e cujos fundamentos já se encontravam nas propostas de Paulo Freire nos anos 1960. (SANTOS & PESSOA, 2016, p. 3-4).

Tanto a Pedagogia do Oprimido quanto o Teatro do Oprimido possuem um elo profundo com o período de golpe militar no Brasil (1964-1985), já que suas respectivas concepções deram-se nesse período. Tanto Paulo Freire quanto Augusto Boal foram perseguidos, presos e forçados ao exílio, por serem considerados subversivos.

Paulo Freire concebeu os manuscritos originais de "Pedagogia do Oprimido" durante seu exílio no Chile (1964-1969). Antes de lá, esteve na Bolívia, mas a altitude de La Paz e o golpe de Estado que provocou a queda do governo de Víctor Paz Estenssoro o levaram a seguir para Santiago, no Chile, onde chegou em novembro de 1964. Trabalhou por cinco anos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA) e permaneceu neste país até abril de 1969, quando foi convidado para lecionar nos Estados Unidos e também para atuar no Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, Suíça. Aceitou os dois convites, permanecendo inicialmente 10 meses em Harvard, onde deu forma definitiva ao livro "Ação Cultural para a Liberdade". Nesse período, prestou consultoria educacional a governos de países pobres, a maioria no continente africano³⁸.

Para Paulo Freire (1967), a incursão da ideologia opressora se concretiza por meio da domesticação da classe proletária, de forma que esta não consiga fazer objeções ao seu papel de serva dos interesses burgueses. Além disso, vale destacar as críticas por ele tecidas ao nosso modelo de educação, que traz como uma de suas principais características:

[...] vir enfatizando cada vez mais em nós posições ingênuas, que nos deixam sempre na periferia de tudo o que tratamos. Pouco ou quase nada, que nos leve a posições mais indagadoras, mais inquietas, mais criadoras. Tudo ou quase tudo nos levando, desgraçadamente, pelo contrário, à passividade, ao "conhecimento" memorizado apenas, que, não exigindo de nós elaboração ou reelaboração, nos deixa em posição de inautêntica sabedoria. (FREIRE, 1967, p. 96).

Esse modelo de educação foi denominado por Freire (1981) como educação bancária, em menção ao depósito de informações por parte dos educadores aos educandos, considerados como recipientes vazios, incapazes de promover questionamentos, reflexões ou problematizações. Segundo ele:

³⁸ UOL Educação. **Biografias:** Paulo Freire. Disponível em: <<<https://educacao.uol.com.br/biografias/paulo-freire.htm>>>. Acesso em: 03 out. 2017.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1981, p. 67).

É inviável através desse modelo de educação promover a libertação dos oprimidos das amarras impostas pela classe dominante, pois “na medida em que esta visão ‘bancária’ anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores” (FREIRE, 1981, p. 68-69).

Já Augusto Boal ficou preso durante a ditadura por aproximadamente três meses e partiu, em 1971, para o exílio em Buenos Aires, na Argentina, terra de sua esposa Cecília Boal. Manteve-se atuante em países como Peru e Equador, porém o golpe de estado argentino que derrubou o governo de Isabel Perón em 1976 e o temor a novas represálias fizeram com que Boal seguisse para a Europa, onde viveu em Portugal e, posteriormente, na França. A música "Meu Caro Amigo"³⁹, feita em parceria com Francis Hime por Chico Buarque de Holanda, foi um presente deste para o amigo teatrólogo durante este período de exílio. A mãe de Augusto Boal foi a portadora do presente, entregue durante um almoço com amigos também exilados, dentre eles Paulo Freire e Darcy Ribeiro. Wagner Homem (2009) recupera no livro "Histórias de Canções: Chico Buarque" a emoção de Augusto Boal ao ouvir a homenagem pela primeira vez:

Foi assim, tranquilo e a gosto, que me lembrei do dia em que estávamos almoçando bacalhau à Braz - com Paulo Freire, sua esposa e sua equipe, Darcy Ribeiro e outros amigos exilados - na casa onde morávamos Cecília,

³⁹ "Meu caro amigo, me perdoe, por favor/ Se eu não lhe faço uma visita/ Mas como agora apareceu um portador/ Mando notícias nessa fita/ Aqui na terra tão jogando futebol/ Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll/ Uns dias chove, noutros dias bate o sol/ Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta/ Muita mutreta pra levar a situação/ Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça/ E a gente vai tomando que também sem a cachaça/ Ninguém segura esse rojão/ Meu caro amigo, eu não pretendo provocar/ Nem aticar suas saudades/ Mas acontece que não posso me furtar/ A lhe contar as novidades/ Aqui na terra tão jogando futebol/ Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll/ Uns dias chove, noutros dias bate o sol/ Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta/ É pirueta pra cavar o ganha-pão/ Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro/ E a gente vai fumando que, também, sem um cigarro/ Ninguém segura esse rojão/ Meu caro amigo, eu quis até telefonar/ Mas a tarifa não tem graça/ Eu ando aflito pra fazer você ficar/ A par de tudo que se passa/ Aqui na terra tão jogando futebol/ Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll/ Uns dias chove, noutros dias bate o sol/ Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta/ Muita careta pra engolir a transação/ Que a gente tá engolindo cada sapo no caminho/ E a gente vai se amando que, também, sem um carinho/ Ninguém segura esse rojão/ Meu caro amigo, eu bem queria lhe escrever/ Mas o correio andou arisco/ Se me permitem, vou tentar lhe remeter/ Notícias frescas nesse disco/ Aqui na terra tão jogando futebol/ Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll/ Uns dias chove, noutros dias bate o sol/ Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta/ A Marieta manda um beijo para os seus/ Um beijo na família, na Cecília e nas crianças/ O Francis aproveita pra também mandar lembranças/ A todo o pessoal/ Adeus!" (HOMEM, 2009, p. 142-143).

eu e nossos filhos, em Lisboa, no Campo Pequeno - onde ainda se humilham touros com bandeirolas coloridas espetadas no sangue, sendo retirados da arena depois da faina, vivos, mas envergonhados, por doze vacas corpulentas com guizos no pescoço! -, quando, na sobremesa, minha mãe visitante me disse que tinha trazido do Brasil uma carta do Chico. Pusemos a carta-cassete na vitrola e, pela primeira vez, ouvimos "Meu caro amigo", com Francis Hime ao piano. Falávamos tristezas, e ouvimos um canto da esperança. Chico resistia, aqui no Brasil, escrevendo "Apesar de você" e "Vai passar"; e nos ajudava a resistir, lá fora, cantando sua amizade. Sua lírica era a mais pura poesia épica: seu caro amigo eram todos os nossos amigos, e todos os nossos amigos eram seus. (BOAL *apud* HOMEM, 2009, p. 142-143).

Se Paulo Freire (1981) denuncia a propagação da ideologia dominante apenas no ambiente escolar, Augusto Boal (1980) traz essa discussão para o âmbito teatral realizando, para isso, uma retrospectiva sobre a história do teatro. Dessa forma, constata que:

No princípio, o teatro era o canto ditirâmico: o povo livre cantando ao ar livre. O carnaval. A festa. Depois, as classes dominantes se apropriaram do teatro e construíram muros divisórios. Primeiro, dividiram o povo, separando atores de espectadores: gente que faz e gente que observa. Terminou-se a festa! Segundo, entre os atores, separou os protagonistas das massas: começou o doutrinamento coercitivo! (BOAL, 1980, p. 123).

Ambos os autores destacam a repressão como principal arma de imposição ideológica. Sobre essa questão, Freire (1981) delega ao medo da liberdade um eficiente instrumento intimidatório e imobilizador da classe proletária, ao passo que Boal (1980) acrescenta:

A raça, classe, sexo ou idade dominada sofrem a mais constante, diária e onipresente repressão. A ideologia se torna concreta na pessoa do dominado. O proletariado é explorado através da dominação que se exerce sobre todos os proletários. (BOAL, 1980, p. 162).

Tanto Freire quanto Boal concebem a "conscientização" como ponto fundamental de rompimento com o paradigma elitista. Embora Freire opte pelo termo "libertação" e Boal por "liberação", a divergência gráfica não destoia da essência de liberdade enquanto movimento de desalienação da consciência de classe enquanto oprimida, a partir da adoção de questionamentos, ou melhor ainda, inquietações acerca de seu papel no mundo e das regras sociais que estão postas como normas.

3.2 A sociedade capitalista como peça teatral: reflexões sobre as máscaras sociais

Uma onda de conservadorismo assola o mundo contemporâneo, revelando um

*zeitgeist*⁴⁰ que aponta na direção de tempos que se pensava terem sido superados. A presidência de uma das maiores potências econômicas capitalistas encontra-se nas mãos do empresário bilionário do ramo imobiliário Donald Trump, eleito em 2016 pelo povo norte-americano.

No cenário brasileiro, o atual presidente Michel Temer (PMDB), que conta como ministro da Fazenda o banqueiro Henrique Meirelles⁴¹, tem efetuado um verdadeiro desmonte do Estado social e de direitos desde que assumiu o governo, em agosto de 2016, após o contraditório processo de *impeachment* sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff (PT)⁴², que culminou no seu afastamento da presidência.

Na obra "O 18 Brumário de Luís Bonaparte", Karl Marx (1818-1883) mencionou a ideia hegeliana de que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem duas vezes, complementando que a primeira seria como tragédia e, a segunda, como farsa.

Trazendo essa perspectiva para o contexto nacional, é possível inferir que a tragédia consolidou suas bases no Golpe Militar ocorrido no Brasil em 1964. Já a farsa constitui-se no contraditório processo de *impeachment* da presidenta petista, que resultou que na tomada do poder por um grupo cujas orientações ideológicas revelam posicionamentos predominantemente ultradireitistas.

Como principais obras sob a batuta do presidente, tem-se:

- a extinção da Reserva Nacional de Cobre e Associados (RENCA), localizada nos Estados do Pará e Amapá, liberando mineração próxima a tribos e área ecológicas;
- o processo de privatização da Eletrobrás;
- a reforma trabalhista e também a aprovação da lei da terceirização, compactuando

⁴⁰ Segundo a definição hegeliana, o *zeitgeist* (espírito do tempo) "é sempre um determinado modo de ser, um determinado caráter, que invade todas as diversas partes e se manifesta tanto nas formas políticas como nas demais formas culturais, fundindo num todo as várias partes; e estas, por sua vez, não contêm coisa alguma de heterogêneo à condição fundamental dele, pois que podem aparecer diversas e acidentais, embora se afigure que muitas delas se contradizem mutuamente." (HEGEL, 2005, p. 362).

⁴¹ Henrique Meirelles foi também presidente do Banco Central do Brasil no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011).

⁴² O pedido de *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff foi aceito pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, preso desde outubro de 2016 pela Polícia Federal na Operação Lava Jato e condenado em março de 2017 a 15 anos e quatro meses de prisão, pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas. Vale lembrar aqui que os atos pró-*impeachment* que movimentaram o país em 2013 foram orquestrados pelo Movimento Brasil Livre (MBL), que recebeu apoio financeiro de partidos como o PSDB e Solidariedade. (Informação disponível em <<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pr-o-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>>>. Acesso em: 09 out. 2017).

com o pensamento neoliberal;

- a tentativa de implementação da reforma da previdência (atualmente, o governo perdeu o poder de articulação no congresso);

- a tentativa de implementação do Programa Escola Sem Partido (após forte mobilização popular, tal projeto de lei foi recentemente arquivado).

Vale destacar que o desmonte do Estado social e de direitos é o maior de todos os tempos. Além disso, o presidente conta com o maior índice de impopularidade da história dos presidentes brasileiros. Apesar disso, tem manobrado o Congresso e o Senado às custas de vultuosas quantias financeiras, via emendas parlamentares, para se livrar das duas denúncias de que foi alvo (a primeira, pelo crime de corrupção passiva, foi arquivada pela Câmara; já a segunda, pelos crimes de organização criminosa e obstrução de Justiça, encontra-se, atualmente, também arquivada).

Em face dos fatos apresentados, propõe-se pensar, sob a égide do capitalismo, a sociedade capitalista como uma grande peça teatral: aqueles que escrevem o roteiro e dirigem a história representam a ínfima parcela que detém a maior parte do capital. Quem sobe ao palco é a burguesia; a plateia, que assiste passivamente ao espetáculo, é o povo. Guy Debord (1931-1994) já havia discorrido sobre esse tema na obra "A Sociedade do Espetáculo", afirmando que "toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de "espetáculos". Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação." (DEBORD, 1997, p. 13). Para ele, esse espetáculo

apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como *instrumento de unificação*. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato de esse setor estar *separado*, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão-somente a linguagem oficial da separação generalizada. (DEBORD, 1997, p. 14).

O filósofo brasileiro Matias Aires (1705-1763) também sinalizou na obra "Reflexões sobre a Vaidade dos Homens" a farsa de uma sociedade guiada pela vaidade e pela fortuna. Segundo ele:

A vaidade e a fortuna são as que governam a farsa desta vida; cada um se põe no teatro com a pompa, com que fortuna, e a vaidade o põem; ninguém escolhe o papel; cada um recebe o que lhe dão. Aquele que sai sem fausto, nem cortejo, e que logo no rosto indica, que é sujeito à dor, à aflição, e à miséria, esse é o que representa o papel de homem. (AIRES, 1993, p. 78).

Analisando o atual cenário político, econômico e ideológico no Brasil, acredita-se ser possível tecer reflexões no tocante à construção e consolidação das máscaras sociais, moldadas pelo Estado com o auxílio do seu aparato ideológico. Para isso, propor-se-á num primeiro momento, analisar o AIE escolar no modo capitalista de produção.

3.3 As máscaras sociais

A existência das máscaras sociais também foi apontada por Matias Aires (1993), a partir de um cenário social que privilegia a aparência em detrimento da essência. A partir de apontamentos acerca da vaidade humana indagava, ainda no século XVIII: "Que são os homens mais do que aparências do teatro? Tudo neles é representação, que a vaidade guia (...)" (AIRES, 1993, p. 32). Ainda em suas palavras:

O homem não vem ao mundo mostrar o que é, mas o que parece; não vem feito, vem fazer-se; finalmente não vem ser homem, vem ser um homem graduado, ilustrado, inspirado; de sorte que os atributos, com que a vaidade veste ao homem, são substituídos no lugar do mesmo homem; e este fica sendo como um acidente superficial, e estranho: a máscara, que encobre, fica identificada, e consubstancial à coisa encoberta; o véu que esconde, fica unido intimamente à coisa escondida; e assim não olhamos para o homem; olhamos para aquilo que o cobre, e que o cinge; a guarnição é a que faz o homem, e a este homem de fora é a quem se dirigem os respeitos, e atenções; ao de dentro não; este despreza-se como uma coisa comum, vulgar e uniforme em todos. (AIRES, 1993, p. 77-78).

O criador do Teatro do Oprimido, Augusto Boal (1931-2009), também trouxe suas contribuições acerca das máscaras sociais. Segundo ele, "o conjunto de papéis que uma pessoa desempenha na realidade impõe sobre ela uma 'máscara social' de comportamento" (BOAL, 1980, p. 133). Ele ainda argumenta que:

Somos o que somos porque pertencemos a uma determinada classe social, cumprimos determinadas funções sociais e por isso "temos" que desempenhar certos rituais, tantas e tantas vezes que por fim a nossa cara, a nossa maneira de andar, a nossa forma de pensar, de rir, de chorar ou de fazer amor, acabam por adquirir uma forma rígida, preestabelecida, uma "máscara social". É horrível, mas é verdade: se não nos precavemos, até mesmo na cama acabamos por nos mecanizar; até o carinho acaba perdendo a graça; até o amor se ritualiza. (BOAL, 1982, p. 18).

A partir de uma análise mais cuidadosa sobre essa questão, é possível constatar na

sociedade capitalista a existência de duas máscaras sociais, a saber: a humanizadora e a coisificadora.

3.4 Máscaras humanizadoras x máscaras coisificadoras

A máscara humanizadora carrega em seus moldes um padrão estético, ideológico, comportamental e etário, simbolizado pela imagem do "homem - branco - cisgênero⁴³ - heterossexual⁴⁴ - cristão - jovem", que não por coincidência corresponde à imagem do pequeno grupo detentor do capital e dos meios de produção. Esse modelo reúne elementos nos quais as pessoas devem estar encaixadas para garantirem o respeito à sua humanidade, em detrimento da desumanização de qualquer indivíduo que destoe dessa regra, representado, dialeticamente, pelo "não homem - não branco - não cisgênero - não heterossexual - não cristão - não jovem", com seu conseqüente rebaixamento à condição de coisa. A respeito disso, cabe resgatar o conceito do termo "reificação" que, segundo Bottomore (2001):

é ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida. Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um caso "especial" de ALIENAÇÃO, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista. (BOTTOMORE, 2001, p. 315)⁴⁵.

O povo, aquele que veste as máscaras coisificadoras - aquelas que os transformam em coisas - passa inconscientemente do papel de protagonista para espectador de sua própria existência, numa sociedade devidamente equipada pela burguesia por meio das instituições que a teoria althusseriana chamou de aparelhos ideológicos do Estado.

3.5 O Aparelhamento Ideológico do Estado

De acordo com o filósofo francês Louis Althusser (1918-1990), "o Estado é uma

⁴³ Em oposição à transgeneridade, a cisgeneridade diz respeito à pessoa que se identifica como pertencendo ao mesmo gênero (masculino ou feminino) que lhe foi designado ao nascer.

⁴⁴ A heterossexualidade refere-se à atração afetivo-sexual por pessoas do gênero oposto.

⁴⁵ Grifos do autor.

'máquina' de repressão que permite às classes dominantes [...] assegurar a sua dominação sobre a classe operária [...]” (ALTHUSSER, 1985, p. 62). Para isso, o Estado introjeta a ideologia dominante na classe dominada, determinando seu modo de ser e de pensar. Aqui, é essencial recuperar o conceito de "ideologia", cuja definição Althusser realiza por meio das palavras de Marx. Este concebe a ideologia como “[...] um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social.” (ALTHUSSER, 1985, p. 81). Essas ideias adquirem materialidade por meio de instituições chamadas de aparelhos ideológicos do Estado, definidos por ele como “[...] um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1985, p. 68). Althusser propõe uma "lista empírica" das instituições que compõem o aparelhamento ideológico do Estado (AIE), a saber:

AIE religiosos (o sistema das diferentes igrejas)
 AIE escolar (o sistema das diferentes “escolas” públicas e privadas)
 AIE familiar
 AIE jurídico
 AIE político (o sistema político, os diferentes Partidos)
 AIE sindical
 AIE de informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc...)
 AIE cultural (Letras, Belas Artes, esportes, etc...)(ALTHUSSER, 1985, p. 68).

Os AIEs, enquanto instituições destinadas a disseminar a ideologia burguesa, são responsáveis também pela construção e consolidação das máscaras sociais. Pode-se trazer como um exemplo concreto de doutrinação ideológica do Estado o AIE midiático, que por meio de novelas, propagandas, filmes, revistas e internet, ditam freneticamente um padrão estético inatingível, que converge intencionalmente com o modelo da máscara humanizadora, mantendo a massa trabalhadora num estado efetivo de alienação.

No que diz respeito às máscaras coisificadoras, é possível dizer que elas são responsáveis por promoverem nos oprimidos uma profunda e dolorosa contradição: o "eu", que deveria ser "senhor" de si mesmo, passa a ser "escravo" de si mesmo; cada boicote à liberdade corresponde a um grau de submissão. A cada permissão inconsciente para a adoção das máscaras impostas pela pequena parcela dirigente da sociedade corresponde inevitavelmente a proibição da máscara da autenticidade, da possibilidade - em termos freireanos - de "estar sendo mais"⁴⁶.

⁴⁶ O gerúndio é utilizado intencionalmente por Paulo Freire em menção ao devir dialético.

Os oprimidos não possuem controle sobre sua consciência, tampouco sobre seu próprio corpo. Esse, que deveria ser, sobretudo, um símbolo de construção, expressão e manifestação do direito de ser mais e da autenticidade, na sociedade e no mundo, nada mais representa que um ente estranho aos oprimidos, que não conseguem se reconhecer na imagem refletida pelo espelho. A máscara coisificadora aprisiona os oprimidos em consciências e corpos e homogeneizados, enrijecidos e engessados pelos moldes da ideologia opressora.

Não obstante, a máscara humanizadora revela como usuários indivíduos que se perdem em suas contradições referentes aos discursos proferidos e às ações demonstradas. Basta lançar um olhar mais atento às notícias que envolvem políticos como Donald Trump, Eduardo Cunha, Aécio Neves, Jair Bolsonaro, Marco Feliciano, entre outros. São homens que se escondem sob o padrão "homem - branco - heterossexual - cisgênero - cristão - jovem", ao passo que alimentam discursos de ódio, de apologia ao estupro e de reverência à ditadura. Em consequência disso, percebe-se um cenário nacional desolador, onde a violência exacerbada contra os oprimidos - os mesmos que têm sua essência sufocada pelas máscaras coisificadoras - consolida diariamente estatísticas que sinalizam para 13 mulheres assassinadas por dia⁴⁷, o genocídio de jovens negros⁴⁸, uma morte LGBT a cada 28 horas⁴⁹, ataques constantes contra os adeptos de religiões de matriz africana⁵⁰, além do aumento da violência e das denúncias de maus-tratos contra os idosos⁵¹. São crimes impregnados de ódio e intolerância contra todo indivíduo que esteja à margem do modelo estético, ideológico, comportamental e étário daquele determinado pela classe dominante.

⁴⁷ MAPA da violência revela que 13 mulheres são mortas por dia no Brasil. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/500721-MAPA-DA-VIOLENCIA-REVELA-QUE-13-MULHERES-SAO-MORTAS-POR-DIA-NO-BRASIL.html>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

⁴⁸ ESCÓSSIA, Fernanda da. A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

⁴⁹ VITA, Vinícius de. UMA pessoa LGBT morre a cada 28 horas no Brasil. Disponível em: <<http://sinprominas.org.br/noticias/uma-pessoa-lgbt-morre-a-cada-28-horas-no-brasil/>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

⁵⁰ PUFF, Jefferson. Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil? Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_ip_rm>. Acesso em: 30 nov. 2016.

⁵¹ Um em cada seis idosos sofre algum tipo de violência, alerta OMS. Disponível em: <<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/um-em-cada-6-idosos-sofre-algum-tipo-de-violencia-alerta-oms>>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

3.6 O AIE escolar

A educação no Brasil mostra, historicamente, uma estreita relação com sua intencionalidade repressiva, já que o processo de catequização dos povos aqui encontrados pelos jesuítas visavam exclusivamente sua dominação para posterior escravização. Ainda hoje, os resquícios desse evento revelam-se muito presentes na forma de organização da sociedade brasileira, constituída sobre as bases das desigualdades sociais.

De um lado, os opressores procuram convulsivamente fortalecer seu poderio, moldando o comportamento da classe proletária em prol de seus interesses. Isso significa extirpar-lhes qualquer possibilidade de consciência, autonomia, criticidade e atitude frente às injustiças sofridas. Do outro lado, os oprimidos assumem inconscientemente uma postura arquitetada ao bel-prazer da burguesia, transformando-se em marionetes a serem manejadas por aqueles que detêm o capital. Esse movimento ilegítimo de controle é abordado por Paulo Freire (1981), segundo o qual:

A manipulação aparece como uma necessidade imperiosa das elites dominadoras, com o fim de, através dela, conseguir um tipo inautêntico de "organização", com que evite o seu contrário, que é a verdadeira organização das massas populares emersas e emergindo. (FREIRE, 1981, p. 173).

À vista disso, Freire discorre acerca da relação inversamente proporcional entre a manipulação e o pensar crítico. Isso significa que, quanto menos um indivíduo pense criticamente sobre seu papel no mundo, mais passível de ser manipulado pela elite ele será. Por conseguinte:

A manipulação [...] tem de anestesiar as massas populares para que não pensem. Se as massas associam à sua emersão, à sua presença no processo histórico, um pensar crítico sobre este mesmo processo, sobre sua realidade, então sua ameaça se concretiza na revolução. Chame-se a este pensar de "consciência revolucionária" ou de "consciência de classe", é indispensável à revolução, que não se faz sem ele. As elites dominadoras sabem tão bem disto que, em certos níveis seus, até instintivamente, usam todos os meios, mesmo a violência física, para proibir que as massas pensem. (FREIRE, 1981, p. 174).

No âmbito escolar, o processo de anestesiamento das classes oprimidas com vistas à incursão da ideologia opressora consolida-se por meio do que Freire (1981) chamou de "educação bancária", em menção ao depósito de informações por parte dos educadores aos educandos, considerados como recipientes vazios, incapazes de promover questionamentos,

reflexões ou problematizações acerca de seu papel no mundo. Segundo o autor, na educação bancária:

o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
 o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
 o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
 o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
 o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
 o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
 o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; (FREIRE, 1981, p. 67-68).

E segue:

o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
 o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem-se adaptar-se às determinações daquele;
 o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 1981, p. 68).

Recorre-se, novamente, às palavras de Althusser (1985), que atribui a eficácia do modelo de educação bancária ao fato de se permanecer obrigatoriamente na escola em período integral:

[...] nenhum aparelho ideológico do Estado dispõe durante tantos anos da audiência obrigatória (e por menos que isso signifique, gratuita...), 5 a 6 dias num total de 7, numa média de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista. (ALTHUSSER, 1985, p. 80).

Nessa perspectiva, conclui-se que o AIE escolar favorece a introjeção da ideologia dominante por intermédio da educação bancária que, por sua vez, traz como grande aliada a obrigatoriedade prolongada dessa educação.

3.7 O AIE escolar na disseminação da violência

Como mencionado anteriormente, a classe dominante determina um modelo de máscara a ser utilizada pelos oprimidos, apartada do padrão "homem - branco - cisgênero - heterossexual - cristão - jovem". Direcionando essa questão para o âmbito escolar, mais precisamente para a figura do professor, observa-se que este, enquanto parte da massa

trabalhadora, também é atingido pelos respingos ideológicos do Estado burguês. A respeito disso, vale resgatar as palavras de Freire (1981) acerca da consciência hospedeira do oprimido, que vive “a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor” (FREIRE, 1981, p. 32-33). Isso quer dizer que a classe oprimida está imersa de tal forma na realidade opressora, que seu modo de ser acaba por ser contaminado pelo modo de ser dos opressores.

O que acontece na sala de aula não é diferente, posto que o professor assume, nessa perspectiva, uma postura similar àquela atribuída aos capitães-do-mato, que na sociedade escravocrata utilizavam de extrema violência para capturar escravos fugitivos, seguindo à risca o modo de ser de seus opressores. O filme "Vidas Secas" (1963), inspirado na obra de Graciliano Ramos, traz uma cena emblemática sobre esse tema. Num raro momento de solidão com a cachorra Baleia, um dos filhos da família que atravessa o sertão fugindo da seca e da miséria se põe a reproduzir com o animal os mesmos gestos de violência que tão frequentemente via no pai. Pode-se até inferir que, diante de um contexto de sofrimento, miséria e pobreza, onde nenhum membro da família pôde presenciar as mínimas condições de amor, afeto e dignidade, decorre uma espécie de naturalização do ódio e da violência.

Tais exemplos ajudam a perceber um movimento de empatia pela máscara humanizadora, ao mesmo tempo em que se provoca a antipatia por aqueles que carregam a máscara coisificadora. Ou seja, o indivíduo situado fora da estrutura "homem - branco - cisgênero - heterossexual - cristão - jovem", ou seja, "não homem - não branco - não cisgênero - não heterossexual - não cristão - não jovem", é tratado como mero objeto. Dessa forma, a antipatia, enquanto um dos pré-requisitos para a violência, é o ponto de partida para que crimes motivados pelo ódio e pela intolerância atinjam majoritariamente mulheres, negros, LGBTQs, adeptos de religiões de matriz africana e idosos. Como resultado disso, o que se constata é um movimento de perpetuação da "prescrição", que Freire (1981, p. 34) define como “a imposição da opção de uma consciência a outra”. Isso implica num movimento de perpetuação da ideologia dominante, visto que a consciência opressora transferida pelo Estado elitista ao professor contamina também os alunos desse professor, que continuarão inconscientemente propagando-a nos diversos contextos sociais. Segundo Freire (1981):

Daí, o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência “hospedeira” da consciência opressora. Por isso, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles - as pautas

dos opressores. (FREIRE, 1981, p. 34-35).

A consciência hospedeira distorce a realidade efetiva dos fatos, mantendo os oprimidos alienados a uma realidade ilusória, ou ainda, uma pseudo-realidade, cujo solo constitui um terreno fértil para fazer brotar as sementes da supremacia de um povo em relação a outro (neste caso, a supremacia da classe dominante sobre a classe oprimida). É importante frisar que Paulo Freire entende que a consciência de classe oprimida é limitada pelo seu entorno, sendo possível, porém, transcendê-la.

Ademais, acrescente-se aos processos de identificação do oprimido com o opressor e à naturalização da violência a questão da falta de representatividade. É muito difícil encontrar, por exemplo, livros didáticos que contemplem a figura da mulher em posições de empoderamento. Na maioria das vezes, elas estão associadas a uma imagem fragilizada, submissa e inferiorizada em relação ao homem, fortalecendo a cultura sexista, machista e patriarcal.

Quanto aos negros, não é raro vinculá-los estritamente à história da colonização do Brasil e a datas comemorativas, como Abolição da Escravatura e Dia da Consciência Negra. A questão torna-se ainda mais delicada quando se trata de identidade de gênero e orientação sexual. A transgeneridade bem como a sexualidade divergente da heterossexual sequer é mencionada nos livros e, quando o tema é abordado em sala de aula, isto é feito pelo professor em tom de recriminação, coerção e violência psicológica, típicos da aderência à consciência opressora. Nesse sentido, os idosos também são invisibilizados, o que fortalece o processo de exclusão a que eles já estão submetidos.

Embora tenham ocorrido lentas mudanças no tocante a essa situação, a falta de representatividade é, ainda, um fator determinante na manutenção do *status quo*, de forma a colaborar para o enfraquecimento da empatia já tão debilitada pela questão da consciência prescrita pela classe dominante.

4. CONSTATAÇÕES DA PESQUISA E DISCUSSÃO

*"Tenho uma espécie
de dever de sonhar sempre,
pois, não sendo mais,
nem querendo ser mais,
que um espectador de mim mesmo,
tenho que ter o melhor espetáculo que posso.
Assim me construo a ouro e sedas,
em salas supostas, palco falso,
cenário antigo, sonho criado
entre jogos de luzes brandas
e músicas invisíveis." ⁵²*

Neste capítulo, dedicar-se-á algumas reflexões referentes às constatações desta pesquisa e sua discussão, a partir da análise das informações e dos dados obtidos por meio dos seguintes instrumentos metodológicos: intervenções, observação e entrevistas.

Considera-se ser relevante, primeiramente, apresentar o *locus* onde esta pesquisa se desenvolveu, trazendo à tona alguns aspectos importantes que permitam um esclarecimento mais efetivo acerca do Programa AFRID e do grupo AFRIDança.

4.1 O programa AFRID e o grupo AFRIDança

O Programa AFRID - cuja sigla sugere a abreviação de "Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade" - está vinculado institucionalmente à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU) e congrega atividades teóricas e práticas voltadas para os idosos residentes na cidade de Uberlândia e região. Para participar desse programa, é necessário ter no mínimo 50 anos de idade e não apresentar dependência física. Segundo a pesquisadora Costa (2000, p. 17) referencia:

A idade de 50 anos pareceu-nos ideal devido ao desgaste (bio-psico-cultural), que a baixa condição socioeconômica favorece. A não-dependência dos participantes é um critério solicitado pelo fato destes,

⁵² PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Bernardo Soares (org.). 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 232.

exigirem maiores cuidados especiais e individualizados. (COSTA, 2000, p.17).

Idealizado e realizado tanto por estagiários como por professores do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, o AFRID tem como finalidade estimular a participação ativa e dinâmica da comunidade, buscando minimizar os estigmas a que sempre estão submetidos os idosos, valorizando as potencialidades de cada participante.

Para a realização do programa, busca-se um trabalho interdisciplinar (Psicologia, Medicina Clínica, Educação Física, Fisioterapia), onde cada segmento contribui para o enriquecimento e a valorização dessa iniciativa, com aplicação dos conhecimentos específicos de cada área. Dentre as atividades oferecidas ao público senil, é possível destacar Caminhada, Dança, Canto e Coral, Fitness, Vôlei, Ginástica Localizada, Yoga, Hidroginástica, Musculação, Natação, Informática, além de Passeios Turísticos⁵³.

Buscando compreender como se deu o surgimento do Programa AFRID, vale resgatar os apontamentos de Medeiros (2017, p. 76-77), ao esclarecer que:

[...] o AFRID surge em 1989, a partir dos interesses de discentes e docentes do curso de Educação Física. Na realidade, havia um projeto que oferecia atividades físicas aos idosos, pensado e executado pelo discente Paulo César Alves Rocha desde 1987. Esse primeiro projeto oferecia orientações da prática da caminhada e outras atividades físicas no Campus Educação Física para esses idosos. Esse foi o embrião do AFRID nos anos de 1987 e 1988. Após a formatura do discente e seu desligamento da instituição, o projeto que atendia aos idosos foi retomado com o nome de AFRID sob a supervisão da professora Geni de Araújo Costa [...]. (MEDEIROS, 2017, 2017, p. 76-77).

Ainda sobre a gênese do referido programa, Medeiros (2017, p. 79) sublinha que:

[...] havia um projeto que atendia idosos iniciado em 1987 e, em 1989, a professora Geni, com um olhar sensível às questões do envelhecimento, percebeu a oportunidade do espaço e público já ativos. Juntamente com outros professores e alunos do curso de Educação Física, deram continuidade à ação e a denominaram AFRID. (MEDEIROS, 2017, p. 79).

Considerando, portanto, desde a sua origem, o programa AFRID soma cerca de três décadas dedicadas ao atendimento dos idosos, configurando-se, dessa forma, seu caráter extensionista. Visando elucidar as principais atribuições da extensão universitária, tem-se, nas palavras de Santos *apud* Medeiros (2017, p. 43), que:

⁵³ Informações disponíveis em <<<http://www.afrid.fae.fi.ufu.br/node/3>>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da praxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como conseqüências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (SANTOS *apud* MEDEIROS, 2017, p. 43).

Em face disso, compreende-se que o programa AFRID oportuniza o fortalecimento da *práxis* educativa, ao promover o encontro entre Universidade e sociedade, viabilizando a construção do conhecimento a partir de um processo dialético entre teoria e prática. Ademais, é possível inferir que o AFRID constitui um *locus* de implementação de políticas públicas direcionadas à terceira idade, em consonância com uma das principais atribuições da extensão. Conforme aponta Severino (2007, p. 31):

A extensão se torna exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade, uma vez que tais processos só se legitimam, inclusive adquirindo sua chancela ética, se expressarem envolvimento com os interesses objetivos da população como um todo. O que se desenrola no interior da Universidade, tanto do ponto de vista da construção do conhecimento, sob o ângulo da pesquisa, como de sua transmissão, sob o ângulo do ensino, tem a ver diretamente com os interesses da sociedade. (SEVERINO, 2007, p. 31).

Dessa forma, o AFRID representa um espaço de articulação entre o saber científico e o saber popular, resultando numa rica aliança entre Universidade e sociedade.

Nesse contexto, cabe ressaltar que o AFRID estende sua proposta de trabalho às Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), oferecendo atividades físicas, bem como atividades recreativas, artísticas, expressivas e de reabilitação para os internos, propiciando, dessa maneira, maior bem-estar e qualidade de vida para aqueles que lá se encontram⁵⁴, o que vem a corroborar com sua natureza extensionista.

O programa AFRID também realiza, desde 1995, a "Semana do Idoso", como explica Costa (2000, p. 49):

⁵⁴ Informações disponíveis em: <<<http://www.afrid.faei.ufu.br/node/103>>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

É um encontro informativo, educacional e cultural para a comunidade em geral, especialmente à clientela idosa, pertencente ou não ao projeto AFRID/UFU. Tem como propósitos criar uma maior integração e socialização entre os pares, maior aquisição de conhecimentos e informações acerca de temas que dizem respeito ao envelhecimento e, ainda, criar oportunidades de revitalizar potencialidades adormecidas ou estagnadas ao longo do tempo. Esse evento sensibiliza tanto idosos como jovens e profissionais que atuam na área. (COSTA, 2000, p. 49).

Isso posto, observa-se que a promoção desse evento faz do AFRID um espaço de democratização e de disseminação do conhecimento, possibilitando aos idosos uma formação política, ao viabilizar a esse público o acesso a informações e conhecimentos referentes à velhice, que garantem à população idosa não só uma melhor compreensão do processo de envelhecimento, mas também a proximidade com questões relacionadas aos direitos e deveres na terceira idade. Medeiros (2017, p.15) salienta que:

[O Afrid] suscita reflexões no campo da prática pedagógica, possibilitando espaço de empoderamento para a população da terceira idade, e aprimoramento aos estudantes e pesquisadores interessados nas temáticas: envelhecimento, atividade física, saúde e qualidade de vida. (MEDEIROS, 2017, p. 15).

Delineando, especificamente, o grupo que constitui o público-alvo desta pesquisa, tem-se o AFRIDança, um grupo de dança originado em fevereiro de 1995, formado por mulheres acima de 60 anos que integram o programa AFRID. De acordo com as colocações de Medeiros (2017, p. 82):

Outra ação desenvolvida pelo AFRID é o projeto do grupo de dança, criado em 1995, por iniciativa da professora e coordenadora do AFRID, Geni de Araújo Costa, e de um discente do curso de Educação Física que se interessava em trabalhar com a dança para a terceira idade, o que denota, mais uma vez, o interesse discente no trabalho extensionista. O grupo começou com a participação de 16 mulheres, com idade entre 51 e 68 anos, na modalidade de dança moderna, e foi desenvolvido adaptando a dança e o trabalho de expressão corporal à faixa etária das participantes. Atualmente, o grupo de dança do AFRID se apresenta em eventos culturais dentro e fora da UFU, também participa de festivais e concursos. (MEDEIROS, 2017, p. 82).

FIGURA 8 - apresentação do grupo AFRIDança



Fonte: *website* do programa AFRID⁵⁵.

A figura acima exhibe o grupo AFRIDança se apresentando no 1º Festival Interamericano de Dança, onde conquistou o primeiro lugar. Além dos ensaios semanais, que ocorrem duas vezes por semana, com duração de aproximadamente uma hora cada, o AFRIDança também se apresenta em diversos eventos na cidade de Uberlândia, região e até mesmo no exterior, participando também de festivais e concursos.

As viagens ocorridas em decorrência dessas apresentações são frequentemente lembradas pelas integrantes desse grupo com muita alegria e entusiasmo, representando um aspecto fundamental no tocante à socialização, já que promove a interação humana e social, viabilizando o convívio social e estimulando o fortalecimento dos vínculos afetivos, indispensáveis para a garantia de uma velhice bem-sucedida, plena, digna, ativa e saudável.

4.2 Constatações das Intervenções

Para promover ações diretas com o público-alvo, com vistas a torná-los sujeitos conscientes das opressões vivenciadas e capazes de transformar essas situações, promoveu-se uma sequência de cinco intervenções, que possibilitaram a conversão do espectador em ator.

⁵⁵ Disponível em: <<<http://www.afrid.fae.fi.ufu.br/node/303>>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

É importante ressaltar que o fato de essas alunas participarem do grupo de dança há muitos anos, bem como de outras atividades fornecidas pelo AFRID, tais como musculação, hidroginástica, yoga, dentre outras, foram determinantes para que as intervenções surtiram o resultado esperado a partir dessas cinco etapas. Cada aula durou cerca de uma hora, tendo em vista que, devido às alunas idosas se cansarem mais facilmente, a pesquisadora foi orientada a não ultrapassar esse limite de tempo.

Assim, as intervenções ocorreram conforme delineado a seguir, à luz das devidas articulações teóricas e práticas.

4.2.1 Primeiro encontro: conhecimento do corpo

O primeiro encontro privilegiou uma série de exercícios voltados ao que Augusto Boal definiu como "desalienação corporal", ou seja, uma sequência de movimentos que permitem a retomada consciente dos movimentos corporais que, na sociedade capitalista, tornam-se endurecidos, engessados e alienados por uma vida tão intrinsecamente ligada ao trabalho. Cabe resgatar as palavras de Marx (1992) denunciando o quão embrutecedora e fatigante poderia ser uma rotina de doze horas de trabalho:

O operário que durante doze horas tece, fia, fura, torneia, constrói, maneja a pá, entalha a pedra, transporta-a etc., considera essas suas doze horas de tecelagem, fiação, furação, de trabalho de torno e de pedreiro, de manejo da pá ou de entalhe da pedra como manifestação de sua vida, como sua vida? Muito pelo contrário. A vida para ele principia quando interrompe essa atividade, à mesa, no albergue, no leito. Em compensação, ele não tem a finalidade de tecer, de fiar, de furar etc., nas doze horas de trabalho, mas a finalidade de ganhar aquilo que lhe assegura mesa, albergue e leito. (MARX, 1992, p. 19).

Conforme descreve Boal, essa primeira etapa é voltada ao conhecimento do corpo, por meio de uma “sequência de exercícios em que se começa a conhecer o próprio corpo, suas limitações e suas possibilidades, suas deformações sociais e suas possibilidades de recuperação” (BOAL, 1980, p. 131). Ainda segundo o autor, esses exercícios têm por finalidade

desfazer as estruturas musculares dos participantes. Isto é: desmontá-las, verificá-las, analisá-las. Não para que desapareçam, mas sim para que se tornem conscientes. Para que cada operário, cada camponês, compreenda, veja e sinta até que ponto seu corpo está determinado pelo seu trabalho. (BOAL, 1980, p. 134).

Para iniciar esta etapa, a pesquisadora propôs um jogo de apresentação, com o intuito de promover um ambiente receptivo e acolhedor para as participantes. Nesse momento, formou-se uma roda onde cada idosa foi instruída a dizer seu nome, seguido de um gesto e de uma palavra que simbolizassem a sensação de estar ali. Dentre as palavras citadas, vale destacar algumas, como: "sorriso", "amor", "gratidão", "felicidade", "empolgação", "alegria", "amizade", "festa" e "gargalhada", certificando que, de fato, aquele momento era realmente muito esperado por todas. Em roda, cada participante ia repetindo nomes, gestos e palavras anteriormente citados, visando, com esse movimento, exercitar também a memória.

Após esse momento de descontração, as participantes foram submetidas a exercícios de aquecimento físico, dentre eles a sequência de auto-massagem, com a qual se "ganha controle cerebral sobre cada músculo e cada parte" (BOAL, 1982, p. 58). Assim, esse exercício promove o despertar da consciência corporal, bem como o avivamento do corpo em sua totalidade.

As participantes também executaram uma sequência de alongamentos que, para a terceira idade, podem ser muito benéficos, como coloca Oliveira (2015):

A prática regular de alongamentos por idosos ajuda a atenuar os efeitos negativos relacionados ao envelhecimento, devido à associação de diversos benefícios, como aumento da flexibilidade dos músculos e articulações, redução das tensões musculares, prevenção de lesões, auxílio no retardo da perda natural e progressiva da flexibilidade, potencializa a sensação de autonomia e bem-estar, ativa a circulação promovendo mais disposição, fazendo com que seja mais fácil realizar algumas atividades diárias, como cozinhar, limpar e arrumar. (OLIVEIRA, 2015).

FIGURA 9 - sequência de alongamentos.



Fonte: acervo pessoal.

A figura 9 retrata a sequência de alongamentos, cuja execução traz bem-estar e reduz as tensões musculares, além de potencializar a flexibilidade, autonomia, força e consciência motoras.

Além disso, as alunas executaram sequências de movimentos de rotação, visando o resgate dos movimentos mecanizados pelo trabalho no modo de produção capitalista, possibilitando, assim, não só a desalienação das estruturas musculares, como também a recuperação da consciência corporal. A figura 10 contempla um momento da sequência dos movimentos de rotação.

FIGURA 10 - sequência de movimentos de rotação.



Fonte: acervo pessoal.

É importante atentar-se para o fato de que cada idosa possui seus limites e possibilidades, que foram devidamente respeitados quando da exploração das potencialidades de cada uma.

Também foram aplicados exercícios de desalienação facial, tais como: abrir e fechar o rosto, mastigar o M, estalar a língua, com vistas à recuperação da expressividade facial.

Para finalizar, as alunas praticaram o exercício conhecido como hipnotismo, que Boal (1982, p. 74) assim descreve:

Um ator põe a mão a poucos centímetros da cara de outro e este fica como que hipnotizado, devendo manter a cara sempre à mesma distância da mão do hipnotizador. Este inicia uma série de movimentos com a mão, para cima e para baixo, fazendo com que o companheiro faça com o corpo todas as contorções possíveis a fim de manter a mesma distância. (BOAL, 1982, p. 74).

Vale destacar que destinou-se, em média, entre dez e quinze minutos para a aplicação de cada exercício, conforme a aplicabilidade de cada um.

4.2.2 Segundo encontro: tornando o corpo expressivo

O segundo encontro foi voltado para a retomada da expressividade corporal, por meio de uma "sequência de jogos em que cada pessoa começa a se expressar unicamente através do

corpo, abandonando outras formas de expressão mais usuais e cotidianas" (BOAL, 1980, p. 131).

Segundo Boal (1980, p. 137), o objetivo dessa etapa "é o de desenvolver a capacidade expressiva do corpo. Estamos acostumados a tudo comunicar através da palavra, o que colabora para o subdesenvolvimento da capacidade de expressão corporal".

Para isso, recorreu-se a exercícios que tiveram como função não só a recuperação da expressividade, como também a promoção do equilíbrio e da atenção, o estímulo à observação e à percepção de si, do outro e do espaço.

Esse encontro teve, como primeiro exercício, o preenchimento do espaço vazio, com a introdução de conceitos teatrais básicos, tais como "corpo neutro", "velocidade" e "nível". Nesse exercício, as alunas foram instruídas a se moverem aleatoriamente pelo espaço, de modo que preenchessem com seus corpos quaisquer espaços vazios por elas detectados. A partir daí, foram desenvolvidos os conceitos de velocidade - numa escala de 0 a 5 - representando a rapidez com que cada participante deveria caminhar, e de nível - baixo, médio ou alto - correspondendo à posição do corpo em relação ao solo.

Durante essa movimentação espacial, as pesquisadas eram, por vezes, instruídas a pararem, sendo questionadas acerca de detalhes referentes a outras participantes, promovendo o treinamento da observação e da memória.

Após esse movimento, foi desenvolvido o exercício conhecido como corrida em câmara lenta, que possibilita tanto a atenção quanto o equilíbrio, como mostra a figura a seguir.

FIGURA 11 - corrida em câmara lenta (BOAL, 1980, p. 134).



Fonte: acervo pessoal.

No exercício demonstrado pela figura 11, as alunas, em duplas ou trios, deveriam simular uma corrida com movimentos que deveriam ser executados o mais lentamente possível. Segundo Boal (1982, p. 75) "este exercício, que necessita de grande equilíbrio, estimula todos os músculos do corpo". Vale lembrar que a vencedora desta corrida era aquela que chegasse por último.

Outro exercício desenvolvido nesse encontro foi a roda de ritmo e movimento, que se deu da seguinte forma: as participantes iam, uma a uma, para o centro da roda e caminhavam, cada qual, ao seu modo. Outra participante era convidada a entrar na roda e caricaturizar a caminhada da primeira, exagerando ao máximo possível em cada detalhe.

FIGURA 12 - roda de ritmo e movimento (BOAL, 1982, p. 70).



Fonte: acervo pessoal.

A figura 12 retrata o exercício designado por Boal como "roda de ritmo e movimento", cuja execução oportunizou momentos de descontração e desenvoltura.

Além disso, as alunas executaram o exercício conhecido como "superpoder", muito eficaz no que diz respeito ao estímulo da expressividade. Propôs-se às pesquisadas que se imaginassem como super heroínas, de modo que eram conduzidas por um suposto superpoder que saía, a cada momento, de uma parte diferente do corpo.

As participantes também realizaram um jogo de proposição de formas corporais, segundo o qual as alunas deveriam propor formas com seus corpos, de modo a serem reproduzidas por seus pares, tendo em vista que tal prática se deu a partir de duplas.

Concluiu-se esse encontro com o exercício denominado por Boal como "marionete", por meio do qual cada participante assumia a função de marionete, devendo ter o corpo esculpido pelas outras alunas. Após esse movimento, a marionete, devidamente modelada, era convidada a se deslocar pelo espaço sem desfazer a nova estrutura corporal e, depois, com essa estrutura já desmontada, a fim de perceber as diferenças, incômodos, dificuldades e facilidades gerados a partir do primeiro e do último movimento.

4.2.3 Terceiro encontro: o teatro-imagem

Essa etapa teve como foco a prática teatral como linguagem viva e presente, por meio da utilização do corpo como instrumento capaz de expressar sentimentos, significados e compreensões de mundo a partir de cada indivíduo. O teatro-imagem funciona como uma espécie de espelho, por meio do qual é possível não apenas se ver refletido no outro, mas, sobretudo, onde cada indivíduo é levado a pensar sobre as situações de opressão experimentadas, com vistas a transformá-las.

Essa fase deu início à conversão do espectador em ator, uma vez que cada sujeito era convidado a intervir na ação teatral, assumindo o papel de protagonista, além de ser levado a pensar sobre suas ações e a propor soluções para os conflitos apresentados, sob uma perspectiva analítica, crítica e reflexiva.

Assim, iniciou-se esse encontro enfatizando a capacidade que o corpo possui de falar, salientando sua potência enquanto um instrumento de linguagem, apto a comunicar ideias, sensações, sentimentos e desejos. Ressalta-se aqui que o corpo pode ser percebido também a partir de uma perspectiva histórica, já que carrega em si a memória das experiências enfrentadas durante a vida.

Isso posto, aplicou-se o exercício conhecido como "Quem e Onde", por meio do qual as alunas deveriam utilizar seus corpos para mostrar situações que possibilitassem a visualização de personagens por elas escolhidos, bem como do cenário em que estes se encontravam. Nesse contexto, explorou-se o conceito teatral de "fiscalização", que consiste em explorar o imaginário com vistas a torná-lo físico, real.

Vale destacar que, na execução desse exercício, todas as participantes, sem exceção, propuseram situações ligadas ao mundo do trabalho de cada uma: costureira, professora, cabeleireira, enfermeira e faxineira. Tal fato sinaliza para a importância conferida ao tema do trabalho, que se entrelaça com a própria vida dessas mulheres.

Após esse exercício, propôs-se uma roda de conversa, na qual as pesquisadas foram levadas a refletir sobre o conceito de "opressão", a partir das experiências de vida de cada uma, resgatando sentimentos e sensações que vinham à tona a partir dessa palavra. Desse processo, surgiram palavras como: "sofrimento", "humilhação", "vergonha", "injustiça", "medo" e "clamor".

Posteriormente, as alunas foram convidadas a mostrarem, utilizando seus corpos como linguagem, o que elas entendiam por "opressão", em consonância com a proposta do teatro-imagem.

FIGURA 13 - teatro-imagem.



Fonte: acervo pessoal.

A figura 13 revela um momento do exercício de teatro-imagem, no qual as pesquisadas deveriam usar o corpo como instrumento de linguagem, expressando, por meio dele, o que elas entendiam por "opressão". Na execução dessa etapa, as alunas expressaram semblantes, movimentos e gestuais que remetiam a sentimentos como sofrimento, inferioridade, medo, violência, angústia, desespero, decepção, choro e clamor, validando o pensamento de Boal (1980, p. 147) quando afirma que "esta forma de 'teatro-imagem' é, sem dúvida, uma das mais estimulantes, por ser tão fácil de praticar e por sua extraordinária capacidade de tornar visível o pensamento".

Ao fim desse movimento, as pesquisadas participaram de uma variação do exercício de marionete, que consistia em modelar os corpos umas das outras, tendo em vista o conceito de "opressão".

Após a composição de cada marionete, as pesquisadas deveriam, em contraponto, promover a montagem da imagem ideal, o que resultou em imagens nas quais era possível vislumbrar liberdade, alegria, equilíbrio, paz, coragem, alívio e resistência.

Ao estabelecer esse contraponto entre a imagem real e a imagem ideal, foi possível verificar que as imagens corporais referentes à questão da opressão traziam corpos visivelmente mais encolhidos, cujos olhares eram direcionados sempre ao solo, reportando à ideia de pequenez e inferioridade. Já na execução da imagem ideal, os corpos se colocavam mais expansivos, abertos e eretos, com olhares direcionados para cima, aludindo a posturas de coragem e enfrentamento. Tal constatação remeteu imediatamente a pesquisadora às expressões freirianas "ser menos" e "ser mais".

Por último, as alunas foram convidadas a recordar situações de opressão por elas experimentadas, que deveriam estar vinculadas preferencialmente ao tema da terceira idade, podendo contemplar também o mundo do trabalho ou a questão de gênero. Assim, cada uma escreveu, anonimamente, uma cena abordando as situações de opressão sofridas.

4.2.4 Quarto encontro: o teatro-debate (ou teatro-fórum)

O quarto encontro contemplou o "teatro-debate" (também chamado de "teatro-fórum"), a partir de encenações das situações de opressão vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa, promovendo efetivamente a intervenção dessas alunas na ação teatral. Essa fase possibilitou a consolidação da proposta concebida pelo Teatro do Oprimido, haja vista que se estabeleceu, efetivamente, a conversão do espectador, que é um ser passivo, em ator, que é um ser ativo, do objeto em sujeito que reflete, age e transforma a realidade, a partir da discussão de alternativas concretas para os conflitos apresentados.

Boal relembra, em vídeo documentário sobre o Teatro do Oprimido⁵⁶, o surgimento dessa técnica teatral, que se deu quando ele fora trabalhar no Peru. Naquela época, a técnica utilizada era a dramaturgia simultânea, que consistia na interpretação de uma peça teatral até o momento de crise. Uma vez apresentado tal conflito, pausava-se a peça e questionava-se a plateia sobre possíveis soluções para a situação exibida, ressaltando que o protagonista não sabia o que fazer. Dessa forma, as alternativas propostas pelos espectadores continuavam a ser encenadas pelos próprios atores, mantendo-se, ainda, a separação entre atores e espectadores. Segundo Boal, em certa ocasião, uma mulher da plateia pediu para contar sua história. De acordo com a tal senhora, seu marido não trabalhava e vivia lhe pedindo

⁵⁶ O Teatro-Fórum. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=IZhlpnSVRUg>>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

dinheiro, declarando estar construindo uma casa para ela. À medida que ela lhe dava o dinheiro solicitado, o marido sumia por longos períodos de tempo e voltava com papéis que lhe entregava em mãos, afirmando se tratar dos recibos referentes ao material utilizado na construção da tal casa. Após uma briga com o marido, que havia viajado, a mulher, que era analfabeta, pediu a uma vizinha para ler tais recibos. Qual foi a surpresa quando a vizinha lhe revelou que não se tratavam de recibos, e sim de cartas de amor, escritas pela amante do tal marido. Como ele estava prestes a chegar de viagem, a senhora pediu ajuda, alegando não saber o que fazer diante de tal situação. A plateia, então, propôs algumas alternativas que foram encenadas pelos atores, até que uma mulher muito forte e brava gritou, aos berros, ter uma ideia. Questionada pelos atores qual seria essa ideia, ela afirmou que a senhora deveria ter uma conversa muito clara com o marido devendo, em seguida, perdoá-lo. Após a encenação dessa sugestão, na qual a atriz conversou claramente com o ator sobre a amante, perdendo-o ao final, a tal mulher forte se pôs furiosa, atestando que os atores não haviam entendido nada. Diante desse impasse, os atores decidiram convidar a tal mulher para subir ao palco e mostrar que tipo de solução muito clara se tratava. Assim, ela subiu ao palco e assumiu o lugar da atriz, esbofeteando o ator para representar a tal conversa muito clara. Eis que surgiu, assim, o teatro-debate, também conhecido teatro-fórum, em menção ao termo espanhol *foro*.

Isso posto, partiu-se dos contextos de opressão colocados no encontro anterior pelas alunas, instruindo-as a se organizarem em torno de cada situação apresentada a fim de executarem a montagem das cenas, que deveriam se estender até o ponto alto do conflito. Desse movimento decorreram quatro cenas:

1. uma mulher que sempre viveu submissa ao marido e que, após o divórcio, desejava aproveitar a vida mas era repreendida pelos filhos por conta de sua idade - aqui é impossível não rememorar a história de Madame Bertini no filme inspirado na obra de Bertolt Brecht "A Velha Dama Indigna" (1965), que após ficar viúva decide começar uma nova vida aos 70 anos, desfrutando de pequenos prazeres que até então ela não tivera acesso -;

2. uma filha que cuidava do seu pai, já muito idoso e sofria repressões dele, que a acusava de estar gastando todo o seu dinheiro;

3. uma mulher que durante uma viagem ao Rio de Janeiro foi repreendida por uma jovem na fila de um estabelecimento por "passar na frente de todos";

4. uma viúva que desejava começar um novo relacionamento mas era repreendida pelos filhos, que afirmavam que ela não tinha mais idade para namorar.

FIGURA 14 - teatro-debate (ou teatro-fórum).



Fonte: acervo pessoal.

A figura 14 retrata o exercício chamado de "teatro-debate" (ou teatro-fórum), por meio do qual as alunas propuseram alternativas para conflitos gerados por situações de opressão vivenciadas por elas, a partir da encenação de tais conflitos.

Foi possível constatar, por meio desse exercício, que a opressão na terceira idade começa geralmente na própria família, com os filhos ou com os companheiros, reforçando ideias estereotipadas sobre a velhice contra as quais é preciso lutar.

As encenações dessas situações de opressão constituíram um processo muito profícuo, já que as próprias alunas construíram as cenas, que eram representadas até o momento dos conflitos. A partir daí, cada uma era convidada a assumir o papel de protagonista, apresentando sua solução para o problema. Segundo Boal (1980, p. 152), "esta forma teatral não tem a finalidade de mostrar o caminho correto (correto de que ponto de vista?), mas sim a de oferecer os meios para que todos os caminhos sejam estudados".

Vale ressaltar que, na execução dessa etapa, cuidou-se para que as sugestões propostas fossem pautadas pela ética e pela solidariedade, que constituem as bases do Teatro do Oprimido.

Dessa forma, quando se apresentava propostas que vislumbravam a resolução de um conflito por meio do uso de violência, por exemplo, questionava-se as alunas sobre tal atitude, levando-as a refletirem sobre as consequências de tal conduta e estimulando-as a considerarem o diálogo como a melhor alternativa frente às questões colocadas.

4.2.5 Quinto encontro: o teatro-jornal

O teatro-jornal norteou a quinta e última etapa das intervenções. A proposta consistia na criação de cenas pelas pesquisadas a partir de notícias de jornal. Pediu-se, naquela ocasião, que as alunas privilegiassem notícias que contemplassem o tema da opressão.

FIGURA 15 - teatro-jornal.



Fonte: acervo pessoal.

A figura 15 mostra as alunas escolhendo notícias em jornais, que deveriam ser transformadas em cenas teatrais.

As notícias selecionadas por elas foram as seguintes:

- um famoso jogador de futebol acusado de espancar a mãe idosa;
- o expressivo índice de golpes financeiros sofridos na terceira idade.

Essa foi também uma oportunidade de enfatizar o teatro-debate (ou teatro-fórum), visto que tais encenações eram executadas até o momento do conflito, permitindo às alunas, mais uma vez, assumirem a posição de protagonistas da ação

teatral, intervindo de forma a transformarem as situações concretas de opressão por elas apresentadas.

Vale ressaltar que não houve intervenção da pesquisadora na concepção das cenas, de modo a possibilitar às pesquisadas o exercício da autonomia e a fomentar o potencial criador dessas mulheres.

Ao final dessa etapa, as alunas, num gesto espontâneo, agradeceram, se abraçaram e comemoraram aos pulos, revelando alegria, euforia, satisfação e superação por tal feito e levando a pesquisadora a compreender a importância que tal experiência representou para esse público-alvo, já que o teatro segue na contramão da invisibilização da velhice. Naquele momento, constatou-se que o objetivo desta pesquisa havia, de fato, sido atingido.

4.3 Constatações da Observação

Durante o processo de observação *in loco*, uma das contradições que mais chamou a atenção foi a negação da velhice pelo próprio sujeito idoso. Percebe-se, com isso, a importância do programa AFRID, ao promover o convívio desse público, possibilitando que os idosos se reconheçam em seus pares nessa fase da vida, que é inerente à condição humana.

Constatou-se que um dos principais motivos responsáveis pela ausência das pesquisadas nas aulas estava ligado à alta incidência de quedas oriundas de acidentes domésticos, culminando por vezes em fraturas e inviabilizando sua locomoção. A respeito disso, cabe destacar as observações de Beauvoir (1990, p. 34), quando diz que:

A atrofia muscular e a esclerose das articulações acarretam problemas de locomoção. O esqueleto sofre de osteoporose: a substância compacta do osso torna-se esponjosa e frágil; é por este motivo que a ruptura do colo do fêmur, que suporta o peso do corpo, é um acidente frequente. (BEAUVOIR, 1990, p. 34).

Verificou-se também que a maioria das pesquisadas responde como chefe de família, sendo que muitas, ainda que sujeitadas ao irrisório montante da aposentadoria, ainda conseguem ajudar seus filhos que se encontram ora desempregados, ora de volta ao "ninho" - muitas vezes com filhos - após terem se divorciado.

Grande parte das idosas possui uma vida muito ativa e cheia de compromissos, ao contrário das ideias que associam a velhice à improdutividade. As idosas aproveitam esse

período para se dedicarem a atividades que não tinham oportunidade ou tempo para executarem, quando as obrigações com o trabalho, o casamento, os filhos, a família e os serviços domésticos lhes subtraíam, outrora, a energia vital.

Constatou-se, também, que essas idosas continuam realizando trabalhos informais para complementarem sua renda, tais como: artesanato, bordados, costura, venda de produtos de beleza, dentre outros.

A respeito disso, Costa (2000, p. 107) traz uma reflexão bastante pertinente, salientando que:

[...] o período de produção é cada vez mais encurtado pelo progressivo interesse competitivo existente nas grandes empresas, em busca de maiores benefícios econômicos. Nessas condições, prevalece a cessação da atividade, a aposentadoria [...], vista como uma inatividade mal remunerada, que convive numa grande proximidade com o subemprego, até mesmo com o desemprego. (COSTA, 2000, p. 107).

De acordo com levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no último ano, o Brasil possui 4,5 milhões de idosos empregados⁵⁷.

Segundo a Síntese de Indicadores Sociais (SIS), um em cada três idosos continua trabalhando no Brasil, mesmo após a aposentadoria. Estima-se que em Uberlândia, cuja população idosa é de 61,5 mil pessoas, cerca de 18 mil idosos continuam trabalhando⁵⁸.

Além disso, observou-se, como um assunto recorrente entre as idosas, a questão da solidão. A respeito disso, vale trazer a reflexão suscitada por Capitanini (2000, p. 71), que afirma:

Entende-se a solidão como um estado emocional que inclui isolamento, tristeza, apatia, insatisfação na vida, o qual é provocado pela ausência de contatos e relacionamentos importantes, agradáveis e significativos. O que causa tal estado emocional não é o fato de a pessoa estar fisicamente sozinha, mas o de estar privada de um ou vários relacionamentos que gostaria de ter. Assim, a experiência de solidão pode comportar experiências de isolamento social, de isolamento emocional, ou ambas as experiências ao mesmo tempo. (CAPITANINI, 2000, p. 71).

⁵⁷ PORTELA, Ananda. **Terceira idade ganha espaço no mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento_terceira-idade-ganha-espaco-no-mercado-de-trabalho.70001719135>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

⁵⁸ LEMOS, Vinícius. Em Uberlândia, 18 mil idosos trabalham mesmo aposentados. In: **Correio de Uberlândia**. Disponível em: <<<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/373014-2/>>>. Acesso em: 18 set. 2017.

O filme "Umberto D." (1952), de Vittorio de Sica, aborda com maestria esse tema, ao retratar a história do Sr. Umberto, um funcionário público aposentado que vive num pequeno quarto alugado em uma pensão, cujas condições são miseráveis e insalubres, restando-lhe, como única companhia, seu fiel cão *Flike*.

Nesse contexto, observou-se que as idosas comumente se queixam pela ausência dos filhos e pela falta dos companheiros, tendo em vista que muitas delas são viúvas. Pode-se dizer que essa questão parece se contrapor à premissa do homem enquanto ser social, além de contribuir com o fato do público senil brasileiro ser o mais acometido pelos casos de depressão⁵⁹, além de ser afetado por um crescimento de 215,7% entre os casos de suicídio, considerando-se o período de 1980 a 2012⁶⁰. Sobre a síndrome depressiva, Paradela (2011, p. 31) elucida que:

[...] é caracterizada pela presença de humor predominantemente depressivo e/ou irritável e anedonia (diminuição da capacidade de sentir prazer ou alegria). Existe uma sensação subjetiva de diminuição de energia (cansaço, fadiga), desinteresse, lentificação, pensamentos pessimistas e ideias de ruína. Em geral, esses sintomas são acompanhados de modificações no sono e apetite, prejuízo cognitivo, alterações comportamentais e sintomas físicos. Podem ocorrer delírios ou alucinações congruentes com o humor como delírios de culpabilidade excessiva ou de saúde muito ruim, delírios de pobreza ou persecutórios; as alucinações são menos comuns, mas podem aparecer e tendem a ser visuais ou olfatórias. Os profissionais da saúde que lidam com este grupo etário devem ficar atentos aos sintomas depressivos mascarados, como dores inespecíficas, adinamia, insônia, perda de peso e queixas subjetivas de perda da memória, evitando imputar estas queixas ao envelhecimento pois os tratamentos disponíveis melhoram muito os sintomas e a qualidade de vida dos indivíduos acometidos. (PARADELA, 2011, p. 31).

Nesse sentido, percebeu-se tanto no programa AFRID quanto no teatro grandes aliados, ao oportunizarem a socialização, estimulando a interação humana e social e favorecendo o reconhecimento de si, enquanto sujeito idoso, por meio do convívio com seus pares.

⁵⁹ Depressão é mais comum entre brasileiros de 60 a 64 anos. Disponível em: <<<http://especiais.correiobraziliense.com.br/depressao-e-mais-comum-entre-brasileiros-de-60-a-64-anos>>>.

Acesso em: 25 jan. 2018.

⁶⁰ Crescem os casos de suicídio entre idosos no Brasil. Disponível em: <<<http://especiais.correiobraziliense.com.br/crescem-os-casos-de-suicidio-entre-idosos-no-brasil>>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

4.4 Constatações das entrevistas

A partir das falas objetivas (discursos orais) e subjetivas (gestuais, expressões e movimentos corporais, semblantes, suspiros e até mesmo silêncios) presentes nas entrevistas, foi possível tecer alguns apontamentos importantes que puderam levar a uma melhor compreensão do público pesquisado, em específico, e da velhice, em geral.

4.4.1 Transcrição das entrevistas

A transcrição das entrevistas, apresentada abaixo, foi realizada ora em primeira pessoa, ora em terceira pessoa, cuidando para a manutenção fiel das informações fornecidas pelas participantes, como observado a seguir.

Aluna A, 66 anos

Possui curso superior em Pedagogia e pós-graduação. Trabalhou a maior parte da vida como professora. Quando questionada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, respondeu, sorrindo: *“de jeito nenhum. Eu mesma falo: vem cá na velhinha!”*.

Nunca teve contato com teatro e quando perguntada se sentia algum desconforto em se expor, respondeu que embora tenha passado a vida profissional se expondo e se manifestando, ainda sentia um pouco de dificuldade.

Sobre as expectativas em relação ao teatro, diz que via uma oportunidade de *“socialização, contato com gente nova... principalmente com você, que é uma pessoa muito carismática. Acho que nasci para ser feliz e vamos lá!”*.

Aluna B, 61 anos

Possui Ensino Médio Completo. Trabalhou durante a maior parte da vida como costureira. Indagada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, respondeu: *“um pouco, né... A gente acha que é uma falta de respeito chamar a gente de velha... tem gente que parece que chama a gente de velha pra se vangloriar que é nova”*.

Se já teve contato com o teatro, respondeu que *“só de ver”*. Quando perguntada se sentia algum desconforto em se expor, respondeu em tom de desabafo: *“Muito! Muito! Muito!”*.

Sobre as expectativas em relação ao teatro, respondeu *“ser mais aberta, mais receptiva, conversar melhor, não ter muita vergonha das pessoas”*.

Aluna C, 66 anos

Possui Ensino Médio completo e Curso Técnico em Enfermagem. O tipo de trabalho mais exercido durante a vida foi o de auxiliar de enfermagem.

Quando perguntada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, disse que não gostava muito do termo, porque soava mal.

Quando questionada se já teve contato com o teatro, respondeu que *“uma vez a professora me colocou para fazer uma pecinha... eu tinha uns sete, oito anos”*.

Quanto à dificuldade de se expor, afirmou que tem vergonha. *“Eu não falo em público, não conduzo um terço, pra eu rezar um terço aí eu rezo em casa, sozinha. Se for na Igreja e tudo, aí não dou conta...”*.

Sobre as expectativas em relação ao teatro, ela disse esperar conseguir dirigir. *“Eu até tenho carteira mas não dirijo porque tenho muita vergonha... Às vezes tem algum vizinho que fica observando e eu não gosto muito”*.

Aluna D, 65 anos

Possui a sétima série, atual oitavo ano. O trabalho que mais exerceu durante a vida foi o de cabeleireira. Indagada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, respondeu que *“Não... não tenho preconceito”*.

Quando perguntada se já teve contato com o teatro, respondeu que *“sim, na adolescência. Na comunidade mesmo... era de amigas que faziam faculdade”*.

Quando questionada sobre a dificuldade de se expor, respondeu que *“sim... tenho dificuldade de falar em público... de ler... de escrever...”*.

Sobre as expectativas em relação ao teatro, respondeu: *“nossa, hoje mesmo eu estava em casa pensando que podia começar logo... acho que minha desenvoltura vai ficar muito melhor... acho que vou ficar mais desinibida”*.

Aluna E, 61 anos

Possui graduação em Pedagogia. Trabalhou a maior parte da vida como professora. Quando questionada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, respondeu que *"não... fico até feliz"*.

Quando indagada se já teve contato com o teatro, respondeu que *"nunca"*.

Quando questionada sobre a dificuldade de se expor, disse *"Tenho! Dificuldade demais! De falar, de escrever... eu fui professora alfabetizadora, então eu tinha que falar muito... eu queria morrer!"*.

Sobre as expectativas em relação às aulas de teatro, respondeu: *"Eu vejo assim... que as pessoas crescem muito... Vejo as pessoas da sua idade falando que é muito bom... que acaba um pouco da timidez, da vergonha... que a gente consegue falar em público pra muita gente... quando vou fazer um Pai Nosso eu não gosto de fazer..."*.

Aluna F, 61 anos

Possui segundo grau⁶¹ completo. Sempre trabalhou como cabeleireira em casa.

Quando indagada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, respondeu: *"De jeito nenhum! Porque eu não me sinto assim!"*.

Quando questionada se já teve contato com o teatro, respondeu que *"Já, de participar... O primeiro grupo de teatro que teve aqui em Uberlândia, o Gruta 1, eu estava fazendo acho que a quinta série, a gente foi convidado e montou o grupo, Gruta 1, grupo universitário mesmo, eu participei mesmo"*.

Quando questionada se sentia dificuldade em se expor, respondeu: *"Hoje não, hoje não mais. Mas alguns anos atrás eu tinha muita dificuldade. Hoje não."*

Sobre as expectativas para as aulas de teatro, disse que esperava se descobrir mais. *"Porque a gente sempre tem algo que até a gente mesma não conhece. Só através das oportunidades, do tempo, do amadurecimento, é que a gente vai se redescobrando... a gente tem tanta coisa pra aprender... a gente tem tanta coisa pra melhorar!"*.

Aluna G, 66 anos

Nível de escolaridade: primário⁶². Sempre trabalhou em casa.

⁶¹ Corresponde ao atual Ensino Médio.

⁶² Corresponde aos atuais Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

Quando indagada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, disse que não.

Quando questionada se já teve contato com o teatro, respondeu: *"De fazer, não. Só de assistir."*

Em relação à dificuldade de se expor, respondeu também que não sentia nenhuma dificuldade.

Sobre as expectativas em relação às aulas de teatro, disse que esperava *"aprender mais, ser mais aberta, aprender a comunicar melhor"*.

Aluna H, 65 anos

Nível de escolaridade: sétima série⁶³. O trabalho que mais exerceu durante a vida foi o de doméstica.

Quando perguntada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, disse que não via problema.

Quando questionada se já teve contato com o teatro, respondeu que nunca.

Com relação à dificuldade de se expor, respondeu: *"Vixe! Muita! Principalmente quando tem muita gente!"*.

Sobre as expectativas em relação às aulas de teatro, respondeu que esperava se soltar mais e ter mais facilidade de falar.

Aluna I, 66 anos

Estudou até a quarta série⁶⁴. O trabalho que mais exerceu durante a vida foi o de doméstica.

Quando perguntada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, respondeu: *"Sim... porque o idoso é tratado como alguém que não tem mais serventia, e isso não é verdade"*.

Quando indagada se já teve contato com o teatro, respondeu que nunca.

Sobre a dificuldade de se expor, respondeu: *"Sim! Tenho muita dificuldade!"*.

Com relação às expectativas em relação às aulas de teatro, disse que esperava *"socializar mais com as pessoas e aprender algo diferente"*.

⁶³ Atual oitavo ano.

⁶⁴ Atual quinto ano.

Aluna J, 64 anos

Possui graduação em Pedagogia. Trabalhou a maior parte da vida como professora.

Quando questionada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, disse “*Sim... a sociedade desrespeita muito as pessoas mais velhas*”.

Quando perguntada se já teve contato com o teatro, respondeu que não.

Com relação à dificuldade de se expor, respondeu: “*Demais! Eu queria muito ter coragem de falar lá na igreja, na frente de todo mundo... eu acho bonito quem fala no microfone... mas eu não consigo. Na formatura da minha filha, ela queria que eu entrasse lá na frente com ela, eu morri de vergonha! Só de pensar eu começo a tremer e suar frio*”.

Sobre as expectativas com as aulas de teatro, disse: “*espero que me ajude a ser uma pessoa mais solta e menos tímida*”.

Aluna L, 61 anos

Possui Ensino Médio completo. Trabalhou a maior parte da vida como professora.

Quando perguntada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, disse que não gostava.

Se já teve contato com o teatro, respondeu que “*só na época da escola... só de assistir*”.

Quando questionada sobre a dificuldade de se expor ou falar em público, respondeu que “*sim...às vezes numa festa... na igreja... eu deixo de falar com as pessoas por vergonha mesmo... acho que elas até ficam pensando que sou antipática... mas é porque eu tenho muita vergonha*”.

Sobre as expectativas com relação às aulas de teatro, respondeu: “*fazer amizades e sair um pouco de casa*”.

Aluna M, 83 anos

Estudou até a sétima série⁶⁵. O trabalho que mais exerceu durante a vida foi de costureira.

Questionada se se sentia mal por ser chamada de velha ou idosa, respondeu: “*ah... não é muito bom não. A gente vai ficando muito sozinha... tem dezesseis anos que fiquei*

⁶⁵ Atual oitavo ano.

viúva... aí a gente sente muito".

Quando indagada se já teve algum tipo de contato com o teatro, disse que *"sim, na igreja. Uma vez na comunidade teve um padre que era do teatro, aí ele colocou a gente pra fazer umas pecinhas... era muito bom, muito divertido, mas ele foi transferido pra outra cidade".*

Quanto à dificuldade de se expor, respondeu que *"Sim! Muita! Sempre fico nervosa".*

Com relação às expectativas sobre as aulas de teatro, respondeu que esperava se relacionar com outras pessoas e aprender algo novo. *"Qualquer coisa que eu aprender já tá bom... já fico satisfeita".*

4.4.2 Análise das entrevistas

Para assegurar uma investigação efetiva das informações coletadas, optou-se por tabular os dados e analisá-los separadamente, de acordo com cada categoria abordada por meio das entrevistas, conforme demonstrado a seguir.

4.4.2.1 Idade

TABELA 1 - Idade

Identificação	Idade
Aluna A	66
Aluna B	61
Aluna C	66
Aluna D	65
Aluna E	61
Aluna F	61
Aluna G	66
Aluna H	65
Aluna I	66
Aluna J	64
Aluna L	61
Aluna M	83

Fonte: entrevistas concedidas pelas participantes do Grupo AFRIDança.

Observou-se que praticamente todas as pesquisadas, à exceção de uma, se encontram na faixa dos 60 anos de idade. Isso remete ao fato de que os efeitos do envelhecimento nessa faixa etária se dão de forma mais atenuada, quando se leva em conta, por exemplo, as faixas que abrangem os 80 ou 90 anos, onde o declínio é percebido de maneira mais acentuada.

4.4.2.2 Escolaridade

TABELA 2 - Escolaridade

Identificação	Escolaridade
Aluna A	Superior em Pedagogia com pós-graduação
Aluna B	Ensino Médio Completo
Aluna C	Ensino Médio Completo e Curso Técnico em Enfermagem
Aluna D	Sétima série (atual oitavo ano)
Aluna E	Graduação em Pedagogia
Aluna F	Segundo Grau Completo (atual Ensino Médio)
Aluna G	Primário (primeiro ao quinto ano)
Aluna H	Sétima série (atual oitavo ano)
Aluna I	Quarta série (atual quinto ano)
Aluna J	Graduação em Pedagogia
Aluna L	Ensino Médio Completo
Aluna M	Sétima série (atual oitavo ano)

Fonte: entrevistas concedidas pelas participantes do Grupo AFRIDança.

Com relação ao nível de escolaridade, observou-se um público-alvo bem diverso, constituído por cinco idosas com Ensino Fundamental Incompleto, três idosas com Ensino Médio Completo, uma idosa com Ensino Médio e especialização, duas idosas com Ensino Superior e uma idosa com Ensino Superior e pós-graduação. A partir das falas das pesquisadas, constatou-se que a impossibilidade de concluir os estudos estava ligada, principalmente, ao fato de que essas se casaram muito jovens e logo tiveram filhos.

Nesse contexto, notou-se, a partir de conversas com as participantes, que aquelas com menor nível de escolaridade possuíam mais filhos do que aquelas com nível de escolaridade mais elevado. Percebeu-se, também, que os divórcios eram mais comuns às pesquisadas cujo nível de escolaridade era mais alto.

Refletindo, ainda, sobre a questão da escolaridade, cabe destacar as considerações de

Simone de Beauvoir (1990, p. 44), ao sublinhar que "quanto mais elevado o nível intelectual do indivíduo, mais fraco e lento é o decréscimo de suas faculdades. Se ele continua a exercitar sua memória e sua inteligência, pode conservá-las intactas".

4.4.2.3 Tipo de trabalho mais exercido durante a vida

TABELA 3 - Tipo de trabalho mais exercido durante a vida

Identificação	Tipo de trabalho mais exercido durante a vida
Aluna A	Professora
Aluna B	Costureira
Aluna C	Auxiliar de enfermagem
Aluna D	Cabeleireira
Aluna E	Professora
Aluna F	Cabeleireira
Aluna G	Do lar
Aluna H	Doméstica
Aluna I	Doméstica
Aluna J	Professora
Aluna L	Professora
Aluna M	Costureira

Fonte: entrevistas concedidas pelas participantes do Grupo AFRIDança.

Com relação ao tipo de trabalho mais exercido durante a vida, constatou-se que o público-alvo desta pesquisa é composto por idosas da classe trabalhadora, tendo em vista os trabalhos mais exercidos durante a vida: professora, costureira, cabeleireira, auxiliar de enfermagem, doméstica e do lar.

Verificou-se, por meio dos dados apresentados, que o trabalho de professora havia sido exercido pelas participantes cujo nível de escolaridade se mostrava mais elevado, enquanto os trabalhos de doméstica, costureira, cabeleireira e do lar haviam sido desempenhados pelas idosas com nível de escolaridade mais baixo.

4.4.2.4 Ser chamada de "velha" ou "idosa"

TABELA 4 - Ser chamada de "velha" ou "idosa"

Identificação	Se se sente mal por ser chamada de "velha" ou "idosa"
Aluna A	<i>De jeito nenhum. Eu mesma falo: vem cá na velhinha!</i>
Aluna B	<i>Um pouco, né... A gente acha que é uma falta de respeito chamar a gente de velha... tem gente que parece que chama a gente de velha pra se vangloriar que é nova.</i>
Aluna C	<i>Não gosto muito do termo, porque soa mal.</i>
Aluna D	<i>Não... não tenho preconceito.</i>
Aluna E	<i>Não... fico até feliz.</i>
Aluna F	<i>De jeito nenhum! Porque eu não me sinto assim!</i>
Aluna G	<i>Não.</i>
Aluna H	<i>Não vejo problema.</i>
Aluna I	<i>Sim... porque o idoso é tratado como alguém que não tem mais serventia, e isso não é verdade.</i>
Aluna J	<i>Sim... a sociedade desrespeita muito as pessoas mais velhas.</i>
Aluna L	<i>Não gosto</i>
Aluna M	<i>Ah... não é muito bom não. A gente vai ficando muito sozinha... tem dezesseis anos que fiquei viúva... aí a gente sente muito.</i>

Fonte: entrevistas concedidas pelas participantes do Grupo AFRIDança.

Analisando as falas retratadas, constatou-se que a maioria das participantes não gosta de ser chamada de "velha" ou "idosa", visto que em nossa sociedade os referidos termos estão carregados de representações e significados pejorativos e negativos, que remetem a uma associação da velhice com ideias de feiúra, vergonha, desprezo, improdutividade, exclusão, desvalorização, declínio, invisibilização, dentre outros.

Com relação às pesquisadas que afirmaram não se importar com referências por meio de tais expressões, pode-se inferir que, possivelmente, a participação dessas idosas em eventos oferecidos pelo programa AFRID e que promovem o debate e a compreensão sobre as questões da velhice e do envelhecimento, podem ter influenciado para a construção de uma auto-imagem positiva dessas mulheres.

4.4.2.5 Contato com o teatro

TABELA 5 - Contato com o teatro

Identificação	Se já teve contato com o teatro
Aluna A	<i>Nunca.</i>
Aluna B	<i>Só de ver.</i>
Aluna C	<i>Uma vez a professora me colocou para fazer uma pecinha... eu tinha uns sete, oito anos.</i>
Aluna D	<i>Sim, na adolescência. Na comunidade mesmo... era de amigas que faziam faculdade.</i>
Aluna E	<i>Nunca.</i>
Aluna F	<i>Já, de participar... O primeiro grupo de teatro que teve aqui em Uberlândia, o Gruta 1, eu estava fazendo acho que a quinta série, a gente foi convidado e montou o grupo, Gruta 1, grupo universitário mesmo, eu participei mesmo.</i>
Aluna G	<i>De fazer, não. Só de assistir.</i>
Aluna H	<i>Nunca.</i>
Aluna I	<i>Nunca.</i>
Aluna J	<i>Não.</i>
Aluna L	<i>Só na época da escola... só de assistir.</i>
Aluna M	<i>Sim, na igreja. Uma vez na comunidade teve um padre que era do teatro, aí ele colocou a gente pra fazer umas pecinhas... era muito bom, muito divertido, mas ele foi transferido pra outra cidade.</i>

Fonte: entrevistas concedidas pelas participantes do Grupo AFRIDança.

A partir das respostas referentes ao contato com o teatro, percebeu-se que tal experiência era rara às idosas, sendo que aquelas que confirmaram tal contato fizeram-no somente como espectadoras.

Tal constatação pode confirmar o fato de que o acesso ao teatro ainda é restrito apenas à classe dominante, sendo a classe trabalhadora privada de tal possibilidade.

Em relação às pesquisadas que confirmaram esse contato, constatou-se que o mesmo foi oportunizado principalmente pela escola, citando-se também a comunidade e a igreja. Em consonância com a teoria althusseriana, é possível inferir que a prática teatral ainda se coloca a serviço da classe dominante, constituindo-se como espaço de disseminação da sua ideologia.

4.4.2.6 Dificuldade de se expor

TABELA 6 - Dificuldade de se expor

Identificação	Se tem dificuldade de se expor
Aluna A	<i>Embora eu tenha passado a vida profissional me expondo e me manifestando, ainda sinto um pouco de dificuldade.</i>
Aluna B	<i>Muito! Muito! Muito!</i>
Aluna C	<i>Tenho vergonha. Eu não falo em público, não conduzo um terço, pra eu rezar um terço aí eu rezo em casa, sozinha. Se for na Igreja e tudo, aí não dou conta...</i>
Aluna D	<i>Sim... tenho dificuldade de falar em público... de ler... de escrever....</i>
Aluna E	<i>Tenho! Dificuldade demais! De falar, de escrever... eu fui professora alfabetizadora, então eu tinha que falar muito... eu queria morrer!</i>
Aluna F	<i>Hoje não, hoje não mais. Mas alguns anos atrás eu tinha muita dificuldade.</i>
Aluna G	<i>Não sinto nenhuma dificuldade.</i>
Aluna H	<i>Vixe! Muita! Principalmente quando tem muita gente!</i>
Aluna I	<i>Sim! Tenho muita dificuldade!</i>
Aluna J	<i>Demais! Eu queria muito ter coragem de falar lá na igreja, na frente de todo mundo... eu acho bonito quem fala no microfone... mas eu não consigo. Na formatura da minha filha, ela queria que eu entrasse lá na frente com ela, eu morri de vergonha! Só de pensar eu começo a tremer e suar frio.</i>
Aluna L	<i>Sim...às vezes numa festa... na igreja... eu deixo de falar com as pessoas por vergonha mesmo... acho que elas até ficam pensando que sou antipática... mas é porque eu tenho muita vergonha.</i>
Aluna M	<i>Sim! Muita! Sempre fico nervosa!</i>

Fonte: entrevistas concedidas pelas participantes do Grupo AFRIDança.

Quanto à dificuldade de se expor, identificou-se que essa questão é comum a quase todas as idosas. Analisando os discursos apresentados, observou-se o uso recorrente de advérbios de intensidade, provavelmente para denotar o quão incômodo tal situação representa para essas mulheres.

Percebeu-se também que tais falas eram reproduzidas em tom de desabafo, talvez como forma de demonstrar o sofrimento acarretado por uma postura passiva diante do mundo e da vida, que se acentua com a invisibilização decorrente da velhice.

4.4.2.7 Expectativas com relação às aulas de teatro

TABELA 7 - Expectativas com relação às aulas de teatro

Identificação	Expectativas com relação às aulas de teatro
Aluna A	<i>Socialização, contato com gente nova... principalmente com você, que é uma pessoa muito carismática. Acho que nasci para ser feliz e vamos lá!</i>
Aluna B	<i>Ser mais aberta, mais receptiva, conversar melhor, não ter muita vergonha das pessoas.</i>
Aluna C	<i>Espero conseguir dirigir. Eu até tenho carteira mas não dirijo porque tenho muita vergonha... Às vezes tem algum vizinho que fica observando e eu não gosto muito.</i>
Aluna D	<i>Nossa, hoje mesmo eu estava em casa pensando que podia começar logo... acho que minha desenvoltura vai ficar muito melhor...acho que vou ficar mais desinibida.</i>
Aluna E	<i>Eu vejo assim... que as pessoas crescem muito... Vejo as pessoas da sua idade falando que é muito bom... que acaba um pouco da timidez, da vergonha... que a gente consegue falar em público pra muita gente... quando vou fazer um Pai Nosso eu não gosto de fazer.</i>
Aluna F	<i>Espero me descobrir mais. Porque a gente sempre tem algo que até a gente mesma não conhece. Só através das oportunidades, do tempo, do amadurecimento, é que a gente vai se redescobrimdo... a gente tem tanta coisa pra aprender... a gente tem tanta coisa pra melhorar!</i>
Aluna G	<i>Espero aprender mais, ser mais aberta, aprender a comunicar melhor.</i>
Aluna H	<i>Espero me soltar mais e ter mais facilidade de falar.</i>
Aluna I	<i>Socializar mais com as pessoas e aprender algo diferente.</i>
Aluna J	<i>Espero que me ajude a ser uma pessoa mais solta e menos tímida.</i>
Aluna L	<i>Fazer amizades e sair um pouco de casa.</i>
Aluna M	<i>Espero me relacionar com outras pessoas e aprender algo novo. Qualquer coisa que eu aprender já tá bom... já fico satisfeita.</i>

Fonte: entrevistas concedidas pelas participantes do Grupo AFRIDança.

Acerca das expectativas com relação às aulas de teatro, constatou-se que os discursos giraram em torno de aspectos relacionados principalmente à oportunidade de socialização, à superação da timidez, à possibilidade de fazer amizades, ao aperfeiçoamento das capacidades de comunicação e expressividade e à chance de novos aprendizados.

Vale ressaltar que a experiência proporcionada por esta pesquisa junto à terceira idade induziu também a uma perspectiva participante, já que o conhecimento construído e adquirido nesse processo foi viabilizado a partir da interação entre pesquisadora e

pesquisadas, em sintonia com a teoria freiriana: "Não há docência sem discência [...]. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender." (FREIRE, 2015, p. 25).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras
e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
e angústias do presente.
Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências do presente."*⁶⁶

Verificou-se, por meio desta pesquisa, que a compreensão da velhice exige a adoção de um olhar multidimensional, que contemple os fenômenos biológicos, psicológicos e existenciais do indivíduo idoso, considerando-o em sua totalidade. Ademais, é preciso ter claro que tais aspectos estão interconectados, sendo que cada uma dessas dimensões repercute diretamente nas outras, remetendo às ideias de indissociabilidade e circularidade, substanciais para se compreender a senectude.

No tocante ao AFRID, constatou-se a magnitude desse programa, ao promover não só a prática de atividades físicas e recreativas para a terceira idade - determinantes para uma

⁶⁶ CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre*: meias confissões de Aninha. 6ª ed. São Paulo: Global, 1996.

velhice ativa e saudável - constituindo-se, sobretudo, num espaço de acolhimento, socialização e fortalecimento dos vínculos afetivos, possibilitando ao sujeito idoso compreender-se e afirmar-se como tal, por meio do convívio com seus pares.

Enquanto um programa de extensão universitária, o AFRID representa, também, um espaço de formação política dos idosos, já que, além de realizar eventos direcionados a essa temática, viabiliza o contato desse público com o ambiente acadêmico, possibilitando a essas pessoas se apropriarem de informações referentes aos seus direitos e deveres, o que fora dali provavelmente não seria possível.

Nesse sentido, cabe destacar a consonância das atribuições do programa AFRID com o 2º artigo da Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003, que estabelece:

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Além disso, ressalta-se os benefícios acarretados para a Universidade, tendo em vista o estímulo à produção acadêmica voltada para a questão da terceira idade, vislumbrando também a proposição de soluções para as demandas humanas, físicas, psicológicas, sociais e políticas suscitadas por essa categoria etária.

Acerca das intervenções realizadas com o grupo AFRIDança, alicerçadas nos fundamentos teóricos e metodológicos do Teatro do Oprimido, foi possível comprovar a hipótese inicialmente levantada por esta pesquisa. O Teatro do Oprimido constitui, de fato, uma ferramenta pedagógica e teatral extremamente benéfica para a terceira idade, uma vez que:

- propicia a formação dos indivíduos idosos para o exercício da crítica e do pensamento reflexivo, capacitando-os a interagir com conhecimento, independência e autonomia;

- promove a liberdade de criação e estimula a potência criativa, contrapondo-se à visão da educação bancária e anestesidora, própria do modo de produção capitalista;

- permite a democratização dos meios de produção teatrais que, na sociedade capitalista, são detidos pela burguesia com o intuito de disseminar a ideologia dominante, simbolizando também, nesse contexto, um instrumento de adestramento do proletariado;

- promove o exercício da consciência e da autonomia, representando uma ferramenta pedagógica de suma importância, ao contribuir para a construção do conhecimento, pautada na ética e na solidariedade, que constituem as bases do Teatro do Oprimido;

- promove o desenvolvimento da expressividade e da desenvoltura;

- favorece a melhoria da flexibilidade e da postura;

- oportuniza o treino do equilíbrio;

- estimula a memória, o foco, a atenção, a observação e a concentração;

- favorece a interação humana e social;

- viabiliza a retomada da consciência corporal e motora;

- proporciona bem-estar, leveza, alegria e descontração;

- possibilita o exercício da empatia e da solidariedade.

- promove o espírito de coletividade e o exercício da democracia, ao fazer com que a tomada de decisões seja efetuada ética e coletivamente.

Além dos benefícios acima elencados, é fundamental enfatizar a importância do teatro ao se revelar um potente instrumento de humanização junto à terceira idade, seguindo na contramão do processo de coisificação experimentado pela população idosa sob a égide da sociedade capitalista.

Nesse contexto, observa-se que a terceira idade é considerada pela ideologia dominante como uma categoria improdutiva, que deve ser descartada do mundo do trabalho, ao passo que é submetida ao irrisório montante que representa a aposentadoria, precisando recorrer a trabalhos informais para garantir sua subsistência.

Em face dos avanços sociais, médicos e tecnológicos, que tem possibilitado não só o prolongamento da expectativa de vida, como também a melhoria da qualidade de vida dos idosos, somando-se a questão do envelhecimento populacional, é de fundamental importância fomentar o debate acerca da criação de políticas públicas, que prevejam novos papéis sociais a esse público, reinserindo-o socialmente.

Nesse contexto, também far-se-á necessário planejar políticas de acessibilidade, que contemplem as demandas suscitadas a partir dessa nova configuração demográfica. Resta

saber como os países como o Brasil, que ainda lutam para amenizar os problemas oriundos da desigualdade social, lidarão com essa nova realidade.

Percebe-se ser de suma importância trazer à tona a questão da velhice, despindo-a dos estereótipos que a associam a ideias de inutilidade, declínio, desvalorização, dependência e improdutividade, de modo a lutar contra a situação de exclusão a que os idosos já se encontram submetidos.

Nota-se, também, um grande desafio em fazer do fenômeno do envelhecimento uma conquista e não um problema social. É preciso pensar que lugar tem sido reservado aos velhos em nossa sociedade. Nesse sentido, Debert (1999, p. 4) destaca que:

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos”. (DEBERT, 1999, p. 14).

Por fim, ressalta-se que a questão da velhice ainda carece efetivamente de visibilidade. Embora seja possível observar tímidas manifestações de representatividade no tocante à terceira idade, é notório que esse tema ainda precisa muito ser discutido, ampliado e divulgado. Assim, espera-se que esta dissertação constitua também um instrumento de visibilização da velhice, que necessita, sobretudo, ser vista, ouvida, sentida e compreendida.

6. REFERÊNCIAS:

AGÊNCIA BRASIL. **Um em cada seis idosos sofre algum tipo de violência, alerta OMS.** Disponível em:

<<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/um-em-cada-6-idosos-sofre-algum-tipo-de-violencia-alerta-oms>>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

AIRES, Matias. **Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado.** Tradução de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Eu, etiqueta.** Disponível em:

<<<https://feminismoquestoesdesquerda.com/2017/05/10/eu-etiqueta/>>>. Acesso em: 12 set. 2017).

_____. Os Ombros Suportam o Mundo. In: **Nova Reunião.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 78.

A VELHA Dama Indigna. Título Original: **La Vieille Dame Indigne.** Direção: René Allio. Produção: Claude Nedjar. França: Farena Films, 1965. 94 min. Preto e branco.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice.** Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. **200 Jogos para o Ator e o Não-Ator com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

BOFF, Leonardo. **Oficialmente Velho.** Disponível em:

<<http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/11/blogs/leonardo_boff/116980-oficialmente-velho.html>>. Acesso em: 06 set. 2017.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento Marxista.** Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em:

<<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 10.741 de 1º de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras

providências. Disponível em:

<<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>>. Acesso em: 04 mar. 2017.

_____. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção Defesa dos Direitos Humanos. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. Disponível em:

<<<http://www.mdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadosobreoenvelhecimentonoBrasil.pdf>>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

CALDERON, Philippe ; EWALD, François. **Michel Foucault par lui-même** (legendado). Produzido por BFC Productions e Arte France. 2003. Disponível em:

<<<https://www.youtube.com/watch?v=Xkn31sjh4To&t=713s>>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **MAPA da violência revela que 13 mulheres são mortas por dia no Brasil**. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/500721-MAPA-DA-VIOLENCIA-REVELA-QUE-13-MULHERES-SAO-MORTAS-POR-DIA-NO-BRASIL.html>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. **Envelhecimento, pobreza e proteção social na América Latina**. Rio de Janeiro: IPEA, 2007.

CAPITANINI, Marilim Elizabeth S. Solidão na velhice: realidade ou mito? *In: E por falar em boa velhice*. NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida (orgs.). Campinas: Papirus, 2000.

CARVALHO, José Alberto Magno de; GARCIA, Ricardo Alexandrino. *O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico*. In: **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro: 19(3):725-733, mai-jun, 2003.

CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre**: meias confissões de Aninha. 6ª edição. São Paulo: Global, 1996.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Ensaio sobre o envelhecimento na contemporaneidade: relevos cartográficos**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

Disponível em: <<<http://books.scielo.org/id/4v5z9/pdf/correa-9788579830037-05.pdf>>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

CORREIO BRAZILIENSE. **Crescem os casos de suicídio entre idosos no Brasil**.

Disponível em:

<<<http://especiais.correiobraziliense.com.br/crescem-os-casos-de-suicidio-entre-idosos-no-brasil>>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

_____. **Depressão é mais comum entre brasileiros de 60 a 64 anos.** Disponível em: <<<http://especiais.correiobraziliense.com.br/depressao-e-mais-comum-entre-brasileiros-de-60-a-64-anos>>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

COSTA, Geni de Araújo. **Atividade física, qualidade de vida e currículo:** por uma velhice bem-sucedida. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

_____. **PROJETO AFRID - Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade.** Disponível em <<<http://www.afrid.faei.ufu.br/node/3>>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

DEBERT, Guita Grin. A construção e reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Velhice e Sociedade.** Campinas: Papirus, 1999.

DEBERT, Guita; BRIGEIRO, Mauro. **Fronteiras de Gênero e a Sexualidade na Velhice.** *In:* Revista Brasileira de Ciências Sociais. V. 27. N° 80. 2012. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n80/v27n80a03.pdf>>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo:** comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESCÓSSIA, Fernanda da. **A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

FEUERBACH, Ludwig. Prefácio da segunda edição de "A essência do Cristianismo". *In:* DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo:** comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 52ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

G1. **Brasil é recordista mundial com 1,5 milhão de cirurgias plásticas ao ano.** Disponível em: <<<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2015/06/brasil-e-recordista-mundial-com-15-milhao-de-cirurgias-plasticas-ao-ano.html>>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

_____. **Brasileiros gastam mais com salão de beleza do que com educação, diz estudo.** Disponível em: <<<http://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2015/08/brasileiros-gastam-mais-com-salao-de-beleza-que-com-educacao-diz-estudo.html>>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira**. Contemporânea (revista). Ed.18.Vol.9. N2. 2011. Disponível em: <<http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_18/contemporanea_n18_06_Mirian_Goldenberg.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

_____. **A Bela Velhice**. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=O3-7d0zQ0zU>>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

HEERDT, Mauri Luiz; LEONEL, Vilson. **Metodologia Científica e da Pesquisa**. Palhoça: UniSulVirtual, 2007.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Introdução à História da Filosofia**. Tradução Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

HOMEM, Wagner. **Histórias de Canções**: Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009.

IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Projeção da População por Sexo e Idade para o Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação**. 2013.

INSTITUTO AUGUSTO BOAL. **Augusto Boal**. Disponível em <<<https://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw>>> Acesso em: 08 ago. 2017.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEMONS, Vinícius. **Em Uberlândia, 18 mil idosos trabalham mesmo aposentados**. In: Correio de Uberlândia. Disponível em: <<<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/373014-2/>>>. Acesso em: 18 set. 2017.

LOPES, Pedro; SEGALLA, Vinícius. **Áudios mostram que partidos financiaram MBL em atos pró-impeachment**. Disponível em <<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>>>. Acesso em: 09 out. 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução Nélio Schneider. São

Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Volume I. Livro Primeiro. O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro I. O Processo de Produção do Capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino**. Coord. José Claudinei Lombardi. 2.ed. São Paulo: Editora Moraes, 1992.

MEDEIROS, Izaura de Menezes. **A Gênese e o Desenvolvimento do Programa de Extensão - AFRID - da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia: de 1989 a 2014**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

OLIVEIRA, Luciane. **Alongamento na Terceira Idade**. Disponível em: <<<http://www.secmesp.org.br/sms/alongamento-na-terceira-idade.html>>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

ONU BR. Nações Unidas do Brasil. **Mundo terá 2 bilhões de idosos em 2050; OMS diz que envelhecer bem deve ser prioridade global**. Disponível em: <<<https://nacoesunidas.org/mundo-tera-2-bilhoes-de-idosos-em-2050-oms-diz-que-envelhecer-bem-deve-ser-prioridade-global/>>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

ONU BRASIL. **A ONU e as pessoas idosas**. Disponível em: <<<https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. Edição Ridendo Castigat Mores. EbooksBrasil.com, 2000, p. 122-125. Disponível em: <<<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/animaisf.pdf>>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

PARADELA, Emylucy M. P. **Depressão em idosos**. In: Revista HUPE. UERJ. Ano 10. Janeiro a março de 2011. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes_teste.uerj.br/index.php/revistahupe/article/view/8850/6729>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Bernardo Soares (org.). 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. P. 232.

_____. **Poemas**. Seleção e Introdução de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 135-136.

PORTAL BRASIL. **Em 2060, Brasil terá 19 milhões com mais de 80 anos**. Disponível em: <<<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/10/em-2060-brasil-tera-19-milhoes-com-mais-de-80-anos>>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PORTELA, Ananda. **Terceira idade ganha espaço no mercado de trabalho**. Disponível em:

<<<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,terceira-idade-ganha-espaco-no-mercado-de-trabalho,70001719135>>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

PUFF, Jefferson. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm>. Acesso em: 30 nov. 2016.

QUINTANA, Mário. Seiscentos e sessenta e seis. *In: Esconderijos do Tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. P. 42.

RIBEIRO, Paula Chagas Autran. **Teoria e Prática do Seminário de Dramaturgia do Teatro de Arena**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: P.C.A. Ribeiro, 2012.

ROCQUE, Henrique de la; SOUZA, Henrique Arthur de. **Grandes vultos que honraram o Senado**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. Disponível em:

<<<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508682/001030611.pdf?sequence=1>>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. **Mulher idosa: a feminização da velhice**. *In: Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002. Disponível em: <<<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4716/2642>>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

SANTOS, Auristela Rodrigues; PESSOA, Ana Danielly Leite Batista. **Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL: democratizando memórias e desvelando propostas legais e pedagógicas**. 2016. 21 pág. Disponível em:

<<www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/ixsidh/ixsidh/paper/download/4318/1711>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

PRIETO, Heloisa. Apresentação. *In: SOUZA, Naum Alves de. A Aurora da Minha Vida*. São Paulo: Salamandra, 2003.

TAYLOR, Frederick W. **Princípios de Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 2012.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento do trabalhador e as tendências das formas de proteção social na sociedade brasileira**. *Revista Argumentum*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 63-77, jul./dez. 2009. Disponível em:

<<<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3989366.pdf>>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

TEMPOS Modernos. Título Original: **Modern Times**. Direção: Charlie Chaplin. Produção: Patríciu Santans. EUA: United Artists, 1936. 87 min. Preto e branco. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=ISUw7ysIGI>>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

UMBERTO D. Direção: Vittorio de Sica. Produção: Angelo Rizzoli, Giuseppe Amato e Vittorio de Sica. Itália: Janus Films, 1952. 89 min. Preto e branco. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=zjXwgxq9JP0>>>. Acesso em: 12 set. 2017.

UOL Educação. **Biografias**: Paulo Freire. Disponível em: <<<https://educacao.uol.com.br/biografias/paulo-freire.htm>>>. Acesso em: 03 out. 2017.

VENTURI, Toni. **Documentário Paulo Freire Contemporâneo [HD]**. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=5y9KMq6G8l8>>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

VIANA, Zelito. O Teatro-Fórum. *In*: **Augusto Boal e o Teatro do Oprimido**. Documentário, 2011. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=IZhlpnSVRUg>>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

VIDAS Secas. Direção: Nelson Pereira Santos. Produção: Herbert Richers, Luiz Carlos Barreto e Danilo Trelles. Roteiro baseado no livro homônimo de Graciliano Ramos. Alagoas: Herbert Richers, 1963. 103 min. Preto e branco. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=m5fsDcFOdwQ&t=414s>>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

VITA, Vinícius de. **UMA pessoa LGBT morre a cada 28 horas no Brasil**. Disponível em: <<http://sinprominas.org.br/noticias/uma-pessoa-lgbt-morre-a-cada-28-horas-no-brasil/>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

7. APÊNDICES

7.1 Memorial

Sinto-me, hoje, como um fruto que, ao contrário dos interesses do Estado, não apodreceu à sombra do capital. Trazendo para o contexto rural que permeou toda a minha infância, parece-me de bom senso fazer a seguinte analogia: toda criança é como um broto, que pode ser cultivado ou podado. A luz e a água que a fazem germinar, crescer, florescer e dar frutos é a educação libertadora. A foice que corta seus galhos e determina seu papel é o Estado. A praga que suga sua seiva e a faz secar é o capitalismo.

A despeito das insistentes podas e do constante envenenamento pelo sistema capitalista, teimei em florescer e, apesar dele, sobrevivi e tenho me tornado lúcida. Estou agora consciente de que que a sociedade capitalista - que privilegia o ter em detrimento do ser - divide-se basicamente entre oprimidos e opressores. Não sendo eu ou minha família detentora dos meios de produção, restou-nos vender nossa força de trabalho para garantir nossa subsistência e sobrevivência. Comecei a trabalhar com quinze anos, após meu pai sumir no mundo deixando-nos sem nenhum tipo de amparo, nem afetivo nem financeiro. Lembro-me bem de minha angústia quando as circunstâncias me fizeram procurar um trabalho para garantir comida na mesa. O mesmo fez meu irmão (dois anos mais novo) e também minha mãe. Ela, que antes trabalhava por meio período como professora, começou a trabalhar em período integral, ao mesmo tempo em que fazia faculdade. Nesse período, eu estava concluindo a oitava série (que corresponde ao atual nono ano) e prestes a começar o tão esperado Ensino Médio, o passaporte para a universidade. Naquele tempo, todos os meus amigos foram estudar na única escola privada que havia na cidade. Acho que foi nesse contexto que senti pela primeira vez o gosto amargo das injustiças sociais. Passei todo o ensino médio trabalhando e estudando em escola pública, ao passo que meus amigos podiam se dedicar exclusivamente aos estudos. Vi meus melhores amigos e colegas ingressarem na universidade e eu ficando para trás. Sentia-me completamente impotente diante de um sistema cujo funcionamento eu não compreendia. Vi meus amigos escolhendo os cursos nos quais iriam se graduar, enquanto a mim era me dado um direito extremamente limitado de escolha. Àquela altura eu, que creditava à universidade minha única possibilidade de salvação, agarrei-me ao que era possível, como um naufrago agarra uma corda jogada em plena tempestade. Como havia ingenuamente intuído, fui salva pela educação, à medida em que esta constituiu-se numa práxis consciente e reflexiva e não mais num acúmulo de

informações desencontradas e despejadas pelo professor, enquanto único detentor do conhecimento.

Retomando minhas origens, encontro na figura paterna o filho de trabalhadores rurais, que precisou abandonar os estudos antes de concluir a quinta série (atual sexto ano) em detrimento da necessidade de trabalhar. Passou a vida ordenhando leite, apartando e vacinando gado, alimentando animais, plantando, colhendo... Em suma, realizava todo tipo de serviço braçal que lhe fosse solicitado pelos donos da terra, principal meio de produção naquele contexto. Embora os cenários tenham se alterado com o passar dos anos, seu trabalho continua ainda hoje o mesmo. Os versos de Renato Teixeira⁶⁷ retratam imagetivamente sua figura.

Quanto à minha mãe, filha de nordestinos que vieram para Minas Gerais fugindo da seca, concluiu o Ensino Médio e trabalhava como auxiliar de enfermagem quando conheceu meu pai. Em 1985, renunciou aos próprios sonhos em detrimento do casamento, assumindo, para isso, a função *do lar*: lavava, passava e cozinhava para cerca de vinte funcionários da fazenda onde moravam naquela época. Em 2003, após o fim do casamento, retomou os estudos e concluiu, três anos depois, o curso superior. Minha mãe foi também minha alfabetizadora, ensinando-me a magia da leitura e da escrita desde os meus três anos de idade.

Nasci em 1987 e dois anos depois ganhei um irmão. Minha infância teve o gosto do leite recém ordenhado, o cheiro das flores do cafezal e o barulho das galinhas cacarejando ao pôr do sol. Meus brinquedos e brincadeiras estavam sempre ligados à natureza e aos animais. Não obstante, teve a marca implacável da obediência e da servidão, principalmente quando se tratava dos patrões e de seus filhos. Esses últimos, ainda que fossem crianças, nunca podiam ter seus interesses contrariados. No final das contas, os incontáveis episódios de injustiça sofridos tanto por meu irmão quanto por mim nunca tiveram relevância; a razão sempre andava de mãos dadas com o poder.

Vivi assim até os seis anos de idade, quando nos mudamos para a cidade para que eu pudesse estudar. Toda a minha vida escolar teve como pano de fundo o sistema público de ensino, visto que as condições financeiras de nossa família inviabilizam qualquer tipo de regalias. Minhas primeiras lembranças da escola são de lágrimas quentes e silenciosas

⁶⁷ “É de sonho e de pó/ O destino de um só/ Feito eu perdido/ Em pensamentos/ Sobre o meu cavalo/ É de laço e de nó/ De gibeira o jiló/ Dessa vida/ Cumprida a sol”.

escorrendo sobre a cartilha, tamanho era o medo que minha primeira professora me causava. Aos poucos fui me acostumando, embora nunca tivesse coragem de “dar um pio” em sala de aula. Dessa forma, passavam-se os anos, trocavam-se os professores, mas o autoritarismo típico da educação tradicional permanecia intacto. Meu trauma em esboçar qualquer reação diante de qualquer professor só fazia crescer. Não me mexia na carteira, entrava miúda e saía ainda menor, fazia todas as tarefas de casa, nunca esquecia o material e, o mais importante: conseguia decorar todo o conteúdo e atingir a nota integral em todas as matérias, o que me rendeu o rótulo de melhor aluna da escola.

Lembro-me perfeitamente da minha apresentação de trabalho. Àquela altura, eu estava na sexta série, e a professora convocava um a um à frente da turma para recitar o poema “Meus oito anos”⁶⁸, de Casimiro de Abreu. Embora minha memória sempre tivesse sido uma grande aliada, não conseguia conter o desconforto por me ver, pela primeira vez, numa situação onde eu era, ainda que por poucos minutos, o centro das atenções. Apesar de ter conseguido recitar o poema, não consegui disfarçar a tremedeira pela qual fui tomada no momento e que rendeu vários risos e críticas tanto da professora quanto dos alunos. Em outra situação, dois anos mais tarde, outra professora solicitava que fôssemos diante de um mapa mundi, ao passo que ela nos apontava países da Europa, África ou Ásia esperando a resposta correta sobre suas capitais. Apesar de ter passado vários dias debruçada sobre os tais mapas, não consegui conter o nervosismo diante daquela situação e me confundi completamente. O Os berros daquela mulher se dirigindo a mim como uma aluna burra, incompetente e outros adjetivos afins ecoam ainda hoje em minha memória. Lembro-me, também, do dia em que tirei minha primeira nota abaixo da média. A professora expunha aos alunos um misto de surpresa, indignação, frustração e incredulidade por eu não ter sabido desenhar uma parreira

⁶⁸ "Oh! que saudades que tenho/ Da aurora da minha vida,/ Da minha infância querida /Que os anos não trazem mais! /Que amor, que sonhos, que flores, /Naquelas tardes fagueiras /À sombra das bananeiras,/ Debaixo dos laranjais! /Como são belos os dias /Do despontar da existência! /– Respira a alma inocência /Como perfumes a flor; /O mar é – lago sereno, /O céu – um manto azulado, /O mundo – um sonho dourado, /A vida – um hino d’amor! /Que aurora, que sol, que vida, /Que noites de melodia /Naquela doce alegria, /Naquele ingênuo folgar! /O céu bordado d’estrelas, /A terra de aromas cheia /As ondas beijando a areia/ E a lua beijando o mar! / Oh! dias da minha infância! / Oh! meu céu de primavera! /Que doce a vida não era / Nessa risonha manhã! / Em vez das mágoas de agora,/ Eu tinha nessas delícias/ De minha mãe as carícias/ E beijos de minha irmã! /Livre filho das montanhas,/ Eu ia bem satisfeito,/ Da camisa aberta o peito, /– Pés descalços, braços nus – /Correndo pelas campinas /À roda das cachoeiras,/ Atrás das asas ligeiras/ Das borboletas azuis! / Naqueles tempos ditosos/ Ia colher as pitangas,/ Trepava a tirar as mangas,/ Brincava à beira do mar;/ Rezava às Ave-Marias,/ Achava o céu sempre lindo./ Adormecia sorrindo/ E despertava a cantar! / Oh! que saudades que tenho/ Da aurora da minha vida,/ Da minha infância querida/ Que os anos não trazem mais! / – Que amor, que sonhos, que flores, / Naquelas tardes fagueiras/ À sombra das bananeiras/ Debaixo dos laranjais!"

de uva. Depois desse dia, nunca mais ousei desenhar... A escola havia matado a desenhista que havia em mim.

Junte-se a isso o fato de meu pai ter verdadeira aversão a qualquer coisa relacionada à escola. Não suportava voltar do trabalho e encontrar cadernos esparramados sobre a mesa de jantar, o que nos deixava constantemente atentos ao barulho oriundo do portão por onde ele chegava. Todos os dias cumpríamos o mesmo ritual, escondendo o mais rápido possível quaisquer resquícios escolares antes que ele adentrasse a casa. Acrescente-se, ademais, o fato de ser mulher numa família extremamente machista e conservadora, o que me trazia constantes repreensões, dentro e fora de casa, por qualquer atitude que se desviasse dos padrões patriarcais. Assim sendo, quaisquer situações que me demandavam algum tipo de exposição passaram a ser um verdadeiro martírio. Afinal, no palco da vida nunca me ofereceram o papel de protagonista. Não me ensinaram a ter voz. Ao contrário, sempre me calavam e, quando tentei falar, fui ridicularizada⁶⁹.

Quanto às minhas experiências profissionais, lembro-me que comecei a trabalhar ainda no segundo ano do Ensino Médio. Meu pai havia saído de casa e nos deixado sem nenhum tipo de apoio financeiro. Saí, então, distribuindo currículos por toda a cidade e ofereci minha força de trabalho em troca de cursos que meus pais não poderiam pagar. Passei por algumas empresas à medida que surgiam melhores oportunidades no tocante ao salário. Ressalte-se aqui que a posição de obediência e servidão que me inculcaram ainda na infância se manifestava como predicados da funcionária exemplar. Em toda a minha vida profissional, não me lembro de ousar responder de forma negativa aos pedidos de meus superiores, o que sempre me rendeu situações de exploração e trabalho extra, seja após o expediente ou em dias de folga.

⁶⁹ "A mulher mal nasce/ Começa a ser bombardeada/ Feche as pernas/ Sente-se igual mocinha/ Arrume a casa/ (Seu irmão não precisa/ Porque nasceu homem)/ Brinque de boneca/ Mamãe e filhinha/ Princesas são loiras/ Dos olhos azuis/ Seja Barbie/ Seja magra/ Barriga chapada /Alise o cabelo/ Use batom clarinho/ Não use saia curta/ Não use decote/ Não use batom vermelho/ Não use/ Não seja/ Seja a melhor aluna/ Tire as melhores notas/ Sempre obedeça ao professor/ Ele é seu superior/ Case-se virgem/ Não seja fácil/ Tenha pelo menos um filho/ Porque deus me livre/ Morrer sem deixar alguém/ Cuidado para não engravidar/ Aborto é pecado/ Finja/ Sufoque suas dúvidas/ Engula o choro/ Por todas as vezes/ Que você não pôde ser quem é/ Vista suas máscaras/ Aceitação/ Opressão/ Repressão/ Frustração/ Indignação/ Corpo, mente e espírito/ Numa panela-de-pressão/ Explosão de ansiedade/ Depressão/ Insegurança/Autodestruição/ Vazio.../ Afinal, quem é que controla/ O meu corpo?! Escuta, menina/ Só pode ser feliz/ Quem é livre/ Liberte-se das máscaras/ Liberte-se..." (Poema construído pela autora durante as aulas de teatro na Escola Livre do Grupontapé de Teatro e utilizado no exercício cênico Superpoderes, sob a direção do Professor Cássio Machado).

Durante toda a minha graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia (2012-2015), nunca consegui deixar de carregar o fardo da dificuldade em me expor, embora já trouxesse alguma maturidade oriunda de minhas experiências de vida. Não sabia lidar com o tal papel de protagonista que nunca me deixaram assumir e, por isso, sofria bastante quando me via numa posição que sempre me foi negada. De tanto me calarem, o ato de falar - aparentemente simples para alguns - me provocava um medo desmedido. Aos poucos, pude perceber que aquele entrave não era só meu. Identificava também em meus colegas a mesma insegurança que me afligia, em graus maiores, menores ou semelhantes.

Até o fim do terceiro ano da faculdade, não tinha pretensão de pleitear uma vaga no mestrado acadêmico, principalmente pela necessidade de trabalhar durante o curso. Talvez isso me tenha furtado várias oportunidades no tocante à construção de um bom currículo. A decisão de prosseguir na vida acadêmica só foi tomada no último ano da graduação, quando não foi me dada outra opção senão abdicar do meu emprego em prol do cumprimento do estágio obrigatório. Além disso, o incentivo de alguns professores, seja por suas histórias de vida, seja por palavras de apoio, me encorajaram a seguir adiante. Na mesma época, ouvi uma frase que dizia haver neste mundo apenas duas formas de se conseguir respeito: ou ficando muito rica ou tornando-me uma intelectual. Agarrei-me, assim, à última opção, a única concebível àquela altura, e fui aprovada, no fim da graduação (2015) para o Mestrado Acadêmico na Linha de Pesquisa "Trabalho, Sociedade e Educação", após um período de extrema resignação e intensa dedicação.

Outro ponto crucial nesse processo foi o surgimento de uma vaga como bolsista no Projeto "Rádio Eseba Ativa", da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, em 2015. O projeto consistia na gravação de *podcasts* periódicos em parceria com a comunidade escolar, posteriormente veiculado nas redes sociais. Não por acaso, esse trabalho me deu voz - literalmente - além da oportunidade de conviver com pessoas cujas ideias e ideais foram fundamentais para meu crescimento pessoal e intelectual. Minha primeira e mais relevante produção científica deve-se ao idealizador desse projeto, Professor Ms. Getúlio Ribeiro e à Professora das Séries Iniciais Mariane Éllen da Silva. Nossa parceria resultou no artigo "A Rádio Eseba Ativa da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia: perspectivas pedagógicas a partir do fluxo intercultural de conhecimentos", apresentado no IX SICEA - I SICEA Internacional, realizado em Juiz de Fora-MG, em 2015.

Ademais, não posso deixar de destacar a grande oportunidade oferecida pelo meu então professor de Currículos e Culturas Escolares, Dr. Antonio Bosco de Lima, para que integrasse o Grupo de Pesquisa Estado, Democracia e Educação. Embora minha participação seja recente, já tive a chance de estreitar laços com pessoas incríveis, além de participar como colaboradora do I Encontro Nacional sobre Conselhos Municipais de Educação, realizado em 2016.

Participei, também, de cursos e eventos que contribuíram sobremaneira para minha formação acadêmica, a saber:

- Curso de Competências Básicas (2014) e Curso Fundeb (2015), ambos oferecidos pelo Programa Nacional de Formação Continuada a Distância nas Ações do FNDE, com carga horária de 60 horas cada;

- Palestra Conversas Indígenas sobre o ato de educar (se), 2015;

- II Seminário Internacional Desafios do Trabalho e Educação no Século XXI, 2015;

- IV Ciclo de Oficinas Pedagógicas e IX Seminário de Prática Educativa, 2015;

- Mini-curso "O nada por ser tudo: imaginação e mito na criação do eu e da história em Fernando Pessoa", 2015;

- Seminários Integrados de Educação de Jovens e Adultos, X Trieja, Diversidade e Inclusão, Eja e Juventude, Entrelaçando Saberes: diversidade e inclusão, 2015;

- Debate com o produtor do filme documentário "Plantas, pedras e outros caminhos" (Prof. Dr. Ricardo Wagner Machado da Silveira), 2014;

- Apresentação Oral no III Ciclo de Oficinas Pedagógicas e VIII Seminário de Prática Educativa do Trabalho "Tudo Bem Ser Diferente: lidando com a diversidade na Educação Infantil", 2014;

- Debate Re-Neguem: debatendo gênero e a produção de pesquisadoras do Núcleo de Estudos de Gênero da UFU, 2014.

Por fim, não posso deixar de registrar o encontro com meu objeto de pesquisa, após ter mudado de ideia algumas vezes. A mudança é um processo pelo qual tenho profunda admiração. Ela me encoraja e me oferece segurança para me apegar ao que realmente importa: humanidade, alteridade, empatia e solidariedade. Aprendi a olhar com mais cuidado para as minorias, principalmente aquelas invisíveis aos olhos da sociedade. Tornei-me alguém mais sensível às dores das mulheres, dos negros, dos índios, dos LGBTs, dos imigrantes, dos idosos, enfim, de qualquer classe vítima de opressão. Meu contato com a

“Pedagogia do Oprimido” e a busca por um autor que dialogasse com Paulo Freire me trouxeram o “Teatro do Oprimido”, de Augusto Boal. Procurei, primeiramente, alguns vídeos para me inteirar do assunto e, em menos de trinta minutos, estava completamente rendida aos encantos dessa proposta de educação que, sumariamente, traz em seu bojo a possibilidade de protagonização das classes oprimidas. Acredito que a consolidação dessa pesquisa trará, para além de benefícios inquestionáveis no que tange à uma mudança de postura do público alvo, uma conquista íntima de alguém que lutará com as armas do trabalho científico em favor do protagonismo dos oprimidos no palco da vida.

Referências:

ABREU, Casimiro de. **As Primaveras**. São Paulo: Martins S/A, 1972.

TEIXEIRA, Renato. **Romaria**. Intérprete: Renato Teixeira. Rio de Janeiro: PhonoGram, 1978. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=gMXsho5hwiM>>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

7.2 Roteiro para Entrevista



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Idade.
2. Nível de escolaridade.
3. Tipo de trabalho exercido durante a vida.
4. Você se sente mal por ser chamado de velha/idosa? Por quê?
5. Você já teve contato com teatro?
6. Você sente algum desconforto/dificuldade de se expor (ex.: falar em público, estar em um palco)?
7. Expectativas sobre as aulas de teatro.